



As datas entre colchetes foram arbitradas de acordo com o assunto abordado.

<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.101</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Inauguração da Escola Lasar Segall</p> <p>1.2 Faixa 2 Inauguração da Escola José Henrique Rodo, em Jacarepaguá</p> <p>1.3 Faixa 3 Continuação da Faixa Anterior Inauguração da Escola José Henrique Rodo, em Jacarepaguá</p> <p>1.4 Faixa 4 Com defeito</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1. Faixa 1 Elogios ao patrono e família, preconceito ideológico, fanatismo político, nazismo, comunismo, Forças Armadas defendem o país, guerra interna e externa, guerra subversiva, democracia X demagogia, cassação de mandatos, demora das Forças Armadas em agir</p> <p>2.2 Faixa 2 Elogios ao Uruguai, direito de asilo, elogios ao patrono</p> <p>2.3 Faixa 3 Elogios ao patrono, atuação das mulheres na “Revolução”, elogios ao Uruguai</p> <p>2.4 Faixa 4 Com defeito</p>	<p>F1: 13 min F2: 17 min F3: 5 min</p>	<p><b>F1:[1963/1965]</b> <b>F2:[1963/1965]</b> <b>F3:[1963/1965]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Inauguração da Escola Lasar Segall O governador Carlos Lacerda diz que queria apenas lembrar duas coisas que vinham bem a propósito. A primeira era que Lasar Segall não tinha dado ao Brasil apenas seus quadros, que colocaram a arte brasileira em destaque, mas também dera ao Brasil uma família, uma honrada e boa família. Fala sobre a sua amizade com Oscar, filho de Lasar Segall. Lacerda conta que por volta de 1933, Lasar Segall fez a sua primeira exposição no Rio de Janeiro, no salão da ProArte, que era uma organização germano-brasileira subvencionada pela embaixada alemã. Diz que Segall, judeu de nascimento e religião, fez a última exposição neste local, sem preconceito ideológico ou fanatismo político. Dias depois, a embaixada alemã intimou os sócios da ProArte a aderirem ao nazismo ou perderiam a subvenção. Lacerda diz que os sócios se reuniram e, embora os nazistas fossem minoria, acabaram prevalecendo. Lacerda conta que estava presente à reunião e que se levantou com outros, católicos, protestantes, judeus e outros sem religião e se retiraram, para não compactuarem com os nazistas. Lacerda explica que o nazismo tinha sido substituído pelo comunismo, que utilizava os mesmos métodos, as mesmas táticas de domínio das maiorias desorganizadas pelas minorias organizadas, fanatizadas e treinadas para impor seu fanatismo aos outros. Afirma que a Marinha, o Exército e a Aeronáutica tiveram que se levantar para defender o país. Assinala que já havia menos perigo na guerra externa do que nas guerras internas, aquelas em que os comunistas tentavam conquistar cada país sem guerra, conquistando as consciências, envenenando-as. Lacerda chama essa guerra de subversiva, uma guerra sem armas, que substituíam a democracia pela demagogia. Comenta que a única queixa que se poderia fazer às Forças Armadas era a de que elas quase tinham demorado demais para agir. Lacerda defende a cassação dos mandatos de políticos que os desonraram, e que tinham sido eleitos para cuidar do Brasil, porém cuidando da Rússia. Diz que o povo queria justiça e tranquilidade para trabalhar em paz.</p> <p><i>Faixa 2</i> Inauguração da Escola José Henrique Rodo, em Jacarepaguá Carlos Lacerda diz que a inauguração da escola tinha sido antecipada, porque aquela era a hora de homenagear o Uruguai. Afirma que a história do Uruguai era orgulho para todo o continente americano, especialmente para o Brasil. Elogia o Uruguai por atender aos brasileiros que pediam</p>
---	--	--	---



			<p>asilo no país. Acrescenta que os brasileiros sabiam que jamais o governo e o povo uruguaio permitiriam que, no seu solo sagrado, se conspirasse contra o direito de asilo, para matar brasileiros. Lacerda diz que anteriormente esta escola tinha sido inaugurada com o nome de José Henrique Rodo, no momento em que o Brasil infligia ao comunismo internacional a sua maior derrota. Conta que o Brasil tinha sido obrigado a prender alguns dos seus filhos transviados, para evitar que eles empunhassem o punhal da traição. Faz elogios a José Henrique Rodo, diz que era um crítico literário, escritor e filósofo político, e que o conheceu por influência de seu pai. Cita algumas frases do livro <i>Ariel</i>, escrito por José Henrique: “O espírito da democracia é, essencialmente para a nossa civilização, um princípio de vida contra o qual seria inútil rebelar-se”. Outra frase do livro: “É na escola por cujas mãos procuramos que passe a dura argila das multidões, onde está a primeira e mais generosa manifestação da equidade social, que consagra para todos o acesso ao saber e aos meios mais eficazes de superioridade”. Volta a elogiar José Henrique, por defender a democracia.</p> <p><i>Faixa 3</i> Continuação da Faixa Anterior Inauguração da Escola José Henrique Rodo, em Jacarepaguá Lacerda continua a fazer um discurso em que exalta José Henrique e cita uma frase sua “Enquanto na América se puder juntar dois pedaços de madeira e com eles formar uma cruz, não haverá tirania.” Diz que foi por isso que as mulheres do Brasil, primeiro em Minas Gerais, depois em São Paulo e no Rio de Janeiro, conduziram e venceram uma “Revolução”. Lacerda diz que foram as mulheres que fizeram a “Revolução”, deram a medida do perigo que o país corria, que foram elas, com um rosário em uma das mãos e o manifesto na outra, fazendo abaixo-assinados e organizando desfiles, que atuaram. Lacerda agradece a presença de todos, do povo de Jacarepaguá e Vila Valqueire. Acrescenta que a escola era modesta, mas trazia um nome altivo e luminoso, que se igualava no Uruguai a Artigas e San Martin. Diz que o Uruguai era uma pequena nação que iluminava a América.</p> <p><i>Faixa 4</i> Com Defeito</p>
BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.102	F1: 7 min F2: 15 min F3: 17 min F4: 7 min F5: 3 min F6: 17min F7: 16 min F8: 8 min	<b>F1: 05/04/1963</b> <b>F2: [1963]</b> <b>F3: 19/06/1963</b> <b>F4: 19/06/1963</b> <b>F5: 19/06/1963</b> <b>F6: 30/04/1963</b> <b>F7: 27/08/1962</b> <b>F8: [1963]</b>	<p><i>Faixa 1</i> Inauguração da Escola Euclides Roxo, em Guaratiba Carlos Lacerda afirma estar emocionado por ter dado o nome do professor Euclides Roxo à escola. Relata que o tinha conhecido pessoalmente, e apesar de não ser bom aluno de matemática, sempre foi um admirador do professor e de seus livros. Agradece o esforço da Administração</p>
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Inauguração de Escola Euclides Roxo, em Guaratiba			
1.2 Faixa 2			



<p>Inauguração da Escola Tagore</p> <p>1.3 Faixa 3 Inauguração da Escola Sun-Yat-Sen, na Ilha do Governador</p> <p>1.4 Faixa 4 Inauguração da Escola Municipal Comandante Fisher Presses, na Ilha do Governador</p> <p>1.5 Faixa 5 Continuação da Faixa 4 Inauguração da Escola Municipal Comandante Fisher Presses, na Ilha do Governador</p> <p>1.6 Faixa 6 Inauguração da Escola Engenheiro Halfeld, em Campo Grande</p> <p>1.7 Faixa 7 Inauguração da Escola Corinto da Fonseca - Realengo</p> <p>1.8 Faixa 8 Inauguração do Ginásio Estadual Olavo Bilac, em São Cristóvão</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1. Faixa 1 Elogios ao patrono e ao professorado, Instituto de Educação em Campo Grande</p> <p>2.2 Faixa 2 Apoio da Fundação Otávio Mangabeira, construção de escolas, ginásio público e gratuito, homenagem à Índia e à Cecília Meireles, educação: problema econômico, subúrbio: prioridade</p> <p>2.3 Faixa 3 Apoio da Fundação Otávio Mangabeira, construção de escolas, educação primária gratuita, obras na ilha do Governador, elogios ao patrono, pai da democracia chinesa, influências da China, história da China, crítica a Mao-Tse-Tung, propaganda comunista</p> <p>2.4 Faixa 4</p>		<p>Regional, a colaboração dos moradores e a dedicação da nova coordenadora de educação. Agradece às jovens professoras que iriam lecionar no colégio. Lacerda menciona que alguns professores encaravam como um sacrifício dar aulas em Campo Grande e esperava que um dia o bairro tivesse um Instituto de Educação para formar suas próprias professoras, para que atendessem às escolas de Campo Grande e também às de outros bairros.</p> <p><i>Faixa 2</i> Inauguração da Escola Tagore, na Abolição Lacerda fala sobre as obras que o governo do estado estava fazendo no bairro da Abolição e adjacências. Comenta que naquele dia iria percorrer algumas das obras que estavam sendo realizadas naqueles bairros. Comemora a inauguração da 53ª escola no estado, com o apoio da Fundação Otávio Mangabeira. Promete que, no fim de 1964, haveria ensino ginásial público e gratuito para todos os jovens da Guanabara. Lacerda diz que era uma grande honra receber o embaixador da Índia e prestar homenagem a este país. Também comenta a presença de Cecília Meireles à cerimônia. Faz elogios à Cecília Meireles, que foi sua professora e sua primeira patroa, no <i>Diário de Notícias</i>, quando ele começou sua carreira como jornalista. Lacerda assinala que escrevia sobre educação sob a orientação de Cecília. Acredita que a educação continuava a ser o principal problema econômico do Brasil, pois devia preparar o seu povo para que ele fizesse o desenvolvimento nacional. Conta que tinha aprendido com Cecília Meireles a gostar de Tagore. Alerta que o único caminho para o país melhorar era dar instrumentos para que o povo melhorasse. Avisa que não acredita em reformas que não tivessem começado na escola. Afirma que não acreditava na liberdade através da desordem, que levava à tirania, defendia a liberdade através da disciplina consentida. Comenta que a prioridade do seu governo era o subúrbio, por ser a região do estado que mais precisava de investimentos, por isso, iria pedir à Assembleia Legislativa que 85% do orçamento fosse destinado aos subúrbios.</p> <p><i>Faixa 3</i> Inauguração da Escola Sun-Yat-Sen, na Ilha do Governador Lacerda anuncia que aquela era a 48ª escola construída pelo governo do estado, com o apoio da Fundação Otávio Mangabeira. Divulga que o estado da Guanabara era o primeiro do Brasil a oferecer educação primária gratuita para todos. Assinala que esperava que este exemplo fosse seguido pelos outros estados brasileiros. Relata as obras que o governo do estado estava fazendo na Ilha do Governador. Comenta o nome escolhido para a escola e adianta que o patrono da escola</p>
---	--	--



Elogios ao patrono e à família, aniversário da Administração Regional da Ilha do Governador, descentralização administrativa, apoio da indústria e do comércio, patrocínio da Fundação Otávio Mangabeira

#### 2.5 Faixa 5

Nome educativo da escola, elogio a José de Alencar

#### 2.6 Faixa 6

Investimentos na Zona Oeste, apoio da Procuradoria do Estado, parceria com a Fundação Otávio Mangabeira, cumprimento da Constituição, bolsas de ensino, elogios ao patrono

#### 2.7 Faixa 7

Críticas à Assembleia Legislativa, Fundo Estadual de Educação, boa escolha de candidatos, eleições para o Congresso, elogios ao patrono

#### 2.8 Faixa 8

Elogio ao civismo de Olavo Bilac, serviço militar obrigatório, democracia e liberdade

era um mestre da moderna democracia, o pai da democracia chinesa, que ficou conhecido por seus três princípios: independência nacional, democracia política e bem-estar social, ou seja, tinha resumido o ideário do mundo democrático moderno. Explica que o patrono da escola tinha feito parte de uma geração de chineses que não se conformava mais com a disputa do seu país por imperialismos rivais. Discorre sobre as influências culturais da China no Brasil. Lacerda lembra que a pátria chinesa estava entregue a uma oligarquia corrupta, que entregava o seu país ao domínio estrangeiro e que tinha sido preciso que um homem do valor de Sun-Yat-Sen fundasse um partido e fixasse nos três princípios uma luta definida, para que a China deixasse de ser um país disputado pela Rússia e pelo Japão. Lacerda diz que, por volta de 1912, o movimento de independência da China tinha trazido o país para o mundo moderno. Considera que no Brasil se conhecia pouco a história da China. Lacerda conta que a China tinha começado a se modernizar com a queda da dinastia imperial, com o advento da República chinesa. Salaria que fora com a obra de modernização de um grande democrata que a China tinha começado a se industrializar, a modernizar as suas universidades. Critica a reforma agrária de Mao-Tse-Tung e elogia a que foi feita por Sun-Yat-Sen. Agradece a presença do embaixador da China à cerimônia de inauguração da escola. Lacerda diz que os brasileiros estavam sendo enganados em relação à China, por causa da propaganda comunista. Acha que a população estava sendo enganada pela imprensa e pelos homens públicos.

#### *Faixa 4*

Inauguração da Escola Municipal Comandante Fisher Presses, na Ilha do Governador  
Carlos Lacerda fala sobre a importância de inaugurar mais uma escola na ilha do Governador. Agradece em nome do estado à senhora Fisher Presses pela dedicação que ela devotava à escola que recebeu o nome de seu filho. Agradece também a colaboração do prefeito militar e das autoridades da Aeronáutica no Galeão. Diz que, naquele dia, estava sendo celebrado o primeiro ano da Administração Regional da Ilha do Governador. Lacerda considera que a descentralização administrativa era a primeira e a mais urgente medida para intensificar o esforço de renovação administrativa no país. Agradece o apoio da indústria e do comércio à Fundação Otávio Mangabeira, que auxiliava o estado na construção de escolas e agradece também à Fundação. Explica que a escola inaugurada pertencia a um novo tipo de construção que tinha sido adotado recentemente.

#### *Faixa 5*



Continuação da Faixa 4

Inauguração da Escola Municipal Comandante Fisher Presses, na Ilha do Governador

Lacerda fala sobre a importância de dar um nome à escola de forma que as professoras pudessem ensiná-la a seus alunos sem constrangimentos. Cita o exemplo da escola em que estudou, José de Alencar, em que as professoras nunca tiveram dificuldade de explicar quem foi o patrono da escola. Acrescenta que as professoras da escola que estava sendo inaugurada também não teriam dificuldade de explicar o nome do seu patrono.

*Faixa 6*

Inauguração da Escola Municipal Halfeld, em Campo Grande

Lacerda fala sobre os investimentos do governo do estado da Guanabara na Zona Oeste da cidade, incluindo o incentivo à agricultura e o apoio jurídico da Procuradoria do Estado. Diz que se sentia muito feliz por receber, na manhã do seu aniversário, a visita do arcebispo Geraldo Penido. Agradece também a presença de um vereador de Juiz de Fora. Lacerda relata que um ano e meio atrás tinham sido inauguradas em Campo Grande as duas primeiras escolas, fruto da parceria entre o governo do estado e a Fundação Otávio Mangabeira. Assinala que aquela era a 46ª escola a ser inaugurada dentro daquela parceria. Menciona que estava cumprindo a Constituição, porque havia um artigo que dispunha que todas as empresas com mais de cem empregados deveriam garantir a educação primária dos filhos de seus funcionários. Lacerda afirma que era mais fácil cumprir a Constituição do que querer modificá-la. Entende que cumprindo a Constituição, a indústria e o comércio tinham começado a auxiliar o governo do estado a construir escolas, através da Fundação Otávio Mangabeira. Fala sobre as dificuldades iniciais enfrentadas pelo seu governo e que tinha conseguido resolver o problema da falta de escola, e que, naquele momento, havia 15 mil vagas não preenchidas nas escolas primárias da Guanabara. Mas, ressalta que não queria que o ensino fosse monopólio do Estado e por isso investia na construção de ginásios públicos e gratuitos, mas também forneceria bolsas de ensino para subvencionar o ensino livre, possibilitando que os pais pudessem escolher o tipo de ensino que queriam dar a seus filhos. Comenta que o patrono da escola tinha sido um dos homens que mais deram exemplo de dedicação ao Brasil e um dos que mais prestaram serviço ao país. Lacerda afirma que ele foi um dos muitos estrangeiros que vieram colocar-se a serviço do povo brasileiro. Lembra que, em 1937, quando descera o curso médio do rio São Francisco, tinha pedido para ver as cartas de navegação do rio, e viu que ainda eram as cartas feitas pelo engenheiro Halfeld, elaboradas havia quase cem anos. Entende que dar



o nome do engenheiro à escola era uma forma de homenagear o fundador de Juiz de Fora e a própria cidade.

*Faixa 7*

Inauguração de Escola Corinto da Fonseca

Carlos Lacerda acha que o governo não fazia favor ao construir escolas, estava simplesmente cumprindo o seu dever. Critica alguns deputados da Assembleia Legislativa que achavam que tinham sido eleitos para votar menções de congratulações e projetos de favor. Lacerda enfatiza que alguns não sabiam para que tinham sido eleitos. Considera que alguns deputados cumpriam com o seu dever, mas, outros não. Diz que muitos políticos na véspera das eleições pediam votos e no dia seguinte não davam satisfações ao povo. Lacerda acha que os políticos não deviam acomodar-se, deviam continuar estudando e aprendendo. Questiona se todos os políticos da Guanabara poderiam dizer que estavam fazendo tudo para cumprir as promessas que haviam feito nas eleições. Critica a Assembleia por ainda não ter votado o Fundo Estadual de Educação, e pergunta: A quem interessaria não votar o Fundo? e responde, que só interessava a quem queria manter o povo na ignorância. Salaria que era preciso banir estes políticos da vida pública da Guanabara. Acrescenta que os favores pessoais não absolviam estes políticos, porque eles faziam estes favores às custas da miséria de todos. Lacerda pede ao povo para tomar cuidado com os amigos de véspera de eleição, que deveriam lembrar-se do amigo do dia seguinte às eleições. Fala que nunca perguntou a uma professora se ela tinha votado nele, nem tinha feito esta pergunta aos pais das crianças da Guanabara. Por isso, acredita ter o direito de pedir ao povo que escolhesse bem seus candidatos ao Congresso. Faz elogios ao patrono da escola, que foi professor e jornalista. Relata que ele era um dos mais completos e dedicados professores, além de ser um pioneiro no terreno da orientação, seleção e preparação profissional. Diz que o conheceu pessoalmente e que ele era extremamente sensível, inteligente e modesto.

*Faixa 8*

Discurso de Carlos Lacerda na Inauguração do Ginásio Estadual Olavo Bilac, em São Cristóvão  
Carlos Lacerda fala sobre o patrono da escola, Olavo Bilac. Narra que ele foi o grande poeta do seu tempo, que levou a poesia parnasiana a um nível nunca antes atingido. Considera que Bilac soube vencer todas as dificuldades de fazer poesia no seu tempo. Mas, destaca que o mais importante para que Olavo Bilac recebesse a homenagem de dar nome a uma escola não eram as suas poesias ou a sua atuação como jornalista e sim a sua obra de evangelizador do civismo brasileiro. Diz que em uma época em que as gerações mais bem



			sucedidas desprezavam o patriotismo, em que ainda havia o desprezo ao trabalho, herdado da escravidão, coube a Olavo Bilac, com o apoio do Exército Nacional, defender o serviço militar obrigatório. Salienta que Olavo Bilac tinha trazido a juventude das escolas para as casernas, das fábricas para os quartéis. Lacerda afirma que tinha sido Bilac que dera ao civismo brasileiro o conteúdo de uma causa eminentemente popular, inseparável da democracia e da liberdade.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.103</b>	F1: 15 min F2: 12 min F3: 10 min F4: 15 min F5: 10 min F6: 42 min F7: 8 min F8: 10min	<b>F1: 27/09/1964</b> <b>F2: 28/09/1964</b> <b>F3: 23/10/1964</b> <b>F4: 04/09/1964</b> <b>F5: 19/11/1963</b> <b>F6: [1963/1964]</b> <b>F7: 09/09/1964</b> <b>F8: 07/08/1964</b>	<i>Faixa 1</i> Inauguração da Escola Senegal O governador Carlos Lacerda agradece a presença do presidente e do embaixador do Senegal na inauguração da escola. Faz diversos elogios ao presidente do Senegal. Diz que a escola tinha sido construída após uma visita dele ao bairro, com o secretário de Educação. Lacerda afirma que o mais importante era construir uma escola, não necessariamente grande ou luxuosa. Pede licença para poder falar em francês, a língua do visitante. Começa chamando o presidente do Senegal, Leopoldo [Léopold Sédar Senghor] que segue discursando em francês. Lacerda traduz o discurso, dizendo que o presidente falou que comparecera com grande prazer à inauguração da escola e que o governo da Guanabara era revolucionário porque procurava dar água, eletricidade, casa, comida e escola ao povo. O presidente afirmou que o seu governo no Senegal também era revolucionário e que sua visita iria estreitar a amizade entre Brasil e Senegal.
1. Assunto			
1.1 Faixa 1 Inauguração da Escola Senegal			
1.2 Faixa 2 Inauguração da Escola General Mitre			
1.3 Faixa 3 Inauguração da Escola Geny Gomes			
1.4 Faixa 4 Inauguração da Escola Antônio Maceo			
1.5 Faixa 5 Festa da Bandeira – Praça da Bandeira			
1.6 Faixa 6 Inauguração da Nova Sede da ESPEG (Escola de Serviço Público da Guanabara)			<i>Faixa 2</i> Inauguração da Escola General Mitre Lacerda lamenta que tivesse terminado a construção da escola depois do prazo estabelecido, devido às dificuldades financeiras enfrentadas pelo governo. Mas, comemora a aprovação do Fundo para a Educação pela Assembleia Legislativa. Critica as investigações sobre as verbas utilizadas pela SURSAN (Superintendência de Urbanização e Saneamento) para realizar obras do governo da Guanabara. Diz que a educação pública e gratuita garantida era o padrão pelo qual se media a educação, tanto na democracia do Estados Unidos quanto no comunismo da Rússia. Lacerda afirma que estas duas nações estavam prosperando porque contavam, há dez anos, com educação pública para seus filhos. Lacerda ressalta que o estado da Guanabara era o primeiro em toda a América Latina a garantir dez anos de educação pública e gratuita para os suas crianças. Comenta que mais importante do que construir escolas era valorizar o trabalho das professoras. Agradece em nome dos habitantes do Rio de Janeiro, na pessoa de dona Adaltiva Bahia dos Santos, ao magistério carioca do qual ela era um símbolo e um padrão. Lacerda afirma que não costumava dar o nome de parentes a escolas. Mas que, nesta escola com o nome do
1.7 Faixa 7 Inauguração da Escola Armando Lombardi			
1.7 Faixa 8 Inauguração da Escola Araci Muniz Freire, em Magalhães Bastos			
2. Temas			
2.1 Faixa 1 Elogios ao presidente do Senegal, governo revolucionário da Guanabara, água, eletricidade, casa e comida, amizade Brasil/Senegal			
2.2 Faixa 2 Aprovação do Fundo para a Educação, críticas às			



investigações sobre a SURSAN, educação nos EUA e na URSS, garantia de dez anos de escola, elogio ao professorado

### 2.3 Faixa 3

Critério na escolha dos nomes das escolas, estatísticas escolares, Correio Aéreo Nacional, elogio a Santos Dummont e à patronesse da escola, elogios ao brigadeiro Eduardo Gomes

### 2.4 Faixa 4

Exaltação de Juanita Castro, elogios ao patrono da escola, críticas a Cuba, liberdade, comunismo, paz ameaçada

### 2.5 Faixa 5

Homenagem à pátria, reforma da praça da Bandeira, bandeira: símbolo da união, ordem e progresso, liberdade e lei

### 2.6 Faixa 6

Elogios ao governador do Amazonas, homem da “Revolução”, elogios ao presidente do Senegal, formação de quadros para a administração pública, revolução tecnológica, reformulação do serviço público, descentralização administrativa, pistolão, troca de favores, balanço de governo, aposentados, crise mundial do Legislativo, relação Legislativo/Executivo

### 2.7 Faixa 7

Elogios ao patrono, mensagem ao papa Paulo VI

### 2.8 Faixa 8

Exaltação a Theresinha Saraiva, elogio ao magistério e ao patrono da escola, mobiliário das escolas

general Mitre, era justa a placa com o nome de Adaltiva.

### Faixa 3

Inauguração da Escola Geny Gomes

O governador Carlos Lacerda inaugura a 136ª escola primária pública e promete inaugurar mais 51 escolas até o final daquele ano. Menciona que no ano em curso o governo tinha entregue uma média de cinco escolas por mês. E que o governo também tinha investido na abertura de vagas no ensino ginásial público. Lacerda fala sobre o rigoroso critério de escolha do nome das escolas. Assinala que tinha escolhido inaugurar a escola Geny Gomes no Dia do Aviador, no dia para o qual se tinha destinado aquele que era uma síntese da família que ela, dona Geny, havia fundado, seu filho, que era um símbolo das melhores qualidades e virtudes do povo brasileiro. Conta que este também era o dia em que nascera dona Geny, mãe do fundador do Correio Aéreo Nacional, e o dia em que Santos Dummont, pela primeira vez, levou ao ar um aparelho que iria ser o começo da aviação. Lacerda diz que não era preciso dizer muito para fazer o elogio à mulher que dava nome à escola. Explica que ela, como tantas outras mulheres brasileiras, tinha salvo o país e a liberdade do mundo ocidental. Uma mulher que agiu através dos homens que havia criado. Diz que só conheceu dona Geny Gomes quando seu filho já saía para caminhadas de glória e de honra pelo país. Faz diversos elogios a Geny Gomes e a seu filho, o brigadeiro Eduardo Gomes.

### Faixa 4

Inauguração da Escola Antônio Maceo

Carlos Lacerda agradece a presença de Juanita Castro à inauguração. Diz que enquanto o vigário abençoava a escola, lembrou-se de que nas escolas cubanas ninguém tinha o direito de rezar, porque em Cuba era obrigatório não se acreditar em Deus. Comenta que teve a honra de receber Juanita Castro em seu gabinete e tinha pedido a ela que escolhesse o nome de um herói de sua pátria para dar nome à escola. Juanita escolheu o nome de um tratador de cavalos, nascido de avós escravos, com a vocação de servir à causa da liberdade de seus irmãos, Antônio Maceo. Lacerda diz que ele nasceu em um ano propício ao nascimento de revolucionários, 1848. O governador relata que Maceo exilou-se na Jamaica, depois na Costa Rica, e que foi ferido vinte e oito vezes, mas resistiu para continuar a lutar pelo seu povo e pela liberdade. Lacerda assinala que Maceo não era um intelectual, como o seu companheiro e líder, José Martí. Ele representava, na história da independência de Cuba, o trabalho braçal, o proletário, para levar a José Martí o apoio dos negros, mulatos, o apoio de um povo inteiro. Diz que não quis levar Juanita Castro a um bairro elegante, preferiu levá-la a um bairro que ainda



precisava de muitas melhorias, para que ela sentisse, junto aos seus irmãos do Brasil, o mesmo amor à liberdade que fez o Brasil se libertar do comunismo, como um dia Cuba se libertaria. Lacerda diz que Juanita Castro tinha saído de Cuba para não deixar que o mundo se esquecesse de seu país. Lacerda conta a trajetória da vida de Juanita Castro. Acrescenta que enquanto houvesse escravidão em Cuba, a paz dos brasileiros estaria ameaçada.

#### *Faixa 5*

Festa da Bandeira – Praça da Bandeira

O governador Carlos Lacerda assegura que não existia um dia especial para amar a pátria. Fala sobre a importância das datas comemorativas, nas quais a comunidade se reunia para reafirmar coletivamente a sua fidelidade às ideias comuns, aos interesses em comum, permanentes e superiores. Faz elogios à praça da Bandeira, então reformada recentemente, e se sente feliz de ver o governo e o povo juntos, homenageando a pátria. Agradece a presença dos militares de Agulhas Negras à cerimônia. Explica que a bandeira era o símbolo da união, o penhor da liberdade, o sinal da fé no futuro de uma pátria livre de ameaças. Lacerda explica que a bandeira nacional trazia no seu centro um lema, ao qual todos deveriam ser fiéis, como lema de sua sobrevivência, como condição de sua prosperidade, como estímulo à união perpétua entre estes dois conceitos fundamentais: Ordem e Progresso. Entende que estes dois conceitos deveriam imperar no país, com liberdade e lei, com honradez e trabalho.

#### *Faixa 6*

Inauguração da nova sede da ESPEG (Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara)

Carlos Lacerda diz que se sentia honrado com a presença do governador do Amazonas, Luís Cavalcante, na cerimônia. Faz elogios ao governador, dizendo que era um verdadeiro homem da “Revolução” e de um governo revolucionário, à frente do estado da Amazônia. Lacerda diz que considera o chefe do Executivo um bravo lutador pela democracia. Anuncia a visita do intelectual e presidente do Senegal ao Brasil, e entende que era relevante fazer este anúncio no dia em que era inaugurada a sede da Escola de Serviço Público do Estado da Guanabara. Diz que o presidente insistia, em toda a sua obra, na necessidade de formação de quadros para a administração pública das novas nações do continente africano. Lacerda acredita que a revolução tecnológica era a única maneira de fazer progredir uma nação atrasada, e, para fazê-lo, era preciso investir em pessoal, inclusive no serviço público. Lacerda fala sobre as reformulações que fez no serviço público estadual. Diz que os funcionários públicos não podiam ser considerados



culpados por todos os problemas do país. Lacerda ressalta a importância da descentralização administrativa promovida pelo seu governo e elogia a administração do IPEG (Instituto da Previdência do Estado da Guanabara). Explica que a lotação das professoras das escolas era, então, decidida por máquinas eletrônicas, acabando com um problema que existia nas antigas administrações. Lacerda lamenta que ainda existisse o vício do pistolão, da carta de recomendação, hábito tanto dos humildes quanto dos importantes. Critica as “trocas de favores” entre políticos e órgãos do governo. Continua fazendo um balanço sobre o seu governo e demonstra preocupação com o crescente número de aposentados no país. O governador alerta também que os aposentados continuavam trabalhando, porque a aposentadoria não era suficiente para eles se manterem. Comenta que a crise do Legislativo era mundial, e cita o exemplo da França. Mas, no Brasil, adverte, a crise do Poder Legislativo era mais grave, porque os partidos não funcionavam. Lacerda critica a relação entre o Executivo e o Legislativo e acredita que não haveria democracia no Brasil enquanto o Legislativo não se comportasse como corresponsável pelo bem-estar e segurança do povo e da nação.

#### *Faixa 7*

##### Inauguração da Escola Armando Lombardi

Carlos Lacerda explica a escolha dos nomes para as escolas estaduais. O governador diz que o patrono da escola não tinha sido uma figura mundial, mas também não fora uma figura local. Fora um homem que, através do Vaticano, levava uma mensagem de fé, amor e esperança. Acrescenta que o Monsenhor Lombardi tinha sido um amigo do Brasil. Lacerda diz que, no seu caso pessoal, ele tinha sido o primeiro amigo que tivera no corpo diplomático. Faz vários elogios a Lombardi e pede ao núncio, que estava indo ao Concílio Ecumênico, que levasse ao Papa Paulo VI as expressões da fidelidade de um povo, que em sua maioria era católico, e em sua totalidade o estimava e o respeitava.

#### *Faixa 8*

##### Inauguração da Escola Araci Muniz Freire, em Magalhães Bastos

Carlos Lacerda pede uma salva de palmas para a diretora do Departamento de Educação Primária, Theresinha Saraiva. Conta que conheceu dona Theresinha em uma escola no morro do Salgueiro, quando estava em campanha. Relata que Theresinha e suas colegas usavam parte dos seus salários para manterem a escola funcionando. O governador diz que foi difícil convencê-la a assumir o Departamento. Segundo Lacerda, Theresinha representava as melhores virtudes e



			<p>excelentes qualidades do magistério carioca. Diz que o magistério carioca tinha resistido à corrupção e que o nome da escola tinha sido sugestão do deputado Arnaldo Nogueira, e que não estava homenageando apenas um nome, mas o sentido de uma vida, a significação de uma obra. Conta que o estado estava fabricando móveis de plástico e aço inoxidável, semelhantes aos que vira em uma escola em Florença. O governador garante que estes móveis eram mais resistentes do que os de madeira e mais baratos.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.104</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Sede do Governo em Bangu</p> <p>1.2 Faixa 2 Inauguração da Escola Pracinha João da Silva, em Vila Aliança, Bangu.</p> <p>1.3 Faixa 3 Inauguração do Galpão Industrial John Kennedy</p> <p>1.4 Faixa 4 Inauguração da Escola Teófilo Otoni, na Tijuca</p> <p>1.5.1 Faixa 5a Posse de 300 Professores do Ensino Médio</p> <p>1.5.2 Faixa 5b Inauguração da Escola Vitor Hugo em Jacarepaguá</p> <p>1.6 Faixa 6 Mesmo conteúdo da Fita 104, Faixa 4 Inauguração da Escola Otoni, na Tijuca</p> <p>1.7 Faixa 7 Inauguração da Escola Shakespeare</p> <p>2. Temas</p> <p>21. Faixa 1 Realizações do governo, novo Distrito de Obras</p> <p>2.2 Faixa 2 Investimento em escola, integração das favelas à cidade, elogio ao magistério, nome educativo da escola, elogios ao patrono, explosão demográfica,</p>	<p>F1: 2 min F2: 35 min F3: 5 min F4: 15 min F5a/b: 20 min F6: 15 min F7: 15 min</p>	<p><b>F1: 15/04/1964</b> <b>F2: 13/03/1964</b> <b>F3: 07/08/1964</b> <b>F4: [1964]</b> <b>F5a: 05/03/1964</b> <b>F5b: 15/10/1964</b> <b>F6: [1964]</b> <b>F7: 29/09/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Sede do Governo em Bangu Lacerda diz que iria visitar várias obras e tomar várias providências em Bangu. Ele cita a abertura definitiva e início do funcionamento da Coletoria de Bangu, a conclusão das obras do novo Distrito de Obras, a inauguração de duas escolas e outras providências. Assinala que dentro de pouco tempo teria mais notícias para os ouvintes.</p> <p><i>Faixa 2</i> Inauguração da Escola Pracinha João da Silva, em Vila Aliança, Bangu Carlos Lacerda discorre sobre o investimento que o governo do estado vinha fazendo em educação no bairro de Bangu. Diz que a escola destinava-se principalmente às crianças moradoras da Vila Aliança, mas estava aberta a receber alunos de outros lugares também. Lacerda afirma que um dos objetivos do seu governo era integrar os atuais e antigos moradores das favelas na comunidade carioca. Lacerda diz que a Vila Aliança era um exemplo do que se poderia e do que se deveria fazer em relação ao problema da habitação e da integração em uma comunidade democrática do povo brasileiro. Lacerda faz elogios ao magistério carioca. Diz que nada mais educativo do que o nome de uma escola. Explica que o nome da escola era significativo porque era tão comum, tão banal, tão simbólico da humildade e do quase anonimato da massa popular. Lacerda desconfia de que quando propôs o nome, alguns deviam ter pensado que esse nome era apenas um símbolo, que nem sequer existira esta personagem. Por isso, houve nesta cerimônia o discurso do seu comandante na FEB. Lacerda lê o trecho do livro de Paulo Vidal Leite Ribeiro, "Heróis esquecidos", em que o autor relata que o pracinha João da Silva foi encontrado morto no Monte Castelo, após a conquista do morro. Ele estava no cume do morro, que havia sido ocupado por tropas alemãs. O pracinha chegou ao cume do morro três meses antes da conquista do Monte Castelo. Tinha 23 anos e morava com os pais. Enquanto a tropa brasileira recuava, João da Silva tinha avançado sozinho. O autor diz que João da Silva era o conquistador solitário do Monte Castelo. Lacerda cita o livro "A corrida para o ano 2000", de um escritor alemão, para contestar a tese de que a</p>



alimentos para todos, propriedade privada dos meios de produção, produção suficiente de alimentos independia do sistema de produção privado ou coletivo, desconfiança das estatísticas da URSS e da China, melhoria da qualidade de vida, crítica ao analfabetismo e ao voto do analfabeto, investimento na educação de grau médio

### 2.3 Faixa 3

Homenagem a Kennedy, nome de Kennedy ao novo pavilhão

### 2.4 Faixa 4

Elogio ao patrono, imprensa notícia intrigas, inauguração de escola desvalorizada, educação na Guanabara, elogios ao magistério, censo e obrigatoriedade escolar

#### 2.5.1 Faixa 5a

Principal investimento em educação, apoio da Aliança para o Progresso, curso secundário, preparação para a universidade ou para o trabalho

#### 2.5.2 Faixa 5b

Insuficiência do número de professores, restauração de escolas, terceiro turno,

### 2.6 Faixa 6

Elogio ao patrono, imprensa notícia intrigas, inauguração de escola desvalorizada, educação na Guanabara, elogios ao magistério, censo e obrigatoriedade escolar

### 2.7 Faixa 7

Conquistas na área da educação, elogios ao patrono

explosão demográfica punha em perigo a alimentação no mundo. Lacerda diz que o autor, seguindo métodos rigorosos de pesquisa e de observação científica, mostrava que, se em um século a população mundial tinha dobrado, a produção de alimentos havia aumentado muito mais. Além disso, segundo o autor, no mundo democrático ocidental, através da defesa, preservação e aperfeiçoamento da propriedade privada dos meios de produção, o desenvolvimento da produção de alimentos não apenas havia assegurado o abastecimento como liberara forças de produção, outrora amarradas ao campo, para atividades na indústria, no desenvolvimento cultural, em serviços e atividades complementares. Mas, acentua ele, o autor também apontava alguns êxitos espetaculares no mundo totalitário comunista, levando Lacerda a concluir que, até certo ponto, independia do regime de produção e do sistema de propriedade pessoal ou coletiva, individual ou estatal, os êxitos neste setor. Lacerda desconfia das estatísticas oficiais do governo soviético e chinês, utilizadas no livro, e estranha também a grande quantidade de comida importada do mundo ocidental por russos e chineses. Acredita que o grande desafio não era a produção de alimentos, mas saber até que ponto uma sociedade poderia conformar-se em ver crescer o número de seus membros, sem que lhes fosse capaz de garantir uma melhoria constante e adequada da sua qualidade de vida. Critica os responsáveis pelo analfabetismo que vigorava há 30 anos no Brasil e por pretenderem dar direito de voto aos analfabetos. Defende que deveria haver uma reforma através da escolarização da população. Considera que já tinha feito muito em três anos pela educação primária e que estava, então, investindo na educação de grau médio.

#### *Faixa 3*

Inauguração do Galpão Industrial John Kennedy Pavilhão de Artes Industriais John F. Kennedy, do Ginásio Estadual Olavo Bilac

O governador Carlos Lacerda agradece o acolhimento dado às autoridades do estado. Diz que foi surpreendido com a homenagem à memória de J. F. Kennedy, feita pela diretora, professoras e alunos da escola Olavo Bilac. Lacerda ressalta a coincidência de estar acompanhado de estudantes americanos e garante que nada foi planejado Diz que o pavilhão representa o esforço de um novo caminho para a educação pública na Guanabara, e que por decisão dos alunos da escola o pavilhão se chamaria John F. Kennedy, símbolo da juventude do mundo, que lutava contra o preconceito de raças, que lutava pela paz.

#### *Faixa 4*



Inauguração da Escola Teófilo Otoni, na Tijuca  
O governador Carlos Lacerda fala sobre a escolha do nome para a escola. Discorre sobre a família Otoni e sobre a sua importância na história do Brasil. Comenta que inaugurar escolas já não era notícia, a imprensa se preocupava mais em noticiar intrigas. Afirma que era muito difícil conseguir que os deputados estivessem presentes a inaugurações de escolas. Assinala que no passado a inauguração de uma escola era mais valorizada pela sociedade, as autoridades compareciam em peso. Lacerda salienta que apenas o povo valorizava, mas que era o suficiente, e se diz produto da escola pública. Afiança que a escola pública da Guanabara não envergonhava o Brasil. Fala sobre os investimentos em educação realizados pelo seu governo e faz elogios ao magistério carioca. Ressalta que a realização do censo escolar possibilitaria a inspeção da obrigatoriedade escolar. Lacerda sustenta que havia vagas para todas as crianças nas escolas da Guanabara, então todos tinham a obrigação de matricular seus filhos em alguma escola. Acentua que o inspetor da obrigatoriedade escolar deveria ser recebido como um amigo, para garantir que todos tivessem acesso à escola.

*Faixa 5a*

Posse de 300 Professores do Ensino Médio

O governador Carlos Lacerda diz que o principal investimento deveria ser em educação. Assinala que o estado da Guanabara já tinha dado prioridade à educação. Mas explica que ainda não conseguira disseminar a ideia de que a despesa com educação não era despesa, mas investimento. Menciona que tinha um projeto na Aliança para o Progresso, aprovado pelas autoridades dos EUA e do Brasil, no montante de 4,5 bilhões de cruzeiros, para construção de escolas. Porém, continua, após um ano da aprovação do projeto a verba ainda não tinha sido liberada para o governo da Guanabara. Destaca que o curso secundário deveria ser considerado como um fim em si mesmo, que poderia ou não levar à universidade. Lacerda diz que a missão principal do ensino secundário se dividia em duas tarefas: a preparação para a universidade e a preparação para o trabalho.

*Faixa 5b*

Inauguração da Escola Vitor Hugo, em Jacarepaguá

O governador Carlos Lacerda explica que não era o prédio que fazia a escola, mas as professoras. Ele afirma que não adiantaria construir escolas se não houvesse professores e alerta que o número de professores ainda não era suficiente. Carlos Lacerda assinala que ainda era necessário restaurar algumas escolas, e acabar com os três turnos em algumas unidades escolares. Comenta que depois disso os seus sucessores



			<p>precisariam apenas manter um ritmo de construção de novas escolas e conservar as já existentes. Discorre sobre o patrono da escola, comenta que ele era um profeta extraviado na poesia, que foi deputado e poeta, exilado e revoltoso. Considera que Vitor Hugo representava o gênio da França. Afiança que a sua indignação contra os tiranos era o oposto do ódio, que Vitor Hugo tinha simpatia pela causa da liberdade e paixão pela causa da educação.</p> <p><i>Faixa 6</i> Mesmo conteúdo da fita 104, Faixa 4 Inauguração da Escola Otoni, na Tijuca</p> <p><i>Faixa 7</i> Inauguração da Escola Shakespeare O governador Carlos Lacerda narra as conquistas do seu governo na área da educação. Agradece ao embaixador da Inglaterra pela recepção que teve quando foi ao país, como representante do presidente da República. Fala sobre a grandeza de Shakespeare, elogia a Inglaterra e a Portugal por terem como seus maiores símbolos dois poetas. Lacerda faz um breve relato sobre a vida de Shakespeare e exalta os sonetos shakespearianos que, segundo ele, eram pouco conhecidos, além de elogiar as peças escritas pelo autor inglês. Lacerda diz que ele, através das suas peças, utilizava os grandes da História e da Antiguidade para dar lições aos grandes da sua época.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.105</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Continuação da Fita 102, Faixa 8 Inauguração da Escola Olavo Bilac, em São Cristóvão</p> <p>1.2 Faixa 2 Inauguração da Escola Suíça</p> <p>1.3 Faixa 3 Inauguração da Escola Lina de Brito, Curicica, em Jacarepaguá</p> <p>1.4 Faixa 4 Inauguração da Escola Superior de Desenho Industrial</p> <p>1.5 Faixa 5 Conteúdo Igual ao da Faixa Anterior</p> <p>2. Temas</p> <p>21. Faixa 1 Críticas à UNE, estudantes profissionais, veto a projetos,</p>	<p>F1: 13 min F2: 15 min F3: 13 min F4: 5min F5: 5min</p>	<p><b>F1: [1962/1963]</b> <b>F2: 06/02/1965</b> <b>F3: 15/05/1963</b> <b>F4: 18/07/1963</b> <b>F5: 18/07/1963</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Continuação da Fita 102, Faixa 8 Inauguração da Escola Olavo Bilac, em São Cristóvão O governador Carlos Lacerda fala sobre os investimentos que o governo do estado estava fazendo no ensino médio. Critica a UNE (União Nacional dos Estudantes) que, segundo ele, abrigava estudantes profissionais. Lacerda afiança que não pretendia acabar com a rede particular de ensino. Defende que os professores passassem por concurso para assumir as vagas nos colégios estaduais. Critica deputados que tiveram seus projetos rejeitados pela Justiça. Afirma que vetou 300 vezes os projetos apresentados. Critica o seu próprio partido por ajudar a derrubar os seus vetos. Mas, adianta que a Justiça tinha considerado que a convocação para derrubar os vetos fora ilegal, por isso os vetos haviam sido mantidos. Diz que não foi eleito para deixar saquearem a cidade e que precisava do dinheiro que os deputados estavam usando em projetos de favor, para construir escolas. Menciona que uma escola não saía por menos de 30 milhões de cruzeiros. Ressalta a exemplar dignidade de alguns deputados. Pede ao povo que protestasse e o ajudasse a enfrentar os deputados.</p> <p><i>Faixa 2</i></p>



concurso público, críticas à UDN, dinheiro para construir escolas, enfrentar os deputados

#### 2.2 Faixa 2

Prioridade à educação primária e secundária, aumento de matrículas, orgulho do magistério, bolsas em escolas particulares, aumento de despesas, elogios à Suíça, diferenças entre Suíça e Brasil, celeiro da democracia

#### 2.3 Faixa 3

Elogios à patronesse e ao magistério carioca, homenagem a cegos e surdos

#### 2.4 Faixa 4

Reprodução da Missão Francesa, *design* italiano, Lei de Diretrizes e Bases, profissões de nível universitário

#### 2.5 Faixa 5

Conteúdo igual à anterior

#### Inauguração da Escola Suíça

O governador Carlos Lacerda conta que o governo estava dando prioridade à educação primária, depois a prioridade passaria a ser a educação secundária. Agradece ao povo por sua colaboração, ao pagar impostos com esta finalidade. Lacerda comemora o aumento das matrículas nas escolas estaduais. Diz que isso não seria possível sem o apoio da população e sem o magistério da Guanabara, que era um exemplo e um orgulho para todo o Brasil. Afirma que o governo já estava investindo no ensino médio, aumentando o número de vagas nos ginásios estaduais e concedendo bolsas em escolas particulares de ensino médio para alunos sem vagas nas escolas estaduais. Diz que a Assembleia era muito respeitável, e muito digna, que deu leis boas e outras não. Comenta que foi obrigado a vetar cerca de 200 artigos de lei que aumentavam as despesas do estado em 17 bilhões de cruzeiros, mais do que o dobro que o estado tinha para aplicar em escolas. Porém, ressalta o governador, a Assembleia não era má, merecia respeito, mas que não fazia sentido aumentar o número de Assembleias na cidade, porque isso iria aumentar as despesas com vereadores, e não em serviços e obras para melhoria da cidade. Destaca, mais uma vez, a importância que dava ao nome escolhido para as escolas do estado. Menciona que tinha se surpreendido ao saber que ainda não existia uma escola com o nome de Suíça na Guanabara. Assinala que a Suíça era um país de bons exemplos, formado por três raças, três povos, e três idiomas, um país misturado, nascido de um compromisso de convivência e de tolerância recíproca. Considera que a Suíça era um celeiro de democracia no mundo e comenta os contrastes entre a Suíça e o Brasil. Mas, salienta que havia uma afinidade entre os dois países: a vocação para a liberdade.

#### Faixa 3

Inauguração da Escola Lina de Brito, em Curicica, Jacarepaguá

Lacerda faz elogios à professora Lina de Brito, homenageada por dar seu nome à escola que estava sendo inaugurada. Elogia o magistério carioca que, segundo ele, mantinha o nível das professoras da sua época. Diz que o povo da Guanabara podia ficar tranquilo quanto ao futuro dos seus filhos. Volta a dizer que a professora Lina de Brito era uma professora brilhante, como suas colegas, mas que se tinha destacado quando ficou cega e depois surda, e que o povo deveria aprender com a história de Lina de Brito, como ela conseguira superar as dificuldades, como ela as enfrentara com coragem. Assinala que ela era uma espécie de santa no mundo. Lacerda informa que o nome da escola prestava homenagem à Lina de Brito, mas também a todos os cegos e surdos.



			<p><i>Faixa 4</i> Inauguração da Escola Superior de Desenho Industrial. Lacerda agradece a todos que contribuíram com ele e com o secretário Flexa Ribeiro na iniciativa que então tomava corpo. Considera que seria necessária uma reprodução dialética da Missão Artística Francesa, de outro modo, mas seguindo a mesma trilha. Menciona que, como a Itália se destacava no Desenho Industrial, foram chamados italianos para colaborar na formação do gosto brasileiro na produção industrial, e também no aproveitamento, reduzindo o desperdício. Diz que foram convocadas pessoas de outros países também. Conta que durante a discussão sobre a Lei de Diretrizes e Bases ele tinha lutado para que algumas profissões não ficassem apenas no nível secundário, pois era preciso que elas atingissem o nível universitário. Lacerda cita como exemplo o Desenho Industrial.</p> <p><i>Faixa 5</i> Conteúdo Igual ao da Faixa Anterior</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.106</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Fixa 1a Saudação ao Povo Carioca por Ocasão do Primeiro Aniversário do Estado da Guanabara - Rádio Mairynk Veiga</p> <p>1.b Faixa 1b Pronunciamento do Governador sobre o Momento Brasileiro Após a Renúncia do Presidente Jânio Quadros. – Rádio Guanabara</p> <p>1.2 Faixa 2 Reunião do Governador Carlos Lacerda com Pessoas não Identificadas</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1.1 Faixa 1a Ausência de ajuda do governo federal, dívidas do governo federal com o estado, transferência de funcionários, 100 mil crianças fora da escola, falta d'água, crítica à Caixa Econômica Federal, reivindicações a Jânio Quadros</p> <p>2.1.2 Faixa 1b Esclarecimento à população,</p>	<p>F1a: 11min F1b: 4 min F2: 7 min</p>	<p><b>F1a: 21/09/1964</b> <b>F1b: 08/1961</b> <b>F2: [1964]</b></p>	<p><i>Fixa 1a</i> Saudação ao Povo Carioca por Ocasão do Primeiro Aniversário do Estado da Guanabara - Rádio Mairynk Veiga Lacerda comunica que as dificuldades que existiam antes do estado da Guanabara haviam se tornado maiores, porque a única ajuda que o governo federal tinha concedido ao novo estado fora uma verba de 3 bilhões, aprovada pelo Congresso. Mas, informa, destes 3 bilhões, uma grande parte tinha sido gasta em coisas inúteis ou adiáveis e outra fora empregada em obras novas, não terminadas, ao invés de ser empregada em obras que já estavam em andamento. O governador reclama de dívidas do governo federal com o estado, que ainda não tinham sido pagas. Comenta que a transferência de cerca de 20 mil funcionários do governo federal para o governo do estado tinha representado um novo ônus para o estado da Guanabara, embora o governo federal tivesse prometido pagar por 10 anos o salário desses funcionários. Conta que recebeu o estado com 100 mil crianças fora da escola e com o problema de falta d'água. Informa que naqueles quatro meses em que estava no cargo de governador, ainda não recebera o apoio do presidente Jânio Quadros. Acha que a Guanabara deveria ter prioridade em receber recursos do governo federal por ser o estado criado havia menos tempo. Critica a falta de investimento da Caixa Econômica Federal no Rio de Janeiro. Acredita que o povo da Guanabara tinha muitas razões para criticar o presidente Jânio Quadros. Ele afirma que o presidente tinha que atender às reivindicações de todos os estados. Lacerda diz que precisava do apoio do povo, para que o</p>



<p>críticas à renúncia de Jânio Quadros, greve, espírito democrático dos ferroviários</p> <p>2.2 Faixa 2 Solicitação para que permanecesse no governo, saída dos três militares do governo, Lacerda impedido de falar no rádio</p>			<p>governo federal não esquecesse que a Guanabara tinha 3,5 milhões de habitantes que não estavam dispostos a serem esquecidos e que reclamavam do Brasil justiça para o estado da Guanabara.</p> <p><i>Faixa 1b</i> Pronunciamento do Governador sobre o Momento Brasileiro Após a Renúncia do Presidente Jânio Quadros – Rádio Guanabara, Bandeirantes e Tupi Carlos Lacerda menciona que o momento não era de falar, mas que devia um esclarecimento à população. Ele considera que a decisão naquele momento pertencia aos órgãos de defesa nacional: Exército, Marinha e Aeronáutica. Afirma que não era o momento dos políticos falarem e que era lamentável a renúncia do presidente Jânio Quadros, que tinha gerado boatos que poderiam lançar os brasileiros uns contra os outros. Por isso, o governo do estado entendera que só deveria se pronunciar através do noticiário da rádio Guanabara. Lacerda comunica que tinha uma boa notícia, a única greve que existia no estado da Guanabara, na Estrada de Ferro da Leopoldina, tinha sido encerrada, graças ao patriotismo e espírito democrático dos ferroviários brasileiros.</p> <p><i>Faixa 2</i> Reunião do Governador Carlos Lacerda com Pessoas não Identificadas Lacerda diz que quando pediram para ele ficar, sabiam das prováveis consequências, e que agora ele ficaria, quaisquer que fossem as consequências. Afirma que não iria negociar subvenções para a Guanabara em troca da entrega do país. Passa-se à discussão sobre o governo federal. Alguém afirma que o maior perigo seria a saída dos três ministros militares. As pessoas falam ao mesmo tempo. Lacerda reclama que não o tinham deixado falar no rádio.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.107</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1.1 Faixa 1 Pronunciamento do Governador sobre o Momento Brasileiro Após a Renúncia do Presidente Jânio Quadros. – Rádio Guanabara</p> <p>1.2 Faixa 2 Governador Carlos Lacerda no Programa Mesa Redonda de Gilson Amado – TV Continental</p> <p>2. Temas</p> <p>21. Faixa 1 Leitura de discurso que seria feito, recusa à renúncia, aceitação da posse de João Goulart,</p>	<p>F1a: 3 min F2: 30 min</p>	<p><b>F1:01/08/1961</b> <b>F2:26/04/1962</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Pronunciamento do Governador sobre o Momento Brasileiro Após a Renúncia do Presidente Jânio Quadros. – Rádio Guanabara Lacerda lê, em uma reunião, a parte final do discurso que faria à população da Guanabara, explicando porque tinha decidido não renunciar ao governo da Guanabara, e informando que os ministros militares tinham aceitado a posse de João Goulart. Os outros participantes aplaudem o discurso. Lacerda menciona que quando pediram para ele ficar, sabiam das prováveis consequências, e que agora ele ficaria, quaisquer que fossem as consequências. Lacerda afirma que não iria negociar com ele subvenções para a Guanabara, em troca da entrega do país. Discussão sobre o governo federal. Alguém afirma que o maior perigo era a Saída dos três ministros militares. As pessoas falam ao mesmo tempo. Lacerda reclama que não deixaram que ele falasse no rádio.</p>



previsões catastróficas a respeito do novo governo, crítica ao parlamentarismo

## 2.2 Faixa 2

Domicílio eleitoral, não pagamento do 13º, obras nas favelas, recursos do Fundo do Trigo, elogios a Carvalho Neto, críticas à Secretaria de Viação, interesse público, criado do povo, federalismo, líderes de afro-asiáticos, bomba atômica, aliança Brasil e Cuba

Áudio baixo, não dá para ouvir o que se fala.

Lacerda critica a emenda parlamentarista, que foi aprovada pelo Congresso. Considera que ela havia retirado os poderes do presidente, mas dera um novo poder, que era a dissolução do Parlamento e um novo poder, que era a escolha de um ministro, que também não iria mandar. Em resumo, adverte ele, ninguém iria mandar em ninguém. Lacerda afirma que seria um regime de ditadura da pseudo opinião pública, que penderia para o lado que tivesse um movimento na direção dela. Lacerda diz que o Brasil estava em plena guerra, que o Brasil era Berlim. Menciona que Armando Falcão estava sendo espinafreado pelo mesmo boletim político que o espinafrava. Diz que Hitler subira ao poder com a desmoralização das Forças Armadas e o apoio da burguesia Ironiza o acordo comercial feito entre os governos de Cuba e do Brasil. Ele prevê que as dificuldades começariam em um mês, com reforma agrária, remessa de lucros, greve em Pernambuco, campanha para o seu impeachment. Fazem previsões pessimistas a respeito do governo de João Goulart.

## Faixa 2

Governador Carlos Lacerda no Programa Mesa Redonda de Gílson Amado – TV Continental

Carlos Lacerda defende que para se candidatar a um cargo eletivo em um estado, o político deveria morar um tempo mínimo neste estado. Afirma que não iria pagar o 13º aos servidores, porque não iria pagar um mês que não existia. Avisa que não tinha dinheiro, mas, se a população quisesse, ele aumentaria os impostos para poder pagar o 13º. Sobre as favelas, Lacerda conta que o governo estava fazendo obras na favela do Catumbi, no Pavão / Pavãozinho, na Vila do Vintém, e construindo um conjunto de emergência em Nova Holanda, na região de Bonsucesso. Fala que estava esperando 1 bilhão de cruzeiros, do Fundo do Trigo, um acordo do governo brasileiro com o governo dos Estados Unidos. Comenta que precisava da aprovação de uma lei na Assembleia para construir casas nas favelas. Faz elogios ao professor Carvalho Neto, mas critica o sistema que estava montado na Secretaria de Viação para dificultar a remodelação daquela Secretaria: vício, corrupção, desídia, incompetência, rotina, ceticismo, uma série deplorável de coisas. Lamenta que o professor Carvalho Neto tenha ficado solidário com o que estava errado. Considera que o seu compromisso era atender ao interesse público. Irrita-se ao comentar que Carvalho Pinto tinha dito que não era criado de ninguém. Lacerda afirma que era criado do povo, que pagava o seu salário, e que seria criado enquanto durasse o seu mandato. No entanto, salienta que era criado só do povo e de ninguém mais. Comenta que a realidade mais profunda do Brasil era o federalismo, acha que os governos



			estaduais funcionavam e não precisavam muito de Brasília. Lacerda afirma com ironia que o presidente frequentemente precisava vir ao Rio para poder governar. Volta a dizer que só se preocupava com os interesses de quem ele se comprometera a servir, por isso não tinha amigos, nem inimigos, na política. Critica alguns dirigentes da vida brasileira que decidiram ser líderes de afro-asiáticos. Afirma que não vê vantagens nesta postura, que era cômico ver pessoas criticando a bomba atômica dos Estados Unidos, que protegia a soberania do Brasil. Lacerda afirma que não tinha visto, até então, nenhuma vantagem da aliança entre Brasil e Cuba.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.108</b>	F1: 20 min F2: 10min F3: 27 min	<b>F1: 05/07/1962</b> <b>F2: 01/12/1962</b> <b>F3: 01/12/1962</b>	<i>Faixa 1</i> Pronunciamento do Governador sobre a Deflagração Ilegal de Greve dos Transportes, Analisando a Situação Política Nacional – Rádio JB Notícias sobre greves em várias cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, Niterói e Santos. A reportagem afirma que o governador Carlos Lacerda tinha ido à avenida Rio Branco para garantir que os bancos abrissem e não aderissem à greve. Notícias sobre debates na Câmara dos Deputados a respeito das greves organizadas em várias cidades brasileiras. Carlos Lacerda declara à rádio JB que a greve era ilegal, porque tinha motivação política, o que era proibido pela Constituição e pelas leis trabalhistas. Lacerda menciona que os grevistas não haviam atendido ao apelo do presidente João Goulart. Afirma que a greve tinha sido organizada por homens treinados em Praga, Moscou e Havana para desgraçar o povo brasileiro. Mas, Lacerda afirma que os comunistas não tinham conseguido atingir totalmente os seus objetivos. Cita como exemplo a cidade de São Paulo, que estava em uma situação absolutamente normal. Comenta que no Rio apenas os bancários controlados pelos comunistas estavam em greve. <i>Faixa 2</i> Entrevista do Governador no seu Regresso ao Brasil Após viagem à Europa – Palácio Guanabara O repórter pergunta o que o governador tinha achado do Muro de Berlim, quando esteve lá. Lacerda começa a responder explicando porque o muro foi construído. Fala que além do muro, colocaram rolos de arame farpados para evitar a aproximação das pessoas. Lacerda conta que a divisão era um espetáculo terrível, e afirma que não entendia como os russos não compreenderam que a construção do muro era a maior demonstração do seu fracasso. O repórter pergunta sobre uma manifestação espontânea que ele vira em Berlim Oriental. Lacerda responde que a manifestação “espontânea” tinha sido organizada por membros do governo e que considerara a manifestação melancólica. O repórter pergunta se
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Pronunciamento do Governador sobre a Deflagração Ilegal de Greve dos Transportes, Analisando a Situação Política Nacional – Rádio JB			
1.2 Faixa 2			
Entrevista do Governador no seu Regresso ao Brasil Após viagem à Europa – Palácio Guanabara			
1.3 Faixa 3			
Continuação da Faixa 2			
Entrevista do Governador no seu Regresso ao Brasil Após viagem à Europa – Palácio Guanabara			
2. Temas			
21. Faixa 1			
Notícias de greves, debates na Câmara, motivação política, greve ilegal, apelo de João Goulart, comunismo, bancários controlados pelos comunistas			
2.2 Faixa 2			
Comentários sobre o muro de Berlim, manifestação espontânea, negociações com a Alemanha Ocidental, empréstimo alemão, discordância sobre transporte			
2.3 Faixa 3			
Mercado Comum Europeu, Mercado Comum Latino-Americano, matérias-primas, produtos manufaturados, verba para construção do metrô, autoridades monetárias,			



plebiscito, país desmoralizado,  
gastos com publicidade,  
isolamento internacional,  
inflação, ritmo de obras

o governador tinha sido feliz nas negociações na Alemanha Ocidental. Lacerda retruca que o estado da Guanabara tinha interesse em um empréstimo de 20 bilhões de marcos, mas as negociações haviam sido interrompidas por uma questão secundária, que girava em torno de quem iria transportar o material a ser comprado com o dinheiro que iria ser emprestado pela Alemanha ao estado da Guanabara, um navio alemão ou um navio brasileiro.

### *Faixa 3*

#### Continuação da Faixa 2

Entrevista do Governador no seu Regresso ao Brasil Após viagem à Europa – Palácio Guanabara  
O repórter quer saber a opinião de Lacerda sobre o Mercado Comum Europeu. Lacerda responde que o Brasil deveria incentivar a criação de um Mercado Comum Latino-Americano e que seria uma vantagem para o Brasil se os países europeus comprassem matérias-primas de países africanos, porque livraria o Brasil da “obrigação” de exportar apenas matérias-primas. Segundo Lacerda, o Brasil deveria almejar a exportação de produtos manufaturados. Conta que o Mercado Comum queria comprar carne do Brasil e que ele não impedia a prosperidade do nosso país. Critica o Brasil por seu isolamento internacional. O repórter pergunta se Lacerda iria conseguir construir o metrô e ele diz que sim, que conseguira na França o financiamento para 40% da obra, mas para receber o dinheiro em francos, ou em dólar, o governador dependia das autoridades monetárias federais, que ainda não se tinham manifestado. Menciona que o governo francês não conseguira falar com o ministro da Fazenda do Brasil. Depois, critica a discussão sobre o plebiscito, enquanto faltavam arroz e feijão na Guanabara. Ele afirma que governar uma nação não era a mesma coisa que governar uma estância e acha que ninguém acreditava mais no Brasil, que o país estava desmoralizado. Critica os gastos com publicidade na campanha do plebiscito e considera que este assunto só interessava ao presidente da República. Ele diz que estavam sitiando a Guanabara, que estavam zombando da fome do pobre. Pede que os homens de bem do governo dissessem uma palavra de sensatez, de bom senso, de seriedade, pois só discutiam o que não interessava a ninguém. Lacerda comenta que estava chegando a hora de falar muito sério, e que não tinha medo, nem conveniência, e que os papas da inflação estavam pontificando sobre economia e finanças. Sustenta que o grande problema do Brasil era a inflação, mas adverte que ninguém cuidava deste problema, e que todos sabiam que o problema do feijão era mais importante do que o plebiscito. O repórter pergunta sobre o ritmo das obras na Guanabara. O governador retruca que algumas estavam bem, outras um pouco atrasadas e outras muito



			atrasadas. Para ele, a principal causa do atraso era a inflação, mas, assinala que a votação do orçamento de 1963 pela Assembleia Legislativa deveria ajudar a diminuir o atraso de algumas obras, e a manter o ritmo das que estavam cumprindo os prazos estabelecidos.
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.109</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Entrevista do Governador a Ibrahim Sued Após seu Regresso ao Brasil</p> <p>1.2 Faixa 2 Entrevista do Governador à Rádio e TV Continental sobre a Viagem à Europa e sobre Assuntos da Atualidade</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1. Faixa 1 Indústria naval, encomenda de navios, Marinha Mercante, críticas à Petrobras, preocupação com a Rússia, aumento da produtividade, reformulação do sistema de transporte, construção de Brasília, reforma agrária, instrumento de demagogia, pagamento em dinheiro para desapropriações,</p> <p>2.2 Faixa 2 Revelação de sua biblioteca, elogios a Suzanne Labin, leitura do livro de Suzanne, guerra política, agitações comunistas, ação de Moscou, propaganda e infiltração, Marx, atuação dos partidos comunistas, salvar o Brasil</p>	<p>F1: 30 min F2: 30 min</p>	<p><b>F1: 01/12/1962</b> <b>F2: 02/12/1962</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Entrevista do Governador a Ibrahim Sued Após seu Regresso ao Brasil Lacerda cita o caso da recente indústria naval brasileira. Diz que foram criados vários estaleiros e que praticamente só o governo federal encomendava navios, mas quando foi necessário encomendar navios, o governo os encomendou à Iugoslávia. Depois de protestos, assegura ele, encomendaram os navios aos estaleiros brasileiros. Critica o estado da Marinha Mercante brasileira, que estava destruída. Garante que não tinham criado as condições econômicas para a manutenção da indústria naval no Brasil e que responsabilizava as autoridades do governo federal. Lacerda ressalta que o país estava sendo sistematicamente provocado, sistematicamente desagregado e abandonado por aqueles que estavam incumbidos de defendê-lo. Garante que não nutria ódio por ninguém e que a sua única ambição era cumprir o seu dever e dizer a verdade. Lacerda comenta que a Petrobras estava em crise, que o presidente da Petrobras entendia tanto de petróleo quanto ele de trigonometria. Considera que a empresa se preocupava mais com a Rússia do que com o Brasil. Afirma que a Petrobras era, então, um partido político, não uma empresa. Assinala que o que ela tinha feito no estado da Guanabara podia ser feito com muito mais facilidade pelo governo federal, porque os recursos eram muito maiores. Acentua que, com investimento em educação, durante três anos, a produtividade do Brasil poderia aumentar em 30%. Era preciso apenas dar prioridade a isto, porque o dinheiro existia, assegura. Defende a reformulação do sistema de transporte no Brasil, e acha que seria possível resolver esta questão em pouco tempo. Destaca que todos sabiam que o país tinha condições de resolver os seus problemas. Argumenta que até a construção de Brasília era a prova de que o Brasil tinha condições de resolvê-los. Considera que não faziam a reforma agrária porque queriam utilizá-la como instrumento da demagogia. Lacerda garante que com a mesma lei que ele desapropriava prédios, para fazer túneis e avenidas, desapropriariam-se terras para fazer a reforma agrária. Assinala que a Constituição exigia o pagamento em dinheiro e adiantado para as desapropriações. Sugere, assim, que fossem usadas, como dinheiro, as ações de empresas estatais com cotação na Bolsa de Valores. Avisa que seria melhor do que o pagamento em dinheiro, porque o dinheiro se desvalorizava.</p>



			<p><i>Faixa 2</i></p> <p>Entrevista do Governador à Rádio e TV Continental sobre a Viagem à Europa e sobre Assuntos da Atualidade</p> <p>Mostra a sua biblioteca com livros sobre ditadores como Stalin, Batista, Hitler, Mussolini e outros. Discorre sobre os livros de uma escritora francesa, Suzanne Labin, que escrevera sobre Stalin e sobre a China. Conta que conhecera Suzanne pessoalmente e que na juventude ela era comunista. Relata que ela tinha vindo ao Brasil fazer conferências sobre o perigo comunista. Lacerda anuncia que iria ler um livro, publicado havia dois anos na Europa, mas que poderia ser visto como um retrato do Brasil daquela época. Garante que a leitura não seria monótona e que todos deveriam prestar atenção em sua leitura. Começa a ler o livro, escrito por Suzanne. Ela afirma que a única preocupação dos totalitários era conquistar a opinião pública, enquanto os democratas a abandonavam à propaganda inimiga. Lacerda afirma que a maior parte das conquistas russas no mundo tinham sido feitas através da guerra política, sem baionetas. Explica que a China havia se tornado comunista porque fora abandonada pelos EUA, que acreditaram na propaganda sobre Mao-Tse-Tung, que difundia que ele não era comunista. Acredita que não seria preciso que o Exército da União Soviética entrasse em ação para que os países da África e da América Latina se tornassem comunistas, bastava apenas que houvesse agitações comunistas nestes países. Lacerda concorda com a escritora que afirmava ser a frente política mais decisiva do que a militar, porque as palavras eram os canhões do século XX. Assinala que Moscou agia internamente em diversos países, através da propaganda, infiltração, corrupção, conspiração, sabotagem e guerrilha. Entende que era preciso estudar a guerra política comunista, para poder compreender como ela funcionava e combatê-la. Conta que a autora tinha escrito dois capítulos novos para a edição brasileira que ele havia traduzido. Ele considera que o comunismo não tinha mais nenhuma ligação com o comunismo de Marx. Relata que a autora tinha feito uma análise da atuação dos partidos comunistas no mundo e que na maioria dos países o partido comunista era irrelevante. Na Europa, apenas a Itália e a França tinham grandes partidos comunistas. Por fim, afirma que mesmo sendo governador e tendo outras preocupações, tinha decidido ler aquele livro, porque achava que o livro naquele momento poderia salvar o Brasil.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.110</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Chegada do Governador Carlos Lacerda a Portugal</p>	<p>F1: 2 min</p> <p>F2: 10min</p> <p>F3:30 min</p>	<p><b>F1: 29/09/1964</b></p> <p><b>F2: 09/1964</b></p> <p><b>F3: 09/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Chegada do Governador Carlos Lacerda a Portugal</p> <p>Fala sobre a sua emoção ao ser bem recebido em Portugal. Diz que foi a Portugal em nome do presidente da República e que desejava transmitir ao governo e ao povo português uma palavra de compreensão, de fraternidade e de constante</p>



1.2 Faixa 2  
Almoço no Ministério

1.3.1 Faixa 3  
Entrevista à Imprensa em Lisboa

2. Temas

2.1. Faixa 1  
Agradecimento a Portugal,  
amizade pelo Brasil

2.2 Faixa 2  
Amizade Brasil/Portugal, cultura  
lusu-brasileira, Atlântico Sul,  
inimigos em comum, África, paz  
internacional

2.3 Faixa 3  
Obra da “Revolução”,  
comunismo, crise geral, ligações  
internacionais poderosas,  
negocismo, críticas a Simonsen e  
a Walter Moreira Salles, cassação,  
candidatura à presidência,  
anticomunismo, a favor de  
escolas, independência dos países  
africanos, Angola e Moçambique,  
Congo, ódios internos, eliminação  
do adversário pelo voto, pai da  
inflação, crítica a JK, conquista  
agressiva de mercados, portos  
francos, territórios ultramarinos,  
acordos, intercâmbio, inflação,  
incompetência da oposição,  
oposição à direita e à esquerda,  
boi de piranha, fascismo italiano,  
direitismo francês

identificação. Agradece a presença das autoridades portuguesas, dos representantes de entidades culturais e profissionais, da imprensa portuguesa, e de senhoras e senhores que traziam o testemunho da sua amizade pelo Brasil.

*Faixa 2*

Almoço no Ministério

Afirma que estava cada vez mais difícil, ao mesmo tempo que cada vez mais agradável, um brasileiro falar em Portugal. Enfatiza que embora tudo o que havia para dizer já tivesse sido dito, nem tudo o que havia a fazer já tinha sido feito. Por isso, Lacerda menciona que se atrevia a dizer que o Brasil estava cumprindo seu dever com Portugal, que se exprimia na fidelidade, na comunidade de interesses nacionais permanentes e na consecução de objetivos internacionais permanentes. Lacerda considera que Portugal e Brasil tinham muitos objetivos convergentes. Explica que Brasil e Portugal eram responsáveis pelo Atlântico Sul, corredor do qual dependia não só a sobrevivência da soberania dos dois países, mas da cultura luso-brasileira. Lacerda afirma que os dois países eram responsáveis por evitar que os inimigos em comum se estabelecessem na África. Lacerda fala sobre o compromisso do presidente do Brasil de o país estar presente quando fosse necessário e útil, principalmente na consolidação de uma paz internacional, que dependia, em larga medida, da resistência e inteligência política portuguesa. Diz que Portugal não merecia ser isolado e que o Brasil estava com Portugal para defender a comunidade luso-brasileira.

*Faixa 3*

Entrevista à Imprensa em Lisboa

Os 10 primeiros minutos da fita de rolo 110, faixa 3, correspondem ao conteúdo da fita 58, faixa 1, a partir dos 20 minutos. A partir dos 20 minutos da fita 110, faixa 3, o conteúdo é o mesmo dos 10 minutos iniciais da fita 58, faixa 2.

Carlos Lacerda afirma que o maior problema do Brasil, naquele momento, era realizar a obra da “Revolução”. Salaria que uma revolução era um fato anormal, como diria o conselheiro Acácio, que só se justificaria se fosse capaz de atingir os seus objetivos. Os objetivos não eram, assegura ele, unicamente anticomunistas, o comunismo era apenas a parte de um quadro geral da crise brasileira. Ele existia em vários países do mundo sem que isto implicasse revoluções contra eles. O que havia de mais grave no Brasil, para Lacerda, era uma coligação entre o comunismo, o oportunismo e o negocismo. Sobre o negocismo, discorre a respeito de suas ligações internacionais poderosas, sobre o grupo de homens e de forças que acima do próprio medo ao comunismo, que acima do próprio amor à pele, punham a sua cobiça de lucros ilegítimos, diz ele, e, por isso, o



negocismo continuava intacto. Os 'Mário Simonsen', os 'Walter Moreira Salles' - cita Lacerda, todos os grupos que serviam e serviriam a qualquer regime, porque apodreceriam todos os regimes que tocassem com suas mãos, continuavam intactos. Carlos Lacerda pergunta: Por que não são também cassados? Só quando o fossem, garante ele, teria a "Revolução" conseguido destruir a máquina contra a qual ela se voltara. Fala do interesse, já demonstrado, do presidente Castelo Branco em promover as medidas de governo indispensáveis. Perguntam a Carlos Lacerda sobre a sua candidatura. Ele responde que havia, no fundo, a mesma disposição com a qual ela fora antes apresentada. Acrescenta que procuravam conhecer a opinião de um homem (no caso ele próprio) através da versão que dele apresentavam seus adversários. Considera que os comunistas tinham o grande interesse de apresentá-lo unicamente como anticomunista feroz e que os órgãos mais capitalistas do mundo engoliram a pílula, e chegaram a pensar que ele era só anticomunista, o que profundamente o ofendia. Coloca-se contra o comunismo, assim como foi contra o fascismo, e pelas mesmas razões, adianta ele. Diz que era a favor de escolas, e dava prioridade à competência e à honradez. Explica que a grande reforma que se tinha iniciado no Brasil fora colocar no governo gente que sabia fazer as coisas e que as fazia em benefício de todos, não em seu próprio benefício. Lacerda fala da política internacional, de independência dos países africanos. Diz que Angola e Moçambique já tinham atingido um grau de independência real, muito mais concreto, muito mais tangível do que uma grande parte das nações que a ONU chamava de independentes. Diz que não havia, talvez, área no mundo mais dependente do que o Congo, porque dependia de seus ódios internos - e uma nação não se organizava no ódio - e porque dependia do financiamento americano para sua simples sobrevivência - e não se construía uma independência nesta base, pois um dia os americanos se cansariam de pagar as despesas das supostas independências. Lacerda responde a outra pergunta, dizendo que tinha uma afetuosa curiosidade de conhecer os nossos coirmãos, nossos quase compatriotas da África portuguesa. Mas, crê que não poderia fazê-lo naquele momento, pois, ao retornar ao Brasil, precisaria voltar ao batente pela Guanabara. Diz que suas próximas férias havia de ser em África e no Minho. Comenta que para a imprensa internacional isso pouco representava, mas para o Brasil isso tinha uma representação profunda, que justificava a permanência da sua candidatura. Do ponto de vista internacional, era simples: o Brasil tinha que retomar a sua linha tradicional, com a condição de não ficar só nela. O Brasil, afiança Lacerda, não estaria satisfeito em eliminar um



adversário que não fosse pelo voto. Diz que desejaria batê-lo nas urnas, derrotado pelo voto. Acrescenta que o derrotaria nessas condições. A embriaguez da inflação de que ele se beneficiara já estava chegando à última fase e já tinha um ar de ressaca. A imensa impostura que se resumia em desenvolvimentismo tinha produzido um empobrecimento real do país, segundo Lacerda, e um sacrifício maior para os trabalhadores, as maiores vítimas da inflação. O pai da inflação, portanto, não poderia beneficiar-se das consequências do monstro que havia gerado. Mas, Carlos Lacerda diz que se ele se pronunciava contra, dava a impressão de que desaprovava o ato presidencial e ele o considerava, no entanto, um ato de coragem política, um ato de visão cívica. Diz que uma revolução só se justificaria na medida em que dela se tirassem consequências do fato de ter existido. Carlos Lacerda afirma querer evitar um pronunciamento pessoal sobre o problema criado por JK, mas acredita que ele próprio compreenderia que não poderia ser ao mesmo tempo beneficiário de um sistema que foi destruído e continuar a beneficiar-se de sua destruição. Sobre a interação entre Portugal e Brasil, ele fala da importância desta interação para o estabelecimento da comunidade luso-brasileira e para a entrada do Brasil nos mercados africanos. Uma conquista agressiva de mercados para a indústria brasileira só poderia chegar à África na medida em que Portugal fizesse o que queria fazer: abrir ao Brasil portos francos nos seus dois grandes territórios ultramarinos. Havia muito o que explorar e aproveitar no campo do intercâmbio comercial, admite Lacerda. Mais uma vez, ficava demonstrado que o fator econômico era muito mais uma consequência do que uma causa, pois a sensação quase do comércio entre Brasil e Portugal não era senão a demora na concretização do que se chamava, com certo otimismo, de comunidade luso-brasileira. Lacerda assinala que gostaria de acrescentar que havia 4 ou 5 acordos assinados pelos 2 governos e que até então aguardavam ratificação do Congresso brasileiro. Sobre a sucessão presidencial, Lacerda menciona o que tinha pela frente, fala que uma campanha presidencial normal não precisaria durar mais de 6 meses e já dava para jogar qualquer candidato no hospital. Diz que não havia porque se precipitar, uma vez que tínhamos o que nos faltava: governo. Pede que ajudem o governo a governar, a colocar o país em ordem. Enfatiza que a campanha para acabar com a inflação era muito mais urgente do que a campanha eleitoral. Acentua que não adiantava ter o direito do voto se não se tivesse o direito de usar o produto do trabalho, isto é, o salário, porque à noite a inflação 'comia' o que se ganhara de dia. Lacerda informa que continuava na imprensa, mas, ao invés de fazer jornal impresso, fazia jornal construído, fazia jornal com



			<p>títulos. E acredita que era ele mesmo o maior fiscal de seu governo. Comenta que a maior característica da oposição ao seu governo era a incompetência. Menciona o episódio com o governo francês. De um encontro com homens políticos da oposição francesa. Conta que sempre acreditou ser a França, apesar das aparências, o país da lógica, e não da metafísica, portanto, entendeu ser útil esse contato. Ao chegar de volta a Paris, encontrou um convite impresso para uma conferência, o que não estava nos seus objetivos. Tratou de se informar e verificou que havia, entre os que patrocinavam a conferência, certos elementos que seriam ligados a certos grupos da direita, assim chamada ainda, por anacronismo, na França. Diz Lacerda que seu destino era apanhar da direita e da esquerda. Relata que chamou alguns amigos e lhes disse que não era bem aquilo o que havia proposto, que não fora à França servir de 'boi de piranha' de ninguém. Reconhece que seu destino na política brasileira tinha sido, durante muitos anos, o de ser boi de piranha. Se isso era um mal que lhe acontecia no Brasil, seria o cúmulo também acontecesse na França...Ele lamenta que certos órgãos da chamada direita francesa tenham querido explorar este aspecto. Diz que não estava de acordo nem com a OAS, nem com nenhum grupo terrorista francês, que não se submetia às etiquetas que lhe queriam por. Comenta que tinha desapontado alguns remanescentes do fascismo italiano, como tinha desapontado alguns órgãos do extremismo direitista francês. Carlos Lacerda despede-se na entrevista agradecendo a todos</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.111</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Pronunciamento do Governador Lacerda em Lisboa</p> <p>2. Temas</p> <p>21. Faixa 1 Vitória nas eleições, calúnias, fim da escola pública, expulsão das favelas, cidade destruída, falta de água e de escolas, crítica à transferência da capital, ordem, liberdade, avanços na educação, saneamento básico, crescimento do BEG, reacionários de direita e esquerda, "Revolução" de 1964", combate ao comunismo, corrupção, relações entre Brasil e Portugal, exaltação a Salazar, presença na África, na Ásia e na Oceania, mestiçagem, concepção</p>	F1:43:04min	<b>F1: 29/09/1964</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Pronunciamento do Governador Lacerda em Lisboa</p> <p>Lacerda diz que era uma honra dirigir-se ao povo de Portugal. Ele fala de sua vitória nas eleições ao governo da Guanabara e como a cidade mudou a partir de então, ainda que calúnias fossem feitas no período eleitoral com relação ao fato de que ele iria acabar com a escola pública e expulsar o povo das favelas, caso fosse eleito. Acrescenta que assumiu o governo de uma cidade destruída. Ele fala dos problemas gravíssimos da cidade, como a falta de água e a falta de matrículas nas escolas para todas as crianças. Menciona que a cidade fora abandonada por conta da construção de Brasília, e que quando os governantes para lá foram, deixaram "a desesperança, o desânimo, o começo do desespero". Ele conta que tinha assumido o governo sem fazer promessas, mas com o compromisso da ordem. Mas, acrescenta que a ordem só era válida como garantia da liberdade. Ordem somente pela ordem, não significava nada! Ele fala também sobre como estabeleceu prioridades em seu governo: fazer primeiro aquilo que interessava a um maior número de pessoas. Por isso, ele diz, começou pela escola. Ele exalta</p>



racista, concepção economicista,  
crítica à ONU

os números alcançados por seu governo, nos avanços na área da educação, saneamento básico e fornecimento de água. Fala do crescimento do Banco do Estado da Guanabara, comparando que antes de seu governo o banco abria uma agência de 2 em 2 anos, e que, depois, abria, a cada dois meses. Sobre o que seu governo procurou fazer ele acha que começara a dar ao Brasil o sentimento da solução democrática; o uso consciente e responsável da liberdade. Ele sustenta que havia se dedicado principalmente à ideia de que valia a pena esperar, de que valia a pena confiar. Carlos Lacerda afirma que a sua presença e o trabalho da sua equipe de governo estavam constituindo o maior obstáculo à ação desagregadora, a mais poderosa coligação que já se tinha formado numa nação moderna para destruí-la, a coligação dos mais reacionários, os mais desonestos reacionários da direita, com os poderosos e mais atuantes reacionários da esquerda. Carlos Lacerda fala da corrupção que já havia avassalado o Brasil e seus reflexos em Portugal, como a desvalorização do escudo. Ele classifica a “Revolução” de 1964 como guerra à subversão, numa alusão ao combate ao comunismo. Assinala que os comunistas eram uma minoria, sabiam que eram uma minoria e não precisavam ser mais do que isso para chegar ao poder, bastando que os demais não tivessem consciência disto e se deixassem infiltrar por eles, deixassem que se fizesse o que se tinha feito no Brasil. Carlos Lacerda diz que no Brasil realizavam-se eleições e os comunistas perdiam-nas; mas, depois tomavam o governo. Mas, Carlos Lacerda acentua que se ilude quem pensa que o comunismo era o maior problema do Brasil. Ele diz que o problema só cresceu, e cresceu na medida em que a corrupção tinha precisado dos comunistas para se fazer perdurar entre os trabalhadores. Conta que a corrupção soltara o ‘balão vermelho’ no ar e a população embaixo olhava para o balão, uns com medo, uns com raiva, outros com esperança. E os senhores, os donos do Brasil, ‘batiam a carteira’ do povo que ficava olhando para o balão. Lacerda fala dos destinos do país e de sua importância no mundo. Mas, salienta que o Brasil nada poderia ser se não fosse uma nação séria, responsável e próspera, com o povo vivendo ao mesmo tempo com liberdade e segurança. Explica que essa tinha sido a motivação de tudo que vinha ocorrendo nos últimos anos, no Brasil, como a “Revolução” de 1964. Carlos Lacerda fala das relações entre Brasil e Portugal. Exalta a figura de Salazar. Diz que Portugal era uno e estimado pelos brasileiros. Não só por idealismo ou afetividade, mas também por realismo e objetividade. Diz que Portugal era necessário ao Brasil, pois era para o Brasil uma presença na Europa e significava, também, para o Brasil, uma presença na África, na Ásia e na Oceania. Carlos Lacerda fala da divisão do mundo



		<p>segundo uma concepção de que a Ásia era para os amarelos, a África para os negros, a Europa para os brancos, a América do Norte talvez dividida entre negros e brancos. E ele pergunta: Onde se situaria o Brasil, pois tratava-se de um país conscientemente mestiço e que se orgulhava de sua mestiçagem. Ele diz ser contra esta divisão, perguntando em nome de quê se pretendia fazê-la pelos 'racistas do anticolonialismo', e acrescenta que o Brasil poderia ensinar aos Estados Unidos como poderiam viver brancos e negros de uma mesma sociedade juntos e não separados. Completa dizendo que não devíamos nos conformar com uma concepção racista da autodeterminação dos povos, assim como não devíamos aceitar a concepção economicista de exploração dos povos. Ele critica a ONU e a imposição feita por ela sobre Portugal, ao considerá-lo um perigo à paz mundial. Diz que a ONU era uma "superburocracia internacional" formada por uns quantos burocratas que se intimidavam diante do poder de voto de algumas 'nações improvisadas', cujas forças de direção e de orientação ainda não eram capazes de manter a ordem mínima necessária à sua construção interna, "quanto mais contribuir para a conservação da paz mundial". Ele pergunta se era Portugal que estava no Vietnã ou em Praga, ou se fora Portugal quem invadira e esmagara a Hungria ou mesmo se fora Portugal que tinha levantado o muro de Berlim. Pergunta também se era Portugal quem estava em Cuba.</p> <p>Observação: A partir de 00:36:36, até o fim da fita, o áudio apresentado é o áudio correspondente ao fragmento contido nos seis minutos iniciais da fita-rola 58 (faixa 1).</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.112</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Discursos de Antônio Lisboa Miranda, Presidente da CEDAG, de Francisco Negrão de Lima, Governador da Guanabara, Felipe Herrera, Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Obra da nova adutora do Guandu, esforço dos trabalhadores, técnicos e projetistas, CEDAG, BEG, exaltação a Carlos Lacerda e Rafael de Almeida Magalhães, continuidade de obras,</p>	<p>F1: 25:09min</p>	<p><b>F1: [1966]</b></p> <p><i>Faixa 1</i></p> <p>Discursos de Antônio Lisboa Miranda, Presidente da CEDAG, de Francisco Negrão de Lima, Governador da Guanabara, Felipe Herrera, Presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento</p> <p>O locutor destaca a presença do representante do presidente da República, coronel Dilermando Gomes Monteiro, sub-chefe do Gabinete Militar da Presidência. Passa a palavra ao presidente da CEDAG – Companhia Estadual de Águas – Antônio Lisboa Miranda. Ele anuncia os presentes, inclusive Carlos Lacerda, na condição de ex-governador da Guanabara. Discorre sobre o encerramento da obra da nova adutora do Guandu, já na gestão de Negrão de Lima. E diz ser um momento de grande júbilo poder saldar essa dívida com o povo. Considera a obra um notável empreendimento, um orgulho da engenharia nacional. Ele exalta o esforço dos trabalhadores e a atuação dos 'artífices do empreendimento', os técnicos e projetistas. Ele também assinala que não poderia deixar de mencionar aqueles que fizeram</p>



<p>investimentos feitos pelo BID, saneamento básico</p>			<p>parte, junto com ele, da diretoria da CEDAG. Ele cita então os nomes, sobretudo o de Góes Monteiro. Agradece aos órgãos financiadores, que possibilitaram a realização do empreendimento em tão pouco tempo. Agradece ao Banco do Estado da Guanabara. Ele exalta também Carlos Lacerda e Rafael de Almeida Magalhães, mencionando que eles não não tinham medido sacrifícios. Após seu discurso, assume a palavra o governador da Guanabara, embaixador Francisco Negrão de Lima. Ele também anuncia os presentes. Fala dos benefícios da obra e exalta a importância da continuidade de obras dos governos antecessores. Fala da construção da primeira adutora, parte do projeto de adução do Guandu, ainda quando ele era prefeito. Salienta que na gestão de Sete Câmara a segunda adutora já estava com o projeto para iniciar a construção pronto, mas o retardamento se deu por conta do reexame dos projetos realizado nos primeiros 14 meses da gestão de Carlos Lacerda. Negrão de Lima diz que a construção da segunda adutora era pra ter sido concluída há mais tempo, não fosse isso. Ele diz que seu governo daria prioridade ao sistema de adução do Guandu. Ele encerra o seu discurso e depois dele passa a palavra ao presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, Felipe Herrera. Ele fala dos investimentos feitos pelo BID na América Latina na área de saneamento básico. Diz ter a honra de presenciar o término da obra.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.113</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Posse do Secretário de Justiça – Palácio Guanabara</p> <p>Discurso de Eugênio Sigaud na Cerimônia de sua Posse como Secretário de Justiça do Estado da Guanabara</p> <p>2. Temas</p> <p>21. Faixa 1</p> <p>Assinatura do ato de posse, multiplicidade e complexidade dos problemas administrativos, epidemia de reforma das leis, efetiva aplicação das leis, respeito às leis existentes reforma dos homens, dos costumes e dos políticos, reestruturação do sistema jurídico do estado, criação da Secretaria de Justiça</p>	<p>F1:26:23</p>	<p><b>F1: 25/02/1965</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Posse do Secretário de Justiça – Palácio Guanabara</p> <p>Discurso de Eugênio Sigaud na Cerimônia de sua Posse como Secretário de Justiça do Estado da Guanabara</p> <p>Carlos Lacerda. chama as autoridades presentes para compor a mesa e começa a cerimônia, assinando o ato de posse. Eugênio Sigaud, com a palavra, diz que se sentira honrado com a distinção conferida por Lacerda a ele. Ele fala da soma de responsabilidades que significava essa distinção e da multiplicidade e complexidade dos problemas administrativos que englobava. Assinala que se tratava de manter a Secretaria de Justiça no alto nível em que estava e como a recebia. Fala que o Brasil tinha sido acometido pela terrível epidemia de reforma de suas leis e que o caminho da recuperação do Brasil estava menos na reforma da sua legislação do que na efetiva aplicação das suas leis; estava menos em fazer novas leis do que respeitar as existentes; estava menos em reformar os códigos do que em reformar os homens, os costumes e, notadamente, os políticos. Ele fala da reestruturação do sistema jurídico do estado e da criação da Secretaria de Justiça, que havia completado tal reestruturação. Ele fala de seu trabalho na Procuradoria Geral e de sua luta, junto com o governador, pela autonomia e sobrevivência</p>



			do estado da Guanabara. Conta que ainda havia muito a fazer e agradece a honra que lhe tinha sido concedida por Carlos Lacerda.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.114</b>	F1: 30:51min	<b>F1: [1963]</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Discurso de Carlos Lacerda sobre o PTB</p> <p>Lacerda menciona que no PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) havia um dos homens que ele mais respeitava no país, um homem digno, lúcido e íntegro: Alberto Pasqualini. Acha que ele não teria mais lugar no PTB e pergunta o que estava havendo com o PTB, partido que poderia prestar grandes serviços à democracia e à causa do trabalhador brasileiro. Ele mesmo responde que, ao morrer o seu fundador e grande líder político, Getúlio Vargas, o partido tinha ficado sem uma mensagem, sem um conteúdo dinâmico capaz de manter e ampliar as suas bases populares. Acrescenta que havia se transformado em uma cabaça oca, que estava sendo ocupada pelo Partido Comunista. Lacerda considera que o PTB estava sendo 'colonizado' pelo Partido Comunista e que de pelego do Ministério do Trabalho tinha passado a pelego de Moscou. Afirma que eles não queriam governo honrado, pois em governo honrado o povo confiava e o que eles queriam era o povo desconfiado, capaz de entregar sua liberdade por descrença e desânimo. Sobre a relação entre corrupção e comunismo, Lacerda sustenta que a corrupção era o 'azeite' da lâmpada do comunismo, o combustível do motor do comunismo. Diz que a corrupção que dominava e corroía a Rússia, deixando-a hipnotizada e entorpecida, fora o principal motivo da derrota da Rússia para o Japão, em 1904. Lacerda fala da primeira Revolução Comunista, em 1905, 'continuada e triunfante' em 1917, quando a incapacidade, a desagregação da disciplina militar, a infiltração de oficiais comunistas nas fileiras das Forças Armadas, a corrupção no Parlamento, no ministério, nos negócios, na administração pública e privada do Império Russo levou a Rússia a passar da semi-escravidão czarista à completa escravidão comunista. Acrescenta que tais lições deveríamos conservar bem presentes. Ele fala da situação em que encontrara o Rio de Janeiro quando chegou ao governo. E exalta as realizações de sua gestão, sobretudo aquelas realizadas no âmbito da educação. Fala que se esperava que no seu governo repetir-se-ia a cena das mães em filas à procura de escolas para seus filhos; mas ele orgulha-se de dizer que pela primeira vez na História do Brasil havia vagas nas escolas da Guanabara a espera de crianças, e não o inverso. Salienta o aumento na oferta de vagas nos ginásios públicos na Guanabara. Destaca as obras de saneamento básico como a ampliação da rede de esgotos, discorre sobre o crescimento do Banco do Estado da Guanabara e sobre a política de habitação que tinha tirado inúmeras famílias - como as 123 que viviam na favela Getúlio Vargas,</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1.1 Discurso de Carlos Lacerda sobre o PTB</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1. Faixa 1</p> <p>PTB, elogio a Alberto Pasqualini, bases populares, Partido Comunista, pelego do Ministério do Trabalho, Governo honrado, corrupção, derrota da Rússia para o Japão, primeira Revolução Comunista, corrupção no Parlamento, no ministério, nos negócios, na administração pública e privada do Império Russo, escravidão comunista, realizações de gestão, vagas nas escolas, obras de saneamento básico, crescimento do BEG, política de habitação, investimentos norte-americanos, Aliança para o Progresso, totalitarismo X democracia</p>			



			<p>ao lado do hospital Miguel Couto, perto do Jóquei Clube -, dos barracos para casas de verdade. Ele fala da Companhia de Habitação Popular e que em três anos estava construindo uma média anual de casas para o povo muito maior do que a média anual somada de todas as instituições federais que, até então, haviam construído casas populares na Guanabara. Carlos Lacerda fala dos investimentos norte-americanos recebidos pelo seu governo para tocar as obras realizadas no estado. E também dos cruzeiros depositados no Banco do Brasil, provenientes da Aliança para o Progresso, que não eram empregados. Diz que o governo federal entendia que empréstimo para escola não era investimento econômico, e sim assistência social. Lacerda diz que foi este o argumento dado pelo embaixador americano, Lincoln Gordon, a Lacerda. Acrescenta que o governo brasileiro sustentava que se quisesse dinheiro emprestado para a construção de escolas tinha que ser dólares. Carlos Lacerda responde: “Olha, eu não pago empreiteiro com dólar e sim com cruzeiro. Por mais desvalorizado que seja o cruzeiro é com a moeda do país que a gente paga o que se gasta no país!” No fim da fita, Carlos Lacerda fala da necessidade de combate ao totalitarismo no Brasil, se quiséssemos sobreviver, sobrenadar. Acrescenta que os totalitários, candidatos a tiranos, que levavam a democracia na boca e a cobiça no coração, deveriam sofrer a “mais terrível das penas”, o mais duro dos castigos: a democracia, pois o melhor meio de dominar um totalitário era impor-lhe a democracia, obrigá-lo a respeitar a igualdade.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.115</b></p> <p>1.Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Discurso de Carlos Lacerda como Paraninfo de Formandos do Curso Médio</p> <p>1.2 Faixa 2</p> <p>Entrevista com o Governador da Guanabara, Carlos Lacerda</p> <p>1.3 Faixa 3</p> <p>Continuação da Fita Anterior. Entrevista com o Governador da Guanabara, Carlos Lacerda.</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Riscos da ‘utopia’, ‘angelismo social’, comunismo, John Kennedy, decisão de participar</p>	<p>F1: 29:30min</p> <p>F2: 32:15min</p> <p>F3: 59:56min</p>	<p><b>F1: [1963]</b></p> <p><b>F2: [1963]</b></p> <p><b>F3: [1963]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Discurso de Carlos Lacerda como Paraninfo de Formandos do Curso Médio</p> <p>O governador da Guanabara, Carlos Lacerda, paraninfando uma turma de formandos do curso médio, alerta os seus afilhados sobre os riscos da ‘utopia’. Diz que a utopia era a tentação do homem, porque era fantasia, imagina um homem que não existe, uma sociedade que jamais existirá. E, imaginando ser possível um ser que não existe, declarava guerra ao gênero humano com todas as suas limitações, seus defeitos e suas necessárias - porque inevitáveis - imperfeições. Ele condena o ‘angelismo social’, numa afronta quase direta ao comunismo. Ele fala que o ideal era a resistência à tentação da utopia, à conversão dos sonhos em realidade, sendo este o propósito da vida para os jovens que estavam se formando. Ele diz aos alunos que gostaria de lembrá-los de um homem sequioso de poder legítimo, que encerrou brutalmente a sua luminosa e curta vida, sem ter podido realizar por completo uma obra inteira, mas que encerrou com a morte uma vida admiravelmente começada, e deu com a morte uma lição de vida a todos nós: John Kennedy! Carlos Lacerda chama a atenção de todos para a</p>



## 2.2 Faixa 2

Agressão de Leonel Brizola, jornalista Davi Nasser, opinião pública, plebiscito, opção dos policiais pelo funcionalismo federal, Lei Santiago Dantas, compensação, transferência da capital, garantia do efetivo, criação da carreira de policial, abertura de concursos, túnel, rio Guandu

## 2.3 Faixa 3

Ampliação do abastecimento, construção do túnel do rio Guandu, BID, seca, empréstimos federais, maior contribuinte da União, verbas do governo, escravizar a federação, acabar com a autonomia, ditadura central, estado de sítio, empréstimos, desapropriação das terras marginais das rodovias federais, revogação da Constituição, direito dos posseiros, reforma agrária, aumento da produtividade, produção de matérias-primas e de alimento.

importância de se ter prudência, pela qual devíamos lutar em cada dia de nossas vidas, sem nos importarmos com aqueles que viessem a nos chamar de temerários, pois a temeridade consistia em não dar a cada um o que cada um poderia dar a todos. Carlos Lacerda pede que os formandos não pensassem nunca que eram inúteis, nem pensassem que eram desnecessários. Sugere que quando quisessem medir a necessidade de cada um, a utilidade de cada um, medissem pelo que faltaria quando cada um deixasse de fazer alguma coisa. Deseja Lacerda que fosse o momento da formatura o início de vida em plena adolescência, um começo marcado pela decisão de participar, de comunicar-se com os outros, de comungar com os outros, no sentido cristão que esta expressão tem.

*Faixa 2*

Entrevista com o Governador da Guanabara, Carlos Lacerda.

Ele fala aos telespectadores e conta o episódio da agressão de Leonel Brizola ao jornalista Davi Nasser. Comenta que não ocorreu em sua jurisdição, pois aconteceu numa base militar. Lacerda diz que Nasser nunca disse nada sobre o Brizola, que o povo não soubesse, que não tinha inventado coisa alguma.

Observação; aos 00:02:47 a fita apresenta áudio muito ruim, não sendo possível entender muito bem o que fala Lacerda.

Carlos Lacerda discorre sobre a opinião pública brasileira, a partir de um plebiscito para decidir se a Polícia e o Corpo de Bombeiros permaneceriam como funcionários estaduais ou federais. Menciona o fato de a grande maioria dos policiais optarem pelo funcionalismo federal, deixando desprotegida a Guanabara. Perguntam-lhe se era um desprestígio para a Guanabara a opção dos policiais pelo funcionalismo federal. Ele responde que não, que não se sentia desprestigiado e nem prestigiado por qualquer que fosse a decisão. Carlos Lacerda discorre sobre a Lei Santiago Dantas, votada no Congresso, elaborada para permitir a formação do estado da Guanabara. Diz que a lei tinha como condição para a formação do estado o custeio, pela União, de uma parte dos serviços que geralmente eram custeados pelos próprios estados. Portanto, a justiça, a Polícia Militar, a Polícia Civil e o Corpo de Bombeiros, passando da União para o estado, tinham os ordenados garantidos pelos cofres da União. Carlos Lacerda diz que esse tinha sido o mínimo de compensação que se poderia dar à cidade, depois de mais de séculos como capital e que, de repente, viu a capital ser transferida. Permitiu à Guanabara tempo para que ela equipasse sua própria Polícia, seu próprio Corpo de Bombeiros... Não podia uma cidade de 3 milhões e meio de habitantes ficar sem Polícia, sem Justiça e sem Corpo de Bombeiros, diz Lacerda. A Lei Santiago



Dantas preocupava-se com essa questão de garantia do efetivo. Carlos Lacerda fala da criação da carreira de policial no estado da Guanabara. Salienta que a primeira grande turma estava já sendo formada. Discorre sobre a abertura de concursos. Perguntam a ele sobre o andamento do plano de obras. Lacerda responde citando o que encontrou no estado quando assumiu o governo, em 05 de dezembro de 1960, e das prioridades estabelecidas no que concernia a obras, serviços e medidas a serem tomadas. Fala da instalação do telefone no estado da Guanabara e dos números desta instalação em termos de valores, materiais e abrangência. Sobre o transporte urbano, Carlos Lacerda comenta o contrato do grupo Light para concessão na Zona Norte e suburbana na Guanabara, que ainda tinha sete anos de vigência. Diz que a Light alegava um prejuízo crescente, que tinha sido no ano retrasado de 500 milhões de Cruzeiros; no ano anterior de 600 milhões, e que tendia a aumentar nos próximos sete anos. Lacerda fala do acordo proposto à Light para a solução deste problema. Perguntam a ele a respeito da proposta do governo da Guanabara fornecer água a outras cidades do estado do Rio de Janeiro. Ele diz que com as obras que tinham sido feitas e com a inauguração de novas adutoras, havia conseguido aumentar em 20% o fornecimento de água na cidade do Rio de Janeiro. Ele fala do túnel que estava sendo construído de mais de 40 km a 60 metros de profundidade do solo fluminense e carioca, a partir do rio Guandu, para o fornecimento de água.

### *Faixa 3*

Continuação da Fita Anterior.

Entrevista com o Governador da Guanabara, Carlos Lacerda

Carlos Lacerda fala sobre a obra da água no estado da Guanabara e a ampliação do abastecimento com a construção do túnel a partir do rio Guandu, que levaria água até o reservatório dos Macacos, na Gávea, e do Pedregulho, em São Cristóvão. Diz que a obra ficaria pronta em 20 de março de 1965, e que o custo total era de 40 bilhões de Cruzeiros. Conta que era para custar 16 bilhões, mas a inflação tinha feito aumentar muito o preço, diz ele. Dos 40 bilhões, menciona, 20 bilhões eram provenientes do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento). Acrescenta que a obra daria à Guanabara duas vezes e meia a quantidade de água que ela já recebia. Diz que a Guanabara sofria com a mais terrível seca dos últimos 70 anos. Carlos Lacerda fala dos empréstimos federais concedidos ao estado. Afirma que Minas Gerais era quem mais tinha recebido no ano de 1961: 3 bilhões e meio. Em 1962, assinala ele, a mesma quantia, e em 1963, 11 bilhões e meio. Ele enfatiza que não estava entrando no mérito da questão do valor da concessão à Minas Gerais. Considera, inclusive,



que Minas merecia muito mais. Mas, o que ele queria frisar era que, a Guanabara, em 1961, havia recebido zero Cruzeiros. E Lacerda salienta que o estado tinha a população que era per capita, a maior contribuinte da União, e que estas eram informações oficiais do Ministério da Fazenda. Em 1962, destaca Lacerda, foram 200 milhões de Cruzeiros; em 1963 foram 200 milhões de Cruzeiros também. Carlos Lacerda compara a situação da Guanabara com a de Minas Gerais, pois aquele estado havia recebido verbas do governo nos anos de 1961, 62 e 63, e muito maiores que as concedidas à Guanabara. Lacerda diz que não era contra a concessão de verbas a Minas Gerais, mas, salienta que, durante os três anos, o governo de Minas apoiou o governo federal. Acrescenta que isso mostrava o quanto se queria escravizar a federação e acabar com a autonomia e a dignidade dos estados, aliciando apoio para o processo de formação de uma ditadura central no Brasil. Quando o governo de Minas Gerais mostrou-se contrário ao estado de sítio, perdeu os empréstimos que lhe foram concedidos, alerta Lacerda. Sobre a desapropriação das terras marginais das rodovias federais, Carlos Lacerda considera que o decreto federal era incondicional, ilegítimo, antieconômico, inconveniente e imoral, pois atribuía ao presidente da República, por cima da Constituição, a faculdade de, em cada caso, autorizar aquilo que a Constituição autorizava em todos os casos. Diz Lacerda que o presidente estava revogando a Constituição, estava se substituindo à Constituição, pois com o decreto ele estava dizendo que a única opinião que valia era a dele. Acrescenta que estava na Constituição o reconhecimento do direito dos posseiros, e que, para fazer reforma agrária, era preciso apenas cumprir a Constituição. Diz Lacerda que o decreto era antieconômico por uma razão muito simples, e daí ele fala da rodovia, da estrada de rodagem. No momento em que começa o processo de parcelamento da terra que margeia a estrada de rodagem vem o presidente da República e diz: “Não, não vai ser assim. Eu é que vou dividir essas terras!” Entretanto, ele salienta que as terras parceladas às margens das estradas de rodagem iriam valorizando-se de tal modo que, num país sem preços garantidos pela agricultura, sem garantias para o criador na entressafra, sem uma agricultura estabilizada, num dado momento, quando uma terra era valorizada pela rodovia, o proprietário lotearia a terra e a venderia. Carlos Lacerda fala da reforma agrária. Para ele a reforma não era para matar a fome daquele determinado indivíduo que iria para aquela determinada gleba, e sim para aumentar a produtividade do produtor a fim de aumentar a produção de matérias-primas e de alimento.



			Observação: A partir dos 00:15:00 o áudio é o mesmo apresentado na fita-rola 31 (faixa 2).
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.116</b>	F1: 34:11min F2: 22:37min	<b>F1: [1963]</b> <b>F2: [1963]</b>	<i>Faixa 1</i> Discurso de Carlos Lacerda Nos primeiros 01:30min a fita apresenta chiado e a voz de Carlos Lacerda está praticamente incompreensível. Ele discorre sobre propaganda política e a fonte de recursos para bancar tais propagandas. Sobre as subvenções dadas à UNE (União Nacional dos Estudantes), ele salienta que eram subvenções políticas! Ele diz em tom de denúncia que a UNE só fazia política e que seu dinheiro era o dinheiro do contribuinte. Fala também das possíveis eleições presidenciais de 1965. Perguntam a Lacerda sobre a possibilidade de um golpe de estado militar. Ele responde que não acreditava que o povo recebesse bem e que o Exército desejasse, nem achava que fosse necessário. Ele ainda considerava possível fazer com que o governo vigente tolerasse, ainda, a democracia. Mas, diz que o governo era formado por homens que não estavam preparados para viverem democraticamente. Perguntam a ele se realmente era candidato à Presidência da República. Ele responde que ainda não era, mas que seria inevitável, porque parecia haver um esforço enorme para convencê-lo de que não havia outro remédio. Querem saber, então, se a UDN (União Democrática Nacional) lançasse a candidatura de Magalhães Pinto ao invés da sua, se ele o apoiaria. Ele responde que se ele viesse a ser candidato com um programa semelhante ao seu, ele não teria nenhum motivo para não apoiá-lo. Muito pelo contrario, diz. Agora, o problema era saber se ele teria um programa assim. Carlos Lacerda diz se sentir, como homem na vida pública, inteiramente realizado, e que sua maior angustia era não poder fazer mais do que fazia. Perguntam se ele achava que tinha se saído melhor ou pior do que pensava, quando tinha deixado de ser parlamentar para ser chefe do Executivo. Ele responde que francamente sentia que havia se saído melhor. Diz que as dificuldades tinham sido maiores do que ele pensava também. Carlos Lacerda fala da politização do povo brasileiro, afirmando que o brasileiro, como nunca antes na historia política do Brasil, estava interessado pela política. Perguntam se ele fosse da oposição ao governo da Guanabara e tivesse um governador fazendo um governo igual ao dele, como ele poderia combatê-lo. Carlos Lacerda responde que não iria ensinar a oposição a atacá-lo, mas que havia muita matéria para se fazer oposição ao seu governo, por exemplo, algumas promessas que ele havia feito na campanha não tinham, ainda, sido cumpridas. Mas, diz que o governo, nessas matérias, sempre tinha defesa. Sobre a oposição que lhe era feita, Carlos Lacerda diz que ela era incompetente, pois tinha nascido de um ódio, quando não era nascida de interesses bem
1. Assunto 1.1 Discurso de Carlos Lacerda  1.2 Discurso de Carlos Lacerda Cerimônia de Entrega da Sétima Linha de Ônibus Elétrico à População de Ipanema, na Praça General Osório.  2. Temas  2.1.Faixa 1 Propaganda política, subvenções à UNE, eleições presidenciais de 1965, golpe de estado militar, candidatura de Magalhães Pinto, politização do povo brasileiro, oposição incompetente, impeachment, apoiava Juscelino Kubitscheck, fenômeno de povo, país subdesenvolvido, problema do Nordeste, abandono do Norte, SUDENE, descentralização, iniciativa privada, favela, habitação popular, assistencialismo  2.2 Faixa 2 Reflexão em voz alta, notícias tranquilizadoras, sétima linha de ônibus elétrico, política de transportes e da expansão do ônibus elétrico, combate à criminalidade, gratificação, vencimento dos policiais, condições precárias das delegacias, reaparelhamento da polícia, construção e reconstrução dos presídios			



diferentes daqueles que ele possuía quando fazia oposição. Acrescenta que o povo não desejava saber quem era governo e quem era oposição. Ele queria saber quem estava realizando, na prática. E, nesse sentido, Lacerda afirma que a oposição ganhava muito mais quando ajudava o governo do que quando cogitava seu impeachment, por exemplo. Carlos Lacerda fala do desenvolvimento do Brasil. Diz que, entre 1940 e 1960, o Brasil tinha crescido e se industrializado mais do que a Rússia, por exemplo. Diz que quando se tratava de falar do desenvolvimento russo, falava-se apenas de valores relativos, mas abriam mão dos valores absolutos. Quando diziam, por exemplo, que um país tinha aumentado em 100% a produção de locomotiva, sendo que nunca este país, até então, havia feito locomotiva, significava dizer que se tinha produzido apenas uma. E Lacerda diz que era assim que eram tratadas as estatísticas na Rússia. Acrescenta que em comparação, o Brasil, nesse sentido, crescera muito mais. Perguntam a Carlos Lacerda se ele apoiava Juscelino Kubitschek para presidente da República, em 1965. Ele retruca que não, que não tinha nada disso, até porque dos 20 anos, entre 1940 e 1960, ele tinha contribuído apenas com 5. E Lacerda também diz que ele não tinha sido um fenômeno de presidente da República, e sim um fenômeno de povo. Perguntam se ele ainda considerava o Brasil um país subdesenvolvido. Ele responde não saber, mas que não concordava com certos rótulos, considerava-os perigosos, pois para ONU (Organização das Nações Unidas) o Brasil era considerado um país subdesenvolvido, enquanto que o Chile e o Uruguai não. Lacerda pergunta se no Brasil não havia imensas áreas em que o padrão de vida era superior ou igual ao do Uruguai. Ele salienta que em relação a si mesmo valeria destacar que tinha aumentado a capacidade aquisitiva do brasileiro, assim como seu grau de conforto. Lacerda fala do problema do Nordeste e do abandono do Norte. Comenta que no Nordeste havia miséria, ainda, mas não mais epidemia de fome, pois se a fome apertasse o trabalhador tomava um caminhão para vir trabalhar no Sul. Ele alerta que a coisa poderia ficar feia se, em alguns anos, o jovem de então fosse procurar trabalho e não encontrasse. Ele diz que a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) poderia fazer muita coisa pela região. Perguntam, então, se a SUDENE fazia alguma coisa pelo Nordeste.. Ele responde que não. E acrescenta que a SUDENE pecava pelo excesso de teoria e pela falta de descentralização na execução de seus projetos. Diz que a SUDENE fazia a pior das políticas, que era a política totalitária, unitária, centralizadora. Comenta que ela negava verbas aos governos estaduais e não tinha capacidade de usar o dinheiro que recebia. Ele vê a solução na iniciativa privada. Anuncia querer aproveitar a



ocasião para esclarecer em poucas palavras, e de uma vez por todas, essa questão da iniciativa privada no Brasil. Pois, diz que graças à ignorância que grassava no país, quando se falava em iniciativa privada pensava-se apenas em Emílio de Moraes, em Matarazzo. Ele inclui também a favela, ao considerar que a favela era uma das maiores realizações da iniciativa privada no Brasil. Considera a favela como uma das maiores aventuras da liberdade do homem, que saía do campo para a cidade em busca de melhores condições de trabalho e de vida e, não encontrando lugar para morar, subia o morro e dava o seu jeito. Carlos Lacerda diz que nem todo o dinheiro dos EUA e da Rússia somados seriam suficientes para resolver o problema da habitação popular no Brasil. Cita como exemplo a Guanabara, onde o problema estava na base de 200 mil moradias. Isso se atendo somente aos favelados, e deixando de lado os moradores de cortiços e a pequena classe média. Ele pergunta: Imagine um governo querendo resolver sozinho este problema? Já no fim da fita, ele defende então o estímulo, através de um sistema de crédito, da iniciativa privada de quem constrói e de quem compra, ao invés de assistencialismo.

#### *Faixa 2*

Discurso de Carlos Lacerda.

A fita apresenta um áudio de qualidade muito ruim, com duas gravações, uma por cima da outra, que se confundem. Carlos Lacerda fala que fará uma reflexão em voz alta, que não era um conselho, pois ele tinha horror a dar conselhos. Diz que os jornalistas – e se inclui – contribuiriam muito para melhorar o país no dia em que se habituassem a fornecer ao povo notícias tranqüilizadoras, na mesma intensidade e dedicação com que fornecem as alarmantes.

Aos 04:13min surge a voz de Lacerda, parecendo ser outra gravação, por cima das anteriores.

Cerimônia de Entrega da Sétima Linha de Ônibus Elétrico à População de Ipanema, na Praça General Osório.

Ele anuncia o coronel-aviador, Francisco Américo Fontenelle, presidente da CTC (Companhia de Transportes Coletivos); os engenheiros do estado da Guanabara, Paulo de Sousa Reis, Armando Coelho de Freitas, Otto Lima e Norberto de Escragnolle Taunay; entre outros. Comenta que aquela era a sétima linha de ônibus elétrico que se implantava na Zona Sul, sendo que com ela entrava em circulação um total de 80 ônibus que representavam 50% da frota recebida. Promete Lacerda que os outros 50% entrariam em circulação até o dia 10 de abril próximo. Ele fala da política de transportes e da expansão do ônibus elétrico à Zona Norte da cidade. Ele fala também do combate à criminalidade no estado da Guanabara. Diz que seu governo estava



			<p>mobilizando a ‘boa polícia’ e expulsando a ‘má polícia’. Anuncia a gratificação, instituída a partir de então, de 1 milhão de Cruzeiros, para a turma de policiais que capturasse mais condenados e os entregasse ao presídio, e um prêmio individual para cada policial que capturasse mais criminosos foragidos; um prêmio de 350 mil cruzeiros para a turma de policiais que lavrassem o maior número de flagrantes de assaltos e contravenções; e um prêmio de 500 mil cruzeiros para o efetivo de cada delegacia que realizasse maior número de flagrantes, além de um prêmio de 500 mil cruzeiros para a guarnição de rádio-patrolha que mais se distinguisse no serviço à população. Diz que precisou recorrer a essas gratificações, pois tinha sido, no momento, o único meio possível de melhorar o vencimento dos policiais. Carlos Lacerda fala da falta de estrutura e das condições precárias das delegacias em que trabalhavam os policiais da Guanabara e promete que o crime seria extirpado do estado da Guanabara. Diz que precisava de dinheiro com urgência para reaparelhar a polícia, para reconstruir as delegacias, para prosseguir a obra de construção e reconstrução dos presídios</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.117</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Solenidade de Posse do Dr Paulo Vital no Cargo de Subchefe da Casa Civil do Estado da Guanabara – Palácio Guanabara</p> <p>2. Temas</p> <p>Elogio a Paulo Vidal Leite Ribeiro, aproveitamento das revoluções, destruição da “Revolução”, golpe militar, eleições na Guanabara, 4 candidatos, Rafael de Almeida Magalhães, Danilo Nunes, Enaldo Cravo Peixoto, o ‘candidato das obras’, destino da Guanabara, ‘duelo no escuro’, disputas internas na UDN, “Revolução”, ato de instinto de conservação nacional, guerra civil, papel das Forças Armadas</p>	<p>F1: 36:26min</p>	<p><b>F1: 10/05/1965</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Solenidade de Posse do Dr Paulo Vital no Cargo de Subchefe da Casa Civil do Estado da Guanabara – Palácio Guanabara</p> <p>Diz ser um ‘ato de rotina’, pois com a ascensão de Caio Furtado de Mendonça à Secretaria de Economia, tinha ficado vaga a Subchefia, e dificilmente ele poderia encontrar alguém com igual dedicação e lealdade do que Paulo Vidal Leite Ribeiro. Destaca que depositava sua certeza de que Paulo Vidal iria consolidar suas virtudes morais na Subchefia. Carlos Lacerda diz entender que um país não podia fazer uma revolução todos os anos. Não poderia e nem deveria. Por isso, entende que já estávamos em tempo de criar juízo e aproveitar as revoluções que se tinham tornado indispensáveis. Diz que várias delas foram desperdiçadas e que não poderíamos nos dar ao luxo de desperdiçar mais uma. Crê ele que as Forças Armadas já tinham cumprido com o seu dever, e que era hora dos chamados homens públicos portarem-se como tais, isto é, como homens públicos, não se deixando seduzir por conveniências que os levassem a destruir a “Revolução” a pretexto de ganhar a “Revolução”. Carlos Lacerda discorre sobre os últimos 12 meses depois do golpe militar. Assinala que nunca tinha se intrigado tanto no Brasil quanto naquele período. Enfatiza que era o momento de falar menos sobre aquilo que separava o povo e falar mais sobre aquilo que nos unia. Alerta sobre o perigo do retorno daquilo que a “Revolução” – deseja ele que para sempre – tinha extinguido. Ele fala sobre as eleições na Guanabara para eleger o seu sucessor e diz que vê uma confusão que se</p>



fazia nas próprias fileiras de seu partido. Menciona que a UDN (União Democrática Nacional) tinha 4 candidatos possíveis e que um deles propôs um 5º nome de conciliação, de união, com condições de vencer. Carlos Lacerda diz que o autor de “tão nobre e desinteressada proposta” era o candidato que tinha o seu voto e o de todos os membros do governo, que era o vice-governador Rafael de Almeida Magalhães. O segundo candidato, o general Danilo Nunes, tinha aberto mão de sua candidatura em favor da união; o terceiro candidato, o atual ministro da Saúde, havia assumido, na presença de Armando Falcão, do vice-governador Rafael de Almeida Magalhães e do secretário de Governo Célio Borja, o compromisso de desistir de sua candidatura e de pedir o apoio dos convencionais em favor da candidatura de união. Restava apenas 1 candidato. Ele fala da candidatura de Enaldo Cravo Peixoto, o ‘candidato das obras’. Ele cita as dificuldades enormes na tentativa de vitória na Guanabara, pois se posicionavam contra ele aqueles que ele considerava que deveriam estar unidos a ele, esforçando-se com ele. Diz Lacerda que os membros de seu partido não tinham o direito de, em troca de ambições pessoais – e fúteis –, e em troca de uma competição pessoal entre políticos, pôr em perigo o destino da Guanabara que, entregue ao adversário, regressaria à situação na qual ele a tinha encontrado ao assumir o governo. Ele pede que os homens da UDN pensassem no destino do estado. Crê que competia a ele advertir também o eleitorado para que ele se preparasse para julgar, pois diz que estava um pouco cansado de receber punhaladas pelas costas, cansado do ‘duelo no escuro’. Fala que queria acender a luz para ver quem o estava acutilando. Numa alusão às disputas internas da UDN, conta Lacerda que não tinha tido tempo de pensar no perigo que poderia vir de um adversário forte, e que seu tempo era pouco para pensar no perigo que poderia vir de aliados que se enfraqueciam uns aos outros. Carlos Lacerda discorre sobre o eleitorado carioca e explica que, depois de ter visto um governo ao mesmo tempo honesto e trabalhador, não se deixaria mais levar pelo estilo político que vigorava antes. Ele deseja reafirmar, na ocasião da posse de Paulo Vidal, que uma das missões do subchefe de Gabinete era assegurar a consolidação da candidatura do engenheiro Cravo Peixoto ao governo do estado da Guanabara.

Aos 00:26:22 Carlos Lacerda dá a palavra a João Vaz, presidente do Clube dos Veteranos de Guerra, retornando minutos depois.

No fim da fita, Carlos Lacerda diz ainda ser trágico que uma nação tivesse que ver seus filhos morrerem para que não desaparecesse. Pensa ter entendido a “Revolução” como um ato de instinto de conservação nacional, crendo que o povo também a tivesse considerado desta forma.



			<p>Acrescenta que foi para evitar uma guerra civil que se tinha feito uma revolução, e seria trágico que se evitasse a revolução caminhando novamente rumo à guerra civil. Ele exalta o papel das Forças Armadas na “Revolução”. Diz Lacerda que com o povo brasileiro ele estaria unido, acontecesse o que acontecesse e pronto a recomeçar, se fosse necessário. E, com esta disposição, o seu governo se consolidava e se completava, trazendo para o seu seio, tal qual no início – e até o último dia -, aqueles em que ele pudesse confiar para garantir a sua candidatura, como garantia de eleições e, sobretudo, garantia do prosseguimento, sob via democrática, da “Revolução” para a qual teve-se que apelar para as armas.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.118</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Entrevista da Professora Teresinha Saraiva, Secretária Municipal de Educação, à <i>Três Poderes em Revista</i></p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Ensino de primeiro grau, segundo grau, rede com problemas, reparos urgentes, escolas interditadas, excedentes, falta de vagas. Estruturação da Secretaria, bolsas da obrigatoriedade escolar, atendimento ao pré-escolar, grupo sócio-econômico menos favorecido, censo escolar, distorção. guerra contra o analfabetismo. professores recenseadores, apelo à população, gratificação ao professor recenseador, concurso de remoção, afeto pela rádio Roquete Pinto</p>	F1:19:00min	[1975/1978]	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Entrevista da Professora Teresinha Saraiva., Secretária Municipal de Educação, à <i>Três Poderes em Revista</i></p> <p>Ela começa agradecendo à rádio Roquete Pinto pela oportunidade de falar através de seus microfones. Ela discorre sobre a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro que abrangia o antigo território do estado da Guanabara, mas administrava somente o ensino de primeiro grau. Diz que o ensino supletivo e o segundo grau eram da competência do estado. Dessa maneira, informa que eram 748 escolas de primeiro grau, com 695.380 alunos, com cerca de 39.000 professores. Ela explica que o primeiro grau abrangia os antigos ensino primário e ginásial. Teresinha comenta que tinha encontrado uma rede com grandes problemas, com cerca de 350 prédios necessitando de reparos urgentes e sérios, 15 escolas interditadas e 4950 excedentes pagos na rede particular por falta de vagas. Diz que a primeira providência da Secretaria foi estruturar a própria Secretaria, sua estrutura básica, sua estrutura orgânica e os regimentos. Conta que o primeiro grande objetivo era o cumprimento da obrigatoriedade escolar, isto é, todas as crianças de 7 a 14 anos tinham que estudar. Reconhece que naquele momento não havia escolas para todas as crianças, mas ela fala da instituição de bolsas da obrigatoriedade escolar em escolas da rede particular, para garantir vagas a todas as crianças. Ela menciona, também, um grande programa de atendimento ao pré-escolar, ou seja, às crianças de 02 a 06 anos, para suprir todas as carências das crianças, a fim de diminuir o nível de reprovação de 60% que ocorria na passagem da primeira para a segunda série. Ela fala, sobretudo, da assistência àquelas crianças que vinham de um grupo sócio-econômico menos favorecido. Mas, ela afirma que a prioridade ainda era o primeiro grau. O radialista queria saber o que era o censo escolar e o porquê do censo escolar. Ela diz que ele começaria na cidade do Rio de Janeiro, a partir do dia 15 de setembro</p>



próximo e iria até 22 de setembro. Seu objetivo era planejar a educação no município, pois ele poderia levar a Secretaria Municipal de Educação e Cultura à solução de diversos problemas existentes. Destaca que o censo abrangeria a população de 02 a 18 anos, recenseando um total de 2.200.000 pessoas. Sobre a faixa de 07 a 14 anos, a secretária comunica que o censo não se limitaria a informar o número de crianças fora da escola, mas daria o nome e o endereço para que ela pudesse ir à casa buscar a criança para a escola. A extensão do censo à idade de 18 anos se dava por conta da distorção existente entre idade e série, pois Teresinha diz que tinha encontrado crianças de até 18 anos ainda no primeiro grau. Ela acha que era preciso descobrir as razões dessa distorção. Assegura que se tratava de uma guerra contra o analfabetismo. Ela assinala que havia 8.850 professores inscritos como recenseadores e exalta a preocupação do magistério em recolher estes dados para a Secretaria. Conta que eles iriam percorrer 6.897 setores em que se dividia o território geográfico do município do Rio de Janeiro, visitando 1.293.391 domicílios. Afirma Teresinha que o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) tinha elogiado muito o trabalho. Ela faz um apelo à população, pela rádio Roquete Pinto, para que recebessem o recenseador. Salienta que eles teriam identificação própria. Pede, ainda, que se fornecessem todos os dados pedidos, pois seria de suma importância para que a Secretaria de Educação do Município do Rio de Janeiro pudesse fazer um bom trabalho de educação e colocar na escola todas as crianças. Ela deixa bem claro à população que o serviço de fiscalização nada tinha a ver com punição, nem com sanção. Não haveria cobrança de multa aos pais que não levassem seus filhos à escola. Sobre a gratificação ao professor recenseador, ela assegura que a eles seria concedido um período de 10 dias a mais de férias, além do período regulamentar de 23 de dezembro a 23 de fevereiro. Fala do retorno do concurso de remoção por pontos e que naquele concurso os pontos que os recenseadores conseguissem pelo número de domicílios recenseados entrariam para a sua remoção. Ela ressalta que recebeu o apoio de todas as entidades para a realização do censo, como emissoras de rádio e televisão, Forças Armadas, igrejas. Agradece o apoio e o suporte em todas as fases de promoção, divulgação e realização. O radialista pergunta se os alunos ficariam sem as aulas dos professores que fariam o serviço de recenseador. Ela começa dizendo que era uma excelente pergunta e anuncia que todos os alunos cujos professores fossem recenseadores não teriam aula no período de 15 a 22 de setembro; para os demais, as aulas prosseguiriam normalmente. E salienta que no caso de turmas que tinham mais de um professor, como era o caso das turmas de 5ª a



			8ª, os alunos seriam liberados apenas das aulas dos professores que fossem recenseadores. Ela encerra agradecendo e dizendo ter um especial afeto pela rádio Roquete Pinto desde a primeira vez em que foi Secretária de Educação. Conta que se sentia honrada por ter sido convidada pela rádio e se coloca à disposição para esclarecer quaisquer dúvidas a respeito de sua política na Secretaria Municipal de Educação.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.119</b>	F1: 09:05min	<b>F1: 22/05/1961</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Discurso de Carlos Lacerda na Cerimônia de Inauguração do Edifício Avenida Central, a “Nova Galeria Cruzeiro”.</p> <p>O governador Carlos Lacerda diz que constituía um dos raros privilégios da honra de governar o estado o fato de estar presente e presidir a cerimônia de inauguração do prédio. Sobre a modernização do Rio de Janeiro ele acredita que não se modernizara ainda tanto quanto desejava; fala do abandono do plano Agache, o melhor plano urbanístico até então concebido para a cidade. Ele lembra o Rio do Bota Abaixo e da abertura da avenida Presidente Vargas. Fala dos novos construtores, novos idealizadores. Considera o prédio admirável, obra concebida que se devia ao gênio de Henrique Mindlin e ao talento realizador de Regina Paiva. Carlos Lacerda exalta a figura de Regina Paiva. Diz Lacerda que ela aceitou por espírito cívico, sem nenhuma espécie de remuneração, a direção da construção de 30 escolas públicas da Fundação Otávio Mangabeira. Assegura que ela faria escolas para durarem, assim como o prédio que estava sendo inaugurado.</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Discurso de Carlos Lacerda na Cerimônia de Inauguração do Edifício Avenida Central, a “Nova Galeria Cruzeiro”.</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Modernização do Rio de Janeiro, abandono do plano Agache, Rio do Bota Abaixo, exaltação a Regina Paiva e Henrique Mindlin, Fundação Otávio Mangabeira</p>			
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.120</b>	F1a: 11 min F1b: 20min	<b>F1: 21/03/1964</b> <b>F2: [1964]</b>	<p><i>Faixa 1a</i></p> <p>Discurso do Governador na Câmara Municipal Carlos Lacerda discorre sobre experiências de reforma agrária ao redor do mundo. Sustenta que o resultado da reforma agrária da China era parecido com o resultado da reforma agrária nos Estados Unidos e na Suécia. Considera que o objetivo da reforma agrária deveria ser equiparar as condições de trabalho do trabalhador rural com as do trabalhador urbano. Critica a proposta de reforma agrária do governo brasileiro. Afiança que se fosse aprovada iria resultar em uma epidemia de fome. Lacerda acha que as reformas deveriam ser feitas de maneira paciente e continuada, com uma série de medidas sucessivas, que iriam sendo adotadas e iriam produzindo resultados, até que se conseguisse um conjunto de melhoramentos e alterações que consagrassem a alteração das estruturas. Acredita que a situação do país estava melhorando, mas era preciso acelerar o ritmo das melhoras. Lacerda destaca que o Brasil era uma nação de jovens, que nas próximas eleições 3 milhões de jovens iriam votar pela primeira vez. Lacerda afirma que os jovens precisavam ser libertados do medo que eles sentiam. Cerimônia de homenagem de instituições portuguesas ao governador Carlos Lacerda, no Palácio Guanabara</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1.1.1 Faixa 1a</p> <p>Discurso do Governador na Câmara Municipal</p> <p>1.1.2 Faixa 1b</p> <p>Exibição de Orfeões Portugueses e Entrega de homenagens à esposa do Governador, Letícia Lacerda</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1.1 Faixa 1a</p> <p>Reforma agrária, resultado da reforma agrária da China, reforma agrária nos Estados Unidos e na Suécia, equiparar condições de trabalho, trabalhador rural, trabalhador urbano, crítica à reforma agrária brasileira, epidemia de fome, alteração das estruturas, nação de jovens,</p>			



libertados do medo, homenagem			<i>Faixa 1b</i> Exibição de Orfeões Portugueses e Entrega de homenagens à esposa do Governador, Letícia Lacerda
2.1.2 Faixa 2 Orfeões portugueses, homenagem			
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.121</b>	F1: 27 min F2: 27 min	<b>F1: 16/02/1965</b> <b>F2: inaudível</b>	<i>Faixa 1</i> Entrevista do Governador sobre o Decreto que dá Autonomia ao Departamento de Trânsito . Discursos de Carlos Lacerda e Américo Fontenelle Carlos Lacerda discorre sobre a assinatura do Decreto que conferia relativa autonomia administrativa e financeira ao Departamento de Trânsito e convida seu diretor, Coronel Francisco Américo Fontenelle, para explicar a importância do Decreto. O coronel Fontenelle elogia o governador Carlos Lacerda por obras como a construção de túneis, avenidas, viadutos e a substituição de bondes por ônibus, além do asfaltamento de centenas de ruas e avenidas. Ressalta que o governo tinha enfrentado diversas dificuldades e deveria receber a colaboração da população. O coronel fala sobre a atuação do Departamento de Trânsito sob a sua gestão. Elogia a equipe do governo da Guanabara. Diz que recebeu as instalações do Departamento de Trânsito em péssimas condições. Critica a centralização administrativa que havia no Departamento antes de assumir o órgão. Por isso, segundo o coronel, tinha sido necessário fazer uma revolução no Departamento, começando pela recuperação das instalações. Conta que tinha havido também uma descentralização administrativa e a implementação de novas operações de tráfego na Zona Sul, no Centro e na Zona Norte da cidade. Diz que em 1964 a verba de 200 milhões tinha sido utilizada para comprar sinais elétricos e material de sinalização gráfica. Para o orçamento de 1965, Fontenelle pede 275 milhões. Segundo ele, o decreto iria permitir que o Departamento de Trânsito contratasse pessoal especializado sob o regime da lei trabalhista, arrecadar estadias de estacionamento, e cobrar taxas e valores por serviços prestados diretamente, para o órgão auferir receita própria. Carlos Lacerda faz elogios ao coronel Fontenelle. Diz que o coronel era um dos membros do seu governo que mais se destacavam por seu esforço, dedicação, entusiasmo e integridade. Elogia o trabalho de reorganização e reabilitação da Superintendência de Transportes, a padronização da frota do estado, que representara uma grande economia para o governo da Guanabara. Diz que a gestão do coronel Fontenelle representava um salto adiante. Lacerda comenta que as pessoas já tiravam carteira de motorista em dez minutos. Assinala que tinha excluído apenas um artigo do Decreto, o que permitiria ao Departamento fixar critérios para a exploração de publicidade, mediante colocação de anúncios, etc. Lacerda afirma que seu objetivo era diminuir os anúncios. Recomenda a quem quisesse
1. Assunto			
1.1 Faixa 1 Entrevista do Governador sobre o Decreto que dá Autonomia ao Departamento de Trânsito			
2. Temas			
2.1 Faixa 1 Assinatura do Decreto, autonomia administrativa e financeira ao Departamento de Trânsito, construção de túneis, avenidas, viadutos, substituição de bondes por ônibus, asfaltamento de centenas de ruas, instalações em péssimas condições. Crítica a centralização administrativa, novas operações de tráfego na Zona Sul, no Centro e na Zona Norte, pessoal especializado, auferir receita própria, elogios ao coronel Fontenelle, reabilitação da Superintendência de Transportes, exploração de publicidade			
2.2 Faixa 2 Inaudível			



			<p>anunciar que procurasse o rádio ou a televisão que eram locais apropriados</p> <p><i>Faixa 2</i> Inaudível</p>
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.122</b>			Fita 122 com defeito
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.123</b>	F1: 25 min	<b>1F1: 10/02/1965</b>	<p><i>Faixa 1</i> Solenidade de Inauguração do Mercado das Flores, na rua General Polidoro Discursos de Ariosto Berna e de Carlos Lacerda Ariosto Berna, representante dos floristas, elogia a parceria entre a iniciativa privada e o governo. Cita a construção do Palácio das Flores, o maior do mundo. Menciona que o governador estava inaugurando o de Botafogo, e em breve seria inaugurado o do Caju. Diz que as flores eram bênçãos de Deus, que acompanhavam o homem do berço ao túmulo. Ressalta a exuberância da flora brasileira, que não era aproveitada de maneira adequada. Ariosto diz que tudo no Brasil estava atrasado por culpa da burocracia, do negativismo, e da ausência de sentimentos cívicos de certas autoridades. Para Ariosto, os floristas tinham sido vítimas da organização, lutaram contra tudo e contra todos, mas venceram porque encontraram autoridades de visão ampla e honorabilidade ímpar, que perceberam que o objetivo da classe era inovar, renovar e prosperar. Diz que os floristas enfrentaram todas as dificuldades para construir três mercados de flores. Pede ao governador Carlos Lacerda que publique a obra botânica escrita por um eminente carioca sertanejo, Francisco Frei Alemão. A publicação no Quarto Centenário teria repercussão internacional e ajudaria o governador em seu projeto de preservação das árvores da flora brasileira. Elogia o trabalho do embaixador Negrão de Lima em defesa do meio ambiente. Agradece ao governador por não criar dificuldades para a implantação do Mercado das Flores em Botafogo. Ariosto sugere que a inauguração fizesse parte da comemoração oficial do Quarto Centenário. O governador Carlos Lacerda comenta que, em 400 anos de vida, sobram apenas três parques no Rio de Janeiro: a Quinta da Boa Vista, o Campo de Santana e o Passeio Público e assinala que todos tinham sido construídos no Império. Ressalta que nos últimos quatro anos haviam sido criados dois parques: o parque do Flamengo e o parque Ari Barroso, na Penha, o primeiro no subúrbio. Explica que, com a manutenção do Parque Lage, que o governo tinha evitado que fosse loteado pela especulação imobiliária, o Rio ganhara três parques. Conta que naquele ano seria instalada na Guanabara a primeira Escola de Jardinagem do Brasil. Lacerda afirma que as origens do Mercado das Flores remontam ao governo de Rodrigues Alves e que o governo nada tinha gasto com a obra, havia participado apenas com a autorização para que ela fosse feita.</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1. Faixa 1 Inauguração do Mercado de Flores, em Botafogo</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Parceria entre a iniciativa privada e o governo. construção do Palácio das Flores, exuberância da flora brasileira, burocracia, negativismo, ausência de sentimentos cívicos, publicação de obra botânica, Quarto Centenário, defesa do meio ambiente, parques do Flamengo e Ari Barroso, especulação imobiliária, Escola de Jardinagem</p>			



<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.124</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Programa Haroldo de Andrade - Rádio Globo</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Mulheres analfabetas, limitações impostas às mulheres, importância da educação, ensino primário, crianças deficientes, crianças superdotadas, censo escolar, participação das professoras das escolas municipais, três turnos</p>	<p>F1: 25 min</p>	<p><b>F1: 10/09/1975</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Programa Haroldo de Andrade - Rádio Globo O Papel da Mulher na Sociedade. Entrevista com a Professora Teresinha Saraiva</p> <p>O repórter pergunta se realmente 60% dos analfabetos eram mulheres. Ela responde que sim, mas que boa parte das mulheres analfabetas estava na Índia ou em países africanos, nos quais existiam muitas limitações impostas às mulheres. Teresinha fala sobre a importância da educação para as mulheres. Ela diz que para que um casamento tivesse boas chances de dar certo, era importante o grau de educação da mulher. Então, mesmo que a mulher quisesse apenas ser esposa era necessário que ela estudasse. Mas, conta que tinha participado de um encontro de mulheres em 1970, no Rio Grande do Sul, e revela as estatísticas que demonstravam o grande número de mulheres em todos os níveis de educação no Brasil, quer como aluna quer como professora. Destaca que as mulheres não eram mais professoras apenas do ensino primário. O repórter queria saber se a Secretaria de Educação se preocupava com a educação de crianças deficientes. Ela responde que era uma das prioridades da Secretaria de Educação, que se preocupava, inclusive, com as crianças superdotadas, que também precisavam de uma atenção especial. Perguntam se a população não valorizava os censos. Teresinha concorda que a população não dava importância aos censos e comenta sobre o significado do censo escolar, que seria feito por professoras das escolas municipais, que iriam visitar mais de um milhão de domicílios. Ela faz um apelo para que todos recebessem os recenseadores que iriam fazer um trabalho fundamental. Ela afirma que o censo daria informações para que a Secretaria Municipal implementasse os seus programas para melhorar a educação na cidade. Teresinha promete construir mais escolas para acabar com os três turnos em algumas escolas.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.125</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Mesmo conteúdo da Fita 124 Programa Haroldo de Andrade - Rádio Globo</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Compra de papel, ensino de 1º grau, segundo grau, Distrito de Educação e Cultura, descentralização administrativa, problemas resolvidos.</p>	<p>F1: 25 min</p>	<p><b>F1; 10/09/1975</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Programa Haroldo de Andrade - Rádio Globo Entrevista a Secretária Municipal de Educação, Teresinha Saraiva</p> <p>Haroldo de Andrade diz a Teresinha que um ouvinte ligou e relatou que a diretora do colégio estadual Assis Chateaubriand estava cobrando 20 cruzeiros de cada aluno para a compra de papel a ser usado nas provas, e que a diretora afirmava que o estado não fornecia papel. O ouvinte pergunta se a diretora estava falando a verdade. Teresinha diz que a escola era municipal, não estadual. Ela afirma que a diretora não poderia cobrar dinheiro dos alunos para a compra de papel, porque as escolas estavam recebendo material para o seu funcionamento. Outro ouvinte pergunta porque existia uma Secretaria de Educação Municipal e uma Estadual. Teresinha responde que a Secretaria Municipal tinha ficado responsável pelo ensino de</p>



			1º grau, de oito séries, que era responsabilidade do antigo estado da Guanabara, e que o segundo grau era responsabilidade do estado. Teresinha esclarece que quando houvesse um problema como o da diretora que queria cobrar pelo papel que os alunos iriam usar para fazer prova, o responsável deveria dirigir-se à sede do Distrito de Educação e Cultura. Ela diz que houve uma descentralização administrativa na Secretaria de Educação, e que, portanto, nos Distritos os problemas poderiam ser resolvidos.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.126</b>	F1: 15min	s/d	<i>Faixa 1</i> Gravação de Programa da Rádio Globo com Notícias do Brasil e do Exterior
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.127</b>	F1: 55 min	<b>F1: 25/09/1965</b>	<i>Faixa 1</i> Discurso do Governador Carlos Lacerda, em Sepetiba. Carlos Lacerda promete estender aos pescadores o crédito que o governo dava a criadores e lavradores. Lacerda afirma que o Banco do Estado também disponibilizara crédito para os pescadores. O governador menciona que ainda estava em dívida com Sepetiba porque ainda havia um serio problema de esgoto no local. Conta que tinha feito 700 metros de esgoto na Guanabara, mas ainda faltavam 2.000. Lacerda garante que poderia colocar 100 mil telefones se o governo federal não defendesse o monopólio da Light. Comenta que a CETEL (Companhia Estadual de Telefones) tinha feito em dois anos o que a Light não fizera em 40. Fala sobre a importância da população escolher bem os candidatos em quem votar. Salienta que quando vinha a Sepetiba não tinha asfalto e que já tinha então. Lacerda afirma que em quatro anos e meio, além de fazer, o governo tinha criado as condições para os próximos governos fazerem também. O governador discorre sobre os investimentos que o seu governo vinha fazendo em educação. Anuncia que Sepetiba iria receber muitos turistas, mas que seria necessário que houvesse mais cinco anos de governo trabalhando. Ele afirma que Sepetiba tinha uma das praias mais bonitas do mundo. Agradece ao presidente dos EUA, John Kennedy, por ter concedido um empréstimo para fazer a obra da água. Faz elogios a Flexa Ribeiro, candidato à sua sucessão no governo do estado. Lacerda critica seus antecessores e faz elogios ao seu próprio governo, que tinha estabelecido os concursos públicos para o preenchimento de cargos no serviço publico. Comenta que em quatro anos havia promovido mais de cem concursos para o serviço publico do estado. Menciona que na eleição seria comprovado se o povo brasileiro era inteligente ou não, se o povo iria usar o voto livre para defender a liberdade, ou se iria usar o voto para implantar a escravidão. Lacerda diz que alguém estava enganando a alguém, quando a Light tinha o mesmo candidato que o Partido Comunista. Diz aos insatisfeitos com a “Revolução” que não havia
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Discurso do Governador Carlos Lacerda			
2. Temas			
2.1 Faixa 1			
Crédito aos pescadores, problema de esgoto, 100 mil telefones, escolher bem os candidatos, investimentos, turistas, praias mais bonitas, presidente dos EUA, John Kennedy, obra da água, concursos públicos, voto livre, defesa da liberdade, escravidão. “Revolução”, garantido a paz, tanques voltassem às ruas, candidatura Flexa Ribeiro, reeleição, comunista não era bicho papão			



			<p>ninguém mais insatisfeito que ele. Lacerda destaca que se a “Revolução” estava cometendo muitos erros, ela tinha garantido a paz ao Brasil. Diz que se o povo votasse certo, não seria preciso que os tanques voltassem às ruas. Lacerda afirma que se Flexa Ribeiro não fosse eleito naquele ano, não haveria eleição no ano seguinte, pois o presidente seria eleito por deputados e senadores e não pela população. Lacerda admite que o seu governo errava, mas que tinha a coragem de corrigir os próprios erros. Diz que incomodava a seus adversários porque era um governador que trabalhava, que mostrava à população que os problemas tinham solução, que era preciso apenas trabalhar. Lacerda acusa seus adversários de não gostarem de trabalhar. Acha que a reeleição não deveria ser permitida, mas que se fosse, ele tinha a certeza de que seria reeleito. Pede que elegessem Flexa Ribeiro e diz que preferia não se pronunciar sobre os outros candidatos, porque uns ainda não tinham mostrado do que eram capazes e outro já tinha mostrado que era incapaz. Menciona que ele estava prometendo fazer tudo o que não tinha feito quando teve oportunidade. Esclarece que não achava que comunista fosse bicho papão, nem que se devesse matar comunistas, bastava que não se desse ao comunista um dedo, porque ele tomaria o braço, e depois o corpo inteiro. Lacerda afirma que os comunistas apoiavam o candidato mais reacionário, que tinha ajudado a ditadura em 1937.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.128</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Carlos Lacerda Discursa sobre a Obra do Rio Guandu</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Problema, povo unido e decidido, inauguração da adutora do Guandu, horas de agonia, cidade ameaçada de ficar sem água, falta de verbas, ajuda do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, governo federal, BNDES, projeto da obra da água, trabalhadores desempregados.</p>	<p>F1: 30 min</p>	<p><b>F1: [1965]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Carlos Lacerda Discursa sobre a Obra do Rio Guandu Carlos Lacerda historia a obra do rio Guandu, que tinha durado quase cinco anos. Diz que gostaria de recordar duas coisas, a primeira era: quem confiava, encontraria sempre quem confiasse nele; e a segunda era: quem tinha coragem de decidir, encontraria sempre quem se encorajasse a apoiar a sua decisão. Lacerda assinala que não havia problema que um povo unido e decidido não conseguisse resolver. Fala sobre a importância do momento de inauguração da adutora do Guandu e menciona que aquela obra se incorporara a seu ser. Conta que no início do seu governo tinha vivido horas de agonia, com a cidade ameaçada de ficar sem água por 30 ou 40 dias e que então convidara o engenheiro rodoviário Luiz Roberto da Veiga Brito para dirigir a obra da água, devido à sua liderança e capacidade de comando. Lacerda comenta a falta de verbas para fazer a obra e a ajuda do presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, através de empréstimos concedidos pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento. Acrescenta que também tinha recebido um resto de verba do governo federal para fazer a obra. Reclama que não tinha recebido apoio do Banco do Brasil e do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento). Carlos Lacerda fala sobre o envio do projeto da obra da água, que tinha ido de</p>



			avião para Washington e comenta que precisara pagar 90 mil cruzeiros de excesso de bagagem por causa do projeto. Mostra-se emocionado e menciona que o seu primeiro pensamento tinha sido para os trabalhadores que deram a vida para que a população da Guanabara pudesse ter água e saúde. Fala que era necessário continuar a fazer obras no estado, para não deixar os trabalhadores desempregados.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.129</b>	F1: 30 min	<b>F1: 18/08/1961</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Entrevista com o Governador Carlos Lacerda - Palácio Guanabara</p> <p>Lacerda fala sobre a parceria entre o governo do estado da Guanabara e a Fundação Otávio Mangabeira para a construção de escolas. O governador diz que cada aluno custava entre 15 e 20 mil cruzeiros. Discorre sobre os projetos de fazer escolas no Leme e em Acari, dois bairros que não tinham escola pública primária. O repórter pergunta sobre a afirmação de Lacerda de que venderia ônibus elétricos para o estado do Rio. Lacerda responde que não queria vender os ônibus, preferiria que a Assembleia liberasse as verbas para a implementação dos ônibus elétricos na Guanabara. Assinala que tinha falado em vender como última hipótese. Explica que não se deveria discutir se os ônibus elétricos eram a solução, porque o empreendimento já estava feito. O repórter pergunta sobre as dificuldades que a Light estaria criando para pequenas e grandes empresas, levando algumas empresas a se mudarem para outros estados. Lacerda responde que o estado estava gerando menos energia do que consumia, problema que a Light não havia conseguido resolver. Diz que entregou à CHEVAP, Companhia Hidrelétrica do Vale do Paraíba, a solução do problema. Lacerda comenta que iria adotar três soluções, de curto, médio e longo prazo, mas esperava que o governo federal integralizasse a sua participação no capital da CHEVAP. Acrescenta que o seu objetivo era que a CHEVAP tivesse condições de gerar energia na área da concessão dela e, ao mesmo tempo, ele pudesse se livrar da Light, construindo usinas através da CHEVAP, que era sócia do estado da Guanabara. Diz que o melhor meio de se livrar da Light era adotar medidas econômicas, administrativas e legislativas para resolver o impasse e não ficar criticando a companhia sem tomar nenhuma atitude. Explica que não se poderia exigir da Light uma energia que ela não produzia. O repórter pergunta se Lacerda já tinha recebido verbas do governo federal e se pretendia mudar o secretariado. Ele retruca que ainda não havia recebido verbas do governo, mas que acreditava que até o fim do ano receberia e afirma que não pretendia mudar o seu secretariado. Explica que todos os partidos que apoiavam o seu governo tinham representantes no secretariado, mas, salienta que era ele quem escolhia quem</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Entrevista com o Governador Carlos Lacerda - Palácio Guanabara</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Parceria entre o governo do estado da Guanabara e a Fundação Otávio Mangabeira, construção de escolas,ônibus elétricos, liberação de verbas, CHEVAP, geração de energia, livrar-se da Light, verbas do governo federal mudança no o secretariado,responsabilidade de governar</p>			



			seria escolhido de cada partido. Ele considera que os partidos que apoiavam o governo tinham a obrigação de dividir a responsabilidade de governar.
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.130</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Inauguração do Mercado São Braz – Campo Grande</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Amigos em Campo Grande, carinho pelo bairro e pela população, candidato à presidência, campanha para Flexa Ribeiro, CETEL, construção de 20 escolas, reforma do hospital Rocha Faria, administração descentralizada, administrações regionais, investimentos em educação, escola liberta, crítica a Negrão de Lima, enfrentar a Light, voto carioca na oposição</p>	F1: 27 min	<b>F1: 21/09/1965</b>	<p><i>Faixa 1</i> Inauguração do Mercado São Braz – Campo Grande</p> <p>Carlos Lacerda conta que desde que se tornara governador, havia aumentado o número de seus amigos em Campo Grande. Ao mesmo tempo, assinala, tinha aumentado também o seu carinho pelo bairro e pela população local. Diz que voltaria como candidato à presidência no ano seguinte, mas que no momento estava fazendo campanha para o seu sucessor, Flexa Ribeiro. Lacerda afirma que se Flexa Ribeiro não fosse eleito não haveria eleições no ano seguinte. Fala que em Campo Grande, no fim daquele mês, começariam a funcionar os telefones da CETEL. Diz que a instalação dos telefones da CETEL tinham provado que não era só a Light que podia botar telefones, e que se fosse permitido a colocar telefones na área da Light, a CETEL teria colocado. Lacerda fala também sobre a construção de 20 escolas em Campo Grande e sobre a reforma do hospital Rocha Faria. Ele diz que Campo Grande não era mais uma área rural, e que precisava ser planejada, com uma administração descentralizada. Mas, avisa que se o seu candidato perdesse a eleição, acabariam as administrações regionais. Faz elogios a Flexa Ribeiro, seu candidato. Lacerda destaca a participação fundamental de Flexa Ribeiro nos investimentos em educação feitos no seu governo. Considera que a candidatura de Flexa Ribeiro era a candidatura dos estudantes, da juventude. Dirige-se às mulheres de Campo Grande pedindo que elas apoiassem a candidatura de Flexa Ribeiro, que era a candidatura da escola, e só a escola libertaria o homem. Critica Negrão de Lima, que quando foi prefeito não havia aumentado o número de vagas nas Escolas Normais do Rio de Janeiro. Diz que este tipo de político não queria investir em educação, porque temiam perder votos, se o povo fosse escolarizado. Diz que foi o primeiro governo a enfrentar a Light e por isso a companhia estava contra a candidatura de Flexa Ribeiro. Lacerda acha que seus adversários contavam com o voto carioca na oposição. Mas ele acredita que após um bom governo o povo carioca iria fazer oposição à oposição.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.131</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Programa de Rádio – Notícias de Antes e Depois do Golpe de 1964</p> <p>2. Temas</p>	F1: 38:19min	<b>F1: [1964]</b>	<p><i>Faixa 1</i> Programa de Rádio – Notícias de Antes e Depois do Golpe de 1964</p> <p>Dois locutores, alternadamente, narram os episódios antecedentes ao golpe de 1964 os episódios ocorridos no dia do golpe. Um deles diz que, desde setembro de 1961, o povo brasileiro não sabia o que era tranquilidade. Greves e mais greves aconteciam, constantemente, e aumentava o</p>



## 2.1 Faixa 2

Greves, cerco à Guanabara, comício 'dos comunistas e subversivos' na Central do Brasil, legalização do Partido Comunista, discurso demagógico, fim da era Jango, eleição de uma nova Constituinte, golpe militar na Guanabara, pronunciamento de Lacerda, "Revolução", cumplicidade do presidente João Goulart com o comunismo, manifesto dos generais Castelo Branco, Décio Escobar e Arthur da Costa e Silva, grupo do Almirante Aragão, comando revolucionário

cerco à Guanabara. Eles fazem alusão ao comício 'dos comunistas e subversivos' na Central do Brasil, com a presença do governador Arraes, do deputado Brizola e do presidente João Goulart. Na pauta a exigência da legalização do Partido Comunista. Sobre o discurso de Jango, a ele se referem como um discurso demagógico de mais de 1 hora. Concluem os locutores que tal comício marcou o início do fim da era de Jango. Uma era de crises e greves. O locutor diz que Jango intencionava governar o país, a partir do dia 13, através de decretos, e já tinha dado ordens ao seu cunhado Brizola para iniciar uma campanha popular pedindo uma eleição de uma nova Constituinte. O outro acrescenta: "Queria repetir 37. Daria força total aos comunistas e depois colocaria o país no seguinte dilema: ou o regime comunista ou a ditadura com Jango!" Eles contam os episódios ocorridos na páscoa de 1964, desde as ações dos comunistas para dominar o país até o golpe militar na Guanabara. Segundo contam, o governador Carlos Lacerda tinha sido aconselhado a abandonar o estado, mas disse que da cidade só sairia morto. Fala do pronunciamento de Lacerda para as emissoras de Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Ceará que deveria ser divulgado tão logo a "Revolução" fosse deflagrada. No seu discurso, Lacerda denuncia a cumplicidade do presidente João Goulart com o comunismo e diz que era possível um governo honesto no Brasil. Menciona que a Marinha tinha sido assassinada e que os comunistas eram os inimigos do Brasil. Assinala que as atitudes de Jango eram de um traidor contumaz. Ele convida o povo brasileiro a tomar armas pela pátria, pela lei, pela honra e pela liberdade; para expulsar o usurpador e seus mentores comunistas do poder que desonraram. Confirma que não sairia da Guanabara e que estava pronto a resistir à bala a qualquer tentativa de esmagá-lo. Sobre os episódios ocorridos na Guanabara às vésperas do golpe militar, eles lembram que Lacerda, com a metralhadora na mão, estava à frente de sua tropa. A rádio Roquette Pinto, ainda no ar, divulgou o apelo de Lacerda convocando o voluntariado. Aludem ao fato de Lacerda ter recebido o manifesto dos generais Castelo Branco, Décio Escobar e Arthur da Costa e Silva. E ele, direto do Palácio Guanabara, lê ao povo o manifesto dirigido ao Exército, assinado pelos generais. Sobre o teor do manifesto, trata-se de um basta terminante às manobras desagregadoras e subversivas. Diz o documento que o Exército brasileiro, fiel ao seu devotamento à pátria, não podia mais assistir impassível, nem mesmo prestar qualquer colaboração à trágica derrocada das próprias instituições militares. A TV Rio, garantida pelo Forte de Copacabana, entrara no ar. A voz de Sandra Cavalcante anunciava a vitória da "Revolução". O grupo do Almirante Aragão tentara novo ataque ao Palácio Guanabara.



			<p>Lacerda, então, mandou ligar os auto-falantes do Palácio e se dirigiu aos invasores (o pronunciamento de Lacerda é reproduzido na fita). Há trechos da primeira entrevista concedida por Carlos Lacerda após a deposição de Jango. Nela, ele pede que se elegeisse rapidamente um novo presidente. Diz que deveria ser um homem que tivesse pretensões de permanecer, com uma obra realizada, se possível, que tivesse o respeito fácil de todos, que recebesse crédito de confiança de todos no Brasil e no exterior para consertar a ruína de crédito que o governo anterior tinha provocado no Brasil. O comando revolucionário se reuniu no Ministério da Guerra para a escolha do novo presidente. Foi escolhido o general Humberto de Alencar Castelo Branco, que tomaria posse a 15 de abril. Lacerda viaja ao exterior a fim de explicar o movimento de março, pois, de acordo com ele, parte da imprensa estrangeira deturpara os objetivos da "Revolução". Enquanto isso, Rússia e Pequim brigavam pela derrota do comunismo no Brasil, um pondo a culpa no outro.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.132</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Entrevista com Carlos Lacerda sobre os Rumos do Brasil Após o Golpe Militar de 1964</p> <p>1.2 Faixa 2 Ato Institucional, militares e civis, política cafeeira, confisco variável, especialista em Brasil, "Revolução", fenômeno sócio-cultural, econômico e político, movimento de transformação profunda, elogios a Rui Barbosa, eleições presidenciais, candidatura de Augusto Frederico Schmidt, fazer as pessoas trabalharem, complexa arte de governar, vaga de antiLacerda</p>	<p>F1:32:38min</p>	<p><b>F1: [1964]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Entrevista com Carlos Lacerda sobre os Rumos do Brasil após o Golpe Militar de 1964. Carlos Lacerda diz que não precisaria de Ato Institucional nenhum para pôr ladrão na cadeia. Acrescenta que não dividia os brasileiros entre militares e civis, e sim entre aqueles que queriam o bem do Brasil e aqueles que queriam o bem apenas deles mesmos. Um telespectador pergunta a Lacerda como ele via a política cafeeira mantida e defendida pelo governo; como via o problema do confisco variável em relação às safras velha e nova. Ele responde que, honestamente, não estava preparado para uma análise séria do problema. Assinala que esperava poder preparar-se, pois não era especialista em café, mas sim especialista em Brasil, e o café era quem pagava o país e quando, ao invés de proteger o café, punia-se o café, o principal punido era o Brasil. Carlos Lacerda fala sobre a "Revolução" de 1964. Ele diz que se a "Revolução" fosse um partido, poder-se-ia falar de um rompimento com ela; se ela fosse um clube esportivo, poder-se-ia rasgar a carteira; se ela fosse uma igreja, poder-se-ia dizer que tinha se desconvertido dela. Mas, ela era um movimento, um estado de espírito, um fenômeno sócio-cultural, econômico e político. E ela não era de ninguém, era um movimento de transformação profunda do Brasil, uma nação precocemente envelhecida, amesquinhada, que não tinha consciência de sua potencialidade e de sua grandeza e que tinha acordado pelo verbo extraordinário de um grande homem, capaz de mostrar o poder das ideias na ação: Rui Barbosa. Carlos Lacerda considera o Rui Barbosa o maior revolucionário do Brasil, porque ele tinha construído uma realidade com o poder das palavras. Explica Lacerda que Rui Barbosa começou uma revolução no Brasil, que havia se</p>



iniciado no episódio dos 18 do Forte, passando pela Coluna Prestes, pela guerra paulista de 1932, pela Revolução Constitucionalista, pelo golpe de 1937, pela deposição da ditadura em 1945 e daí por diante. Considera o episódio de abril de 1964 cheio de significação, altamente respeitado, de um processo revolucionário de transformação do Brasil. Diz ele que esse processo continuaria e era absolutamente irreversível. De acordo com ele, a “Revolução” teria a culminância com as eleições presidenciais de 1966. Seria aí que o Brasil marcharia para a concretização de objetivos revolucionários de transformação do país em uma democracia, com reformas democráticas reais pela educação, pela industrialização, pela racionalização da agricultura, pela transformação do panorama cultural brasileiro, pela tomada de consciência pelas elites daquilo que era pré-consciência das camadas populares brasileiras. O voto das eleições de 1966 não seria um direito do povo, mas um dever, assegura Lacerda. E diz que o povo deveria tomar uma decisão muito séria e arcar com as consequências de sua decisão. Lacerda se diz a expressão de um rumo, pois que nunca pensara que as circunstâncias da sua vida, sobretudo da vida pública, viessem trazer para as suas mãos uma honrosa, mas imensa responsabilidade. Sobre os candidatos à Presidência da República, perguntam a Lacerda sobre a candidatura de Augusto Frederico Schmidt. Ele diz que o poeta – e ele enfatiza poeta –, porque, acentua Lacerda, de todos os títulos de Schmidt, este era o maior –, e continua assinalando que ele tinha todo o direito de ser candidato à presidência; o que ele duvidava era que ele fosse eleito. Discorre sobre sua maneira de governar, exaltando sua qualidade de fazer as pessoas trabalharem. Ele conta que quando não sabia resolver uma questão, mas sabia quem poderia resolver, ele conseguia angariar os esforços de tal pessoa, e isso ele considerava uma virtude sua. Sobre a candidatura de Amaral Neto, ele diz que Amaral Neto tinha todo o direito de se candidatar, da mesma forma que ele tinha todo o direito de não votar nele. Sustenta que Amaral Neto não estava preparado para governar, não por uma questão de coragem, pois ele o considerava corajoso; não por uma questão de inteligência, pois ele o considerava inteligente; porém, não era só perseguir os ladrões, pois ele também perseguia os ladrões. Mas, diz que para ser presidente seria preciso mais do que isso, ou seja, ter a arte de escolher, optar, tomar decisões... E tomar uma decisão certa para uma série de problemas ao mesmo tempo. Ele acredita que esta era a arte mais difícil da complexa arte de governar. Ele explica que aprendeu a escolher, tendo que governar a Guanabara com seus infinitos problemas. Acha que Amaral Neto não tinha aprendido a escolher, pois entre ajudar o governo da Guanabara para ser



			ou não candidato, mas ajudá-lo a governar, e atrapalhar o governo para ser obrigatoriamente candidato, ele estava inclinado à segunda opção. Lacerda teme que ao invés de ele ser candidato a governador, viesse a ser candidato a uma outra vaga que existia na Guanabara, desde que cassaram o mandato do vice-governador Elói Dutra: a vaga do antiLacerda. Conta que tinha sempre um camarada disputando essa vaga, e que isso dava voto, pois havia sempre um grupo contra Lacerda que votava em quem mais se destacasse. Lacerda diz que era uma espécie de quase profissão: antiLacerda militante e matriculado.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.133</b>	F1:30:35min	[1965]	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Cerimônia de Inauguração da 31ª Delegacia Distrital do Estado da Guanabara, em Ricardo de Albuquerque.</p> <p>O locutor da rádio informa que haveria o hasteamento do pavilhão nacional brasileiro acompanhado da execução do Hino Nacional brasileiro, executado pela banda da Polícia de Vigilância do Estado da Guanabara. Após a execução do Hino Nacional e do hasteamento da bandeira deveria o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, proceder ao corte da fita simbólica. Entretanto, foram duas crianças do bairro, por solicitação do próprio governador, que cortaram a fita simbólica. O secretário de Segurança do Estado da Guanabara, coronel Gustavo Borges, anuncia o governador do estado, o presidente da ALEG e outras autoridades presentes. Comenta que as inaugurações já se tinham tornado atos de rotina do governo. Enaltece as obras realizadas pelo governo de Carlos Lacerda no estado da Guanabara, em todos os setores. Menciona que a Guanabara tinha herdado muitos vícios e mazelas do antigo Distrito Federal, mas nenhum tão grave quanto o organismo policial. E em meio à tarefa de remodelação, tinha sofrido um novo e traiçoeiro embate: minada pela falta de pessoal e equipamento, era ainda a polícia o alvo predileto dos elementos subversivos interessados em desmoralizá-la perante a opinião pública. A reabilitação tinha sido empreendida através de duas medidas básicas: a criação da força policial, proporcionando uma carreira aos dedicados servidores, e o reaparelhamento da Escola de Polícia. Diz que o reequipamento estava sendo feito gradativamente, de acordo com as dotações orçamentárias. Sobre os prédios, afirma que poucos tinham as mínimas condições de habitabilidade. A maioria eram velhos pardieiros, infestados por ratos, atravancados com móveis dilapidados, dando ao público a impressão de total abandono. Assinala que a delegacia então inaugurada era um anseio dos moradores de Ricardo de Albuquerque e de Anchieta, pois não havia delegacias nos bairros. Acentua que ela era fruto de um programa de trabalho com progressão no futuro. Descreve como era o prédio por dentro</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Cerimônia de Inauguração da 31ª Delegacia Distrital do Estado da Guanabara, em Ricardo de Albuquerque</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Discursos do Coronel Gustavo Borges, do Deputado Edson Guimarães, do Tenente Nilton Monteiro, inaugurações, atos de rotina, exaltação das obras, mazelas do antigo Distrito Federal, remodelação do organismo policial, elementos subversivos, reaparelhamento da Escola de Polícia, dotações orçamentárias, velhos pardieiros, custo da obra, Carlos Lacerda candidato, grandes obras, 'guanabarizar' o Brasil, subdivisão da Região Administrativa de Madureira, candidatura Flexa Ribeiro</p>			



			<p>e a peculiaridade de suas instalações. Sobre o custo da obra, incluindo os serviços complementares como aterro, pavimentação e lajotas, casa de força, postes, rede de águas pluviais e gramado estimava em 175 milhões de cruzeiros. Após o discurso do secretário de Segurança, assume o microfone, em nome dos moradores, o tenente Nilton Monteiro. Ele anuncia o governador Carlos Lacerda como candidato e futuro presidente da República. Ele elogia as 'grandes obras' instituídas por Lacerda no estado da Guanabara. Atribui a Carlos Lacerda uma nova mentalidade no estado: a falta de ostentação! Exalta a humildade como marca do seu governo. Pede a Lacerda que olhasse um pouco mais para o bairro, para a região que sempre o recebeu de braços abertos. Fala que estavam todos perplexos com as obras do governo de Carlos Lacerda. Já no fim de seu discurso ele diz: "Vamos 'guanabarizar' o Brasil, governador Carlos Lacerda!" Após, assume a palavra o presidente da ALEG (Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara), o deputado Edson Guimarães. Ele assegura que tinha acompanhado a obra de perto, desde o terreno até a concepção final. Faz um apelo ao governador, além do já antes tinha sido feito pelo tenente Nilton Monteiro, sobre a necessidade de saneamento da bacia de Ricardo e Anchieta: de subdividir a Região Administrativa de Madureira, pois ela era muito grande para dar a assistência que precisava a região de Ricardo e Anchieta, que tinham características diferentes por serem limítrofes ao estado do Rio de Janeiro. Diz que seria necessária a criação da Região Administrativa de Ricardo de Albuquerque, Anchieta, Guadalupe e toda a circunvizinhança. No fim da fita ele fala sobre a continuidade das obras de Carlos Lacerda. Por isso que ele salienta que é preciso eleger, como sucessor de Lacerda no governo da Guanabara, Flexa Ribeiro, candidato apoiado pelo governador, tendo como vice-governador Danilo Nunes</p>
BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.134	F1: 22:12min	F1: 03/12/1965	<p><i>Faixa 1</i> Discurso de Carlos Lacerda no que Parece um Comício Fala sobre o governador da Guanabara, Carlos Lacerda, dizendo que ele era "intolerante para os intoleráveis, implacável, porque indobrável..." Acrescenta que Lacerda ainda chegaria à Presidência da República pela eleição, não pelo golpe. Carlos Lacerda recebe homenagens das senhoras da Guanabara, e do Comitê do Andaraí recebe uma placa de prata. Há também um livro de agradecimentos a ser entregue ao governador com as seguintes palavras: "Obrigado governador Carlos Lacerda! Queremos dizer à Vossa Excelência "obrigado" pelos cinco anos de ouro, em que nossa cidade viveu voltada para o trabalho e progresso, emergindo da corrupção e do esquecimento, criando o novo Rio de agora.</p>
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Entrega da Rosa de Ouro – Parque Lage			
2. Temas			
2.1 Faixa 1			
Lacerda presidente da República, trabalho e progresso, emergindo da corrupção, cinco anos de ouro, perseguições preto de gratidão, sinal de amizade e confiança, reforma democrática, crise,			



<p>corrupção triunfante,</p>			<p>Obrigado por ter lutado, resistido, tanto e com tanta coragem, às perseguições sofridas. Obrigado principalmente por ter nos restituído o direito de confiar. Em cada consciência onde estiverem os lúcidos sua presença será lembrada num preito de gratidão. Por tudo isso, a quem melhor personifica o patriota honesto, que tanto soube dignificar os votos que recebeu, ao mais ilustre dos brasileiros vivos, obrigado governador!” Após as homenagens, assume a palavra o governador Carlos Lacerda. Ele agradece o sinal de amizade e confiança que trazia este ‘selo de amor’ ao dia da despedida. Ele afirma não ter nenhum interesse pessoal e nem político na posse ou na não-posse de ninguém. Salienta um paradoxo: a permanência no poder do presidente da “Revolução” dependia da ascensão ao poder de um elemento da podridão. Ele diz que só se tinha duas coisas a fazer: pregar o que não queria pregar ou silenciar por respeito à paz da família brasileira. Isto porque ele diz ter certeza de que a traição não prevaleceria. Afirma que a reforma democrática do Brasil tinha se posto a caminho. Fala da crise que assolava o Brasil. Diz que ela não era a crise de rivalidades pessoais, nem poderia ser apenas de meras ambições políticas. Era a crise entre a grandeza e a mesquinha; entre o patriotismo substancial e o patriotismo formal; entre a dignidade autêntica e a dignidade das falsas atitudes; entre a fidelidade ao essencial e o legalismo formal dos mesmos preconceitos. Acha Lacerda que a corrupção voltava triunfante, garantida com as mesmas armas que garantiram João Goulart na faculdade de Filosofia. Sobre as Forças Armadas, ele sustenta que elas foram, em todos os tempos da história nacional, aquele freio de mão a que a nação recorria quando ameaçava despenhar-se no desfiladeiro. Mas, alerta, daquela vez tinham usado o freio de mão para subir uma ladeira. E ele afirma que estavam desmoralizando as Forças Armadas como se quisessem destruir a última força organizada, capaz de zelar pela liberdade dos brasileiros. Ele garante que saía do governo mais respeitado do que quando para ele tinha entrado. Acrescenta que saía realizado e feliz, grato a um povo que, em grande número, o tinha compreendido. No fim da fita há a execução do Hino Nacional! Depois do discurso Carlos Lacerda distribui autógrafos.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.135</b></p>			<p>Fita com defeito</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.136</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Visita do Governador Carlos Lacerda à Câmara de Rio Preto – SP</p> <p>2. Temas</p>	<p>F1: 30:23min</p>	<p><b>F1: 21/03/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Visita do Governador Carlos Lacerda à Câmara de Rio Preto – SP</p> <p>Lacerda diz-se filho de uma geração a quem se impôs o falso dilema: comunismo ou fascismo, e que por isso quase tinha escolhido o comunismo. Explica ser filho de uma geração que nasceu no desvario de uma guerra mundial e formou seu espírito nos ímpetus de outra; filho de uma geração a quem se ensinou a desprezar a liberdade</p>



## 2.1 Faixa 1

Falso dilema: comunismo ou fascismo, desprezo pelo voto, profissão de jornalista, vida pública, homem de indignação, discussão estéril, ideologias ultrapassadas, anacronismo da teoria de Marx, materialismo histórico, falsa ciência, aumento da miséria, 'tola' opção, revolução da classe média, revolução com o apoio americano, Fidel Castro, democracia, morte da liberdade, importar trigo do país capitalista, 'paraíso soviético', importação da agricultura anacrônica das estruturas capitalistas norte-americanas, reforma agrária

e que teve de reaprender o amor a ela quando a perdeu na prisão; filho de uma geração a quem se procurou ensinar o desprezo pelo voto, dizendo que ele não enchia a barriga de ninguém e que teve que reaprender o valor do voto quando, perdendo-o também, perdeu-se o direito de encher a barriga do pobre no Brasil. Ele salienta que quando deixou a profissão de jornalista, a que lhe tinha dado tudo o que ele tinha – e que não era muito, ressalta -, quase que forçosamente, para se dedicar à vida pública, ele tinha ficado 20 anos dizendo aos outros como era preciso fazer, passou diante de seus olhos a possibilidade, que ele diz não ter cobiçado, mas que tinha aceitado e passado a disputar, de mostrar não como fazer, mas sim de mostrar que era capaz de fazer. Com quase 50 anos de idade, ele se diz perfeitamente realizado, e que não era homem de rancores, pois não tinha tempo para ódio. Nem era também homem de temores. Considera-se um homem de indignação, quando preciso, mas que não confundia indignação com ódio. Lacerda conta que tinha passado os últimos dias contemplando a paisagem humana, política, social, econômica e cultural do país. E tudo lhe havia parecido conversa de dois bêbados num canto de esquina, após uma madrugada alegre: uma imensa ressaca ideológica! Uma discussão estéril em torno de ideologias ultrapassadas. Discorre sobre o anacronismo da teoria de Marx, formulada no século XIX para apreender os problemas da sociedade industrial inglesa do século XVIII, a partir do Manifesto Comunista de 1848, do qual tentou-se extrair uma ciência com tendência ao monopólio da verdade, própria dos caracteres totalitários e fanáticos. Para Lacerda, Marx e Engels fizeram do materialismo histórico uma falsa ciência. Carlos Lacerda faz alusão às 'falsas profecias' comunistas como, por exemplo, a de que havia a tendência em concentrar cada vez mais riqueza nas mãos de cada vez menos gente e o aumento da miséria no mundo. Lacerda diz que na virada do século XIX para o século XX o que se tinha visto foram as nações capitalistas que se democratizaram e libertaram das mãos totalitárias outras nações, ainda que fosse por razões econômicas de manutenção de mercados. Parece-lhe um anacronismo, carecendo de reforma de base cerebral, pois parece-lhe um indício grave de subdesenvolvimento mental pretender que o mundo novamente se dividisse e novamente reduzisse a juventude àquela 'estúpida' escolha, àquela 'tola' opção: o 'insensato dilema' entre direita e esquerda. Lacerda diz que a esquerda era a ideia de fazer o mundo progredir, a ideia da justiça social em marcha contra uma direita retrógrada, anacrônica, excessivamente conservadora, parada, estática, reacionária. E o que se viu foi Fidel Castro ganhar uma revolução da classe média, ganhar uma revolução com o apoio americano em dinheiro e em armas, derrubar



			<p>o ditador Batista, que tinha em seu ministério ministros comunistas. O que se viu foi Fidel Castro sair da Serra Maestra trazendo na ponta de sua mensagem revolucionária a certeza de que era preciso livrar Cuba da corrupção, do comunismo, da subversão para ali instalar democracia. E depois de instalado no poder absoluto e ditatorial, só depois, pôde dizer a todos: “enganei todo mundo, eu sempre fui comunista!” Quando ele vê taparem os olhos da juventude com a cortina dos slogans, substituindo o conhecimento e a cultura pela venda de ideias políticas, ele se dava conta de que não se poderia caminhar com os olhos abertos para a morte da liberdade no Brasil. Assegura que não se poderia fechar os olhos perante aquela realidade. Se fecharmos, eles serão furados, profetiza. E adianta que muitos ainda tinham os olhos fechados e por isso quiseram honrá-lo com a denominação de corvo, pois sabiam (ou, se não sabiam, era pena que não soubessem) o corvo figurava no escudo da cidade de Lisboa, exatamente porque tinha furado os olhos aos corsários que haviam torturado o bom São Vicente. Ele conclui: “A quem não abrir os olhos é preciso furá-los para que vejam, afinal, o que estão fazendo!” Carlos Lacerda comenta sobre a miséria que assolava a Rússia, décadas depois da revolução, que tinha sido instaurada justamente sob o signo do combate à miséria do povo. Acredita que, na verdade, o que tinha ocorrido era a perda da liberdade do povo russo, e na pátria do trigo, no berço ecológico do socialismo, tinham que importar trigo do país capitalista para poder dar pão aos filhos do ‘paraíso soviético’. E não só pão, mas até o necessário à fabricação da vodca, de modo que um ‘bom e generoso pileque’ de vodca na Rússia passara a depender da importação da agricultura anacrônica das estruturas capitalistas norte-americanas. No fim da fita, Carlos Lacerda fala das políticas de reforma agrária no Brasil.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.137</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1. Faixa 1</p> <p>Repetição das fita 97 (Faixa 3), fita 97 (Faixa 4). Inauguração da Escola Penedo</p> <p>1.2. Faixa 2</p> <p>Inauguração da Escola Miguel Ramalho Lobo</p> <p>1.3 Faixa 3</p> <p>É o mesmo áudio da fita 98, Faixa 1</p> <p>Inauguração da Escola Jorge Gouveia, em Vigário Geral</p> <p>1.4 Faixa 4</p>	<p>F1: 16:43min F2: 19:35min F3: 15:37min F4: 20:38min F5: 03:01min F6: 22:39min F7: 18:45min F8: 23:43min F9: 10:04min F10:14:10min</p>	<p><b>F1:27/11/1963</b> <b>F2: 04/10/1963</b> <b>F3: 01/10/1963</b> <b>F4: 11/12/1963</b> <b>F5: 11/12/1963</b> <b>F6: 30/12/1963</b> <b>F7: 19/10/1963</b> <b>F8: 29/10/1965</b> <b>F9: 03/10/1962</b> <b>F10:11/03/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Repetição das fita 97 (Faixa 3), fita 97 (Faixa 4). Inauguração da Escola Penedo</p> <p>Observações: Nos primeiros 07:09 o áudio é o mesmo áudio da fita-rola 97 (faixa 3); o restante da fita apresenta o mesmo áudio da fita-rola 97 (faixa 4). Ambos formam, juntos, o discurso do governador na cerimônia de inauguração da escola Penedo, em Copacabana.</p> <p>Inauguração da Escola Penedo</p> <p>O prefeito de Penedo, Raimundo Marinho, discursa e tece elogios ao governado de Carlos Lacerda, por seu investimento em educação. Diz que a opinião pública nacional estava entediada com a degradação dos políticos e deixou de exercer o papel de estímulo e motivação para os autênticos devotamentos cívicos. Acrescenta que a virtude e a honestidade dos políticos, qualidades que deveriam ser intrínsecas aos ocupantes dos cargos públicos, eram consideradas qualidades que</p>



<p>Posse das Enfermeiras</p> <p>1.5 Faixa 5 Continuação da Faixa 4</p> <p>1.6 Faixa 6 Governador Carlos Lacerda na TV Rio</p> <p>1.7 Faixa 7 Posse do Reitor da Universidade do Estado da Guanabara</p> <p>1.8 Faixa 8 Entrega do Autoprojeto de Reforma do Judiciário</p> <p>1.9 Faixa 9 Inauguração da 9ª Coletoria - no Méier</p> <p>1.10 Faixa 10 Inauguração da 25ª agência do BEG, no Catete Cerimônia de</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Elogios a Lacerda, investimento em educação, honestidade, cidade alagoana, candidatura a presidência, assassinato de John Kennedy, IBAD, Aliança para o Progresso</p> <p>2.2 Faixa 2 Exaltação de Ramalho Lobo, excedentes, terceiro turno, eleições para vice-governador, 'antigovernador', espírito construtivo e renovador, candidatura de Lopo Coelho, candidatura para o Senado, Juraci Magalhães</p> <p>2.3 Faixa 3 Elogio ao patrono, desmanche de coreto, construção de escola, Amaral Neto, PSD, eleições para a ALEG, lei para transformar hospitais em autarquias, campanha para Lopo Coelho, cerco à Guanabara, voz da Guanabara no Senado</p> <p>2.4 Faixa 4 Elevação dos vencimentos dos servidores públicos, triênio,</p>			<p>distinguiam alguns políticos. Agradece ao governador por inaugurar a escola Penedo, m que remete à cidade alagoana de mesmo nome. Também agradece ao secretário de Obras Públicas, Enaldo Cravo Peixoto, e a toda equipe do governo Carlos Lacerda. Diz que a presença na solenidade de antigos moradores de Penedo é uma prova de que eles estavam gratos pela homenagem. Diz que esperava que Carlos Lacerda fosse eleito presidente. O administrador regional de Copacabana, José Dias Lopes, fala que a escola teve a inauguração adiada por causa do assassinato do presidente americano, John Kennedy, mas afirma que cada escola inaugurada era mais uma unidade democrática no estado. Explica que o nome da escola era uma homenagem a grandes vultos de Alagoas e a Enaldo Cravo Peixoto. Comenta que Copacabana recebia feliz mais uma escola. Elogia o governador e também menciona o desejo de que Lacerda fosse eleito presidente. O governador de Alagoas, general Luís Cavalcante considera que inaugurar escolas era uma das suas maiores alegrias como governador. Acrescenta que tinha uma grande gratidão pelas suas professoras, que era por causa delas que ele havia se tornado governador de Alagoas. Conta que chegou jovem ao Rio, sem dinheiro, mas, graças à sua formação escolar, conseguiu progredir em sua carreira no Exército. Comenta que em Alagoas 70% da população era analfabeta, mas que o governo estava se esforçando para mudar isso. Relata que recebia muita ajuda do governo federal, do IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática) e da Aliança para o Progresso. Salienta que não queria elogiar apenas a área educacional do governo Lacerda, mas comenta que a administração dele, Lacerda, na área da educação no Rio de Janeiro era inédita, que nunca outro governante tinha feito tanto pela educação no estado quanto ele. Defende a eleição de Lacerda para a presidência do Brasil</p> <p><i>Faixa 2</i> Inauguração da Escola Miguel Ramalho Lobo. Carlos Lacerda anuncia o governador da Bahia Juraci Magalhães, o presidente da ALEG (Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro) Lopo Coelho, o secretário estadual de Educação, Flexa Ribeiro, o chefe de Polícia Milton Cruz, os deputados Raul Brunini e Aldemar Viana, o comandante da polícia de vigilância, coronel Deschamps, o diretor de Ensino Primário, professor Antônio Carlos, o presidente da Fundação Otávio Mangabeira, Otávio Borghetti, os administradores regionais de Campo Grande e de Bangu, entre outros, professores e alunos. Lacerda exalta a trajetória de Ramalho Lobo como professor de Matemática. Diz que foi seu professor e que foi ele quem lhe abriu o espírito para os símbolos da álgebra, pois Lacerda reconhece que</p>
---	--	--	---



regime de promoção e acessos, profissional qualificado e técnico de nível médio, salário mínimo, médicos concursados, aumento das despesas, investimentos na área da saúde, carga horária diária dos médicos, 'bico', Comissão de Orçamento, vetos, interrupção de todas as obras, construir escolas, densidade de população

#### 2.5 Faixa 5

Vetos ao substitutivo da Comissão de Orçamento, primitiva integridade, boas-vindas aos médicos e engenheiros

nunca teve ouvidos para os problemas matemáticos. Exalta o seu humanismo ao lecionar uma ciência que não era humana. Menciona que a escolha do nome tinha sido uma sugestão do secretário de Educação, Flexa Ribeiro, prontamente atendida, pelo valor que tinha para Lacerda o professor Ramalho Lobo. Acrescenta o governador que a inauguração da escola encerrava na região a fase triste dos chamados excedentes, pois acabava-se, devido à escola então inaugurada, o terceiro turno em outras duas. Lacerda fala das eleições para vice-governador do estado, a serem realizadas no domingo seguinte ao dia da inauguração da escola. Explica que não teria o mau gosto de confundir a cerimônia de inauguração de uma escola com um comício eleitoral, mas acreditava que tinha o direito de advertir o povo de Realengo, para que depois não fosse dito que quem deveria advertir não o fizera, que era o governador do estado. Ele diz que se tratava da eleição do vice-governador e não do 'antigovernador'. Diz que não poderia ser eleito um inimigo, um adversário que viesse a atrapalhar a obra administrativa do governo em curso. Diz que deveria ser um homem com o mesmo espírito construtivo e renovador que viesse a ajudar e dar tranquilidade ao governador. Acrescenta que o vice-governador não poderia ser um homem de oposição ao governador, a não ser que o povo quisesse, em vez de escolas, intrigas e calúnias nos três anos e meio restantes para o fim de seu mandato. Carlos Lacerda lança a candidatura de Lopo Coelho a vice-governador do estado e se empenha em sua eleição. Para a representação da Guanabara no Senado ele lança o nome de Juraci Magalhães, em fim de mandato no governo da Bahia. No fim da fita ele discorre sobre os projetos que estavam na ALEG (Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara) aguardando para se tornarem leis.

#### *Faixa 3*

É o Mesmo Áudio da Fita 98, Faixa 1

Inauguração da Escola Jorge Gouveia, em Vigário Geral

Carlos Lacerda anuncia as autoridades presentes, entre as quais a viúva e a família de Jorge Gouveia. Fala que antes de começar desejava congratular-se com o povo de Vigário Geral que lhe tinha dado uma grande lição, pois foi convencido pelo povo da região que seria um erro construir uma escola no lugar da única praça do local, derrubando o coreto. Lacerda conta que recebeu um telefonema do deputado Amaral Neto informando que subia à tribuna da ALEG (Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara), outro deputado eleito pela legenda da UDN (União Democrática Nacional), e comunicando o rompimento com o governo, justamente porque Lacerda decidira fazer a escola em outro lugar.



preservando a praça. E apenas pelo fato de a ideia de manter a praça ser uma ideia de um homem do PSD (Partido Social Democrático) e Amaral Neto queria provar que o PSD não mandava em Vigário Geral. Sobre isso Carlos Lacerda diz: “Há certas coisas que vão além da nossa capacidade de paciência. Nós não fomos eleitos para acabar com praças ou fazer praças, conforme a UDN, o PSD ou o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) desejam ou não desejam. Nós fomos eleitos para servir ao povo, e praça não tem partido, nem coreto tem legenda!” Carlos Lacerda comenta este episódio, segundo ele mesmo, justamente para que o povo soubesse que quase ficava sem a escola, porque um homem tinha resolvido por seus ódios pessoais e seus coretos, colocar-se acima dos interesses da população de Vigário Geral. Por isso ele fala da conveniência de mandar para a Assembleia homens que não deixassem de votar as leis de que o governo precisava por causa de ‘ódios pessoais e por questão de coreto’. E pede que em 07 de outubro do ano corrente, quando haveria eleições para deputados da ALEG, o povo desse a ele uma ‘bancada sólida’, uma ‘maioria verdadeira’. Lacerda diz que seu governo agia dentro da lei, e que, por conta disto, para agir precisava das leis votadas, aprovadas e em vigor. Acrescenta que na Assembleia havia homens valorosos sim, mas em número insuficiente. Diz que era preciso aumentar o número dos bons e diminuir o número de maus. Ele cita como exemplo o fato de querer, em 1963, fazer com os hospitais da Guanabara o mesmo que tinha feito com as escolas. Mas, para isso, precisava da lei que transformaria os hospitais em autarquias. Sobre as eleições para vice-governador, ele salienta a importância de ter alguém que fosse a favor das obras que o governo vinha implementando. Diz que a atitude inteligente, de interesse da população, consistia em eleger para a vice-governança um homem que ajudasse, não um que atrapalhasse. Porque, para Lacerda, eleger um inimigo era fazer da Guanabara a casa do cabrito e da onça, “onde o cabrito e a onça, por medo e raiva um do outro, nunca se entendem e um desmancha à noite o que o outro de dia procurou fazer”. Comenta que, não estava fazendo propaganda eleitoral, mas cumprindo o seu dever cívico de pedir ao povo de Vigário Geral que desse, no dia 07 de outubro do ano corrente, nas eleições para vice-governador do estado da Guanabara, um voto de confiança para o vice a quem ele pudesse entregar com confiança o governo: Lopo Coelho! E no Senado ele afirma ser necessário a Guanabara ter uma voz com autoridade, para que o ‘cerco que foi armado contra ela’ fosse desfeito. E por essa razão, ele tinha pedido a Juraci Magalhães, então governador da Bahia, que fosse essa voz. Sobre o patrono da escola ele fala da importância de se escolher com cuidado os nomes para as escolas, pois o nome de



uma escola era, para ele, talvez, o seu fator mais educativo. Fala que as crianças aprendiam a ler, escrever e contar na escola, “mas, mais do que isso, devem aprender a ser livres, a usar a cabeça e a usá-la para o bem”. Carlos Lacerda então exalta Jorge Gouveia, dizendo que ele não fora só um bom médico, mas, sobretudo, um médico bom. Ele ressalta que Jorge Gouveia não se entregara ao ceticismo que imperava nos homens de ciência de então e, cheio de religiosidade, carregava Deus nas pontas de seus dedos. Encerra o discurso agradecendo a todos os presentes e ao povo de Vigário Geral.

#### *Faixa 4*

##### Posse das Enfermeiras

Discurso de Carlos Lacerda na Cerimônia de Posse de 54 Médicos e 8 Engenheiros Eletricistas Aprovados em Concursos Públicos Organizado pela Escola do Serviço Público do Estado da Guanabara.

Carlos Lacerda fala da elevação dos vencimentos dos servidores públicos do estado da Guanabara. No que diz respeito à prestação de contas de seu governo, alude ao aumento de vencimentos e ao pagamento do triênio que beneficiaria a todos, e não a parte do funcionalismo. O governador discorre sobre o regime de promoção e acessos, decreto que beneficiaria cerca de 11 mil servidores, restabelecendo no estado a norma da promoção por merecimento, por antiguidade, independente de lei especial. Ele fala sobre a assinatura de decreto, naquele dia, elevando o nível de vencimento de todas as classes de trabalhadores e servidores incluídos nas categorias de profissional qualificado e técnico de nível médio. Explica que atenderia a cerca de 30 mil servidores. Menciona o aumento do salário mínimo do estado de 21.500 para 31.000 cruzeiros. Ele dá as boas-vindas aos novos médicos concursados na Guanabara. Carlos Lacerda fala do aumento das despesas do estado, mas considera isso algo inevitável e justo, por conta da necessidade de investimentos na área da saúde. Por exemplo, ele fala da construção de 132 mil metros quadrados em hospitais no estado da Guanabara e que gastos com pessoal seria na ordem de 5 a 6 bilhões por ano. Ele fala da carga horária diária dos médicos da Guanabara e da falta de cumprimento desta por eles. Explica que o que ele esperava dos médicos era que eles cumprissem o mínimo estabelecido em lei, de 4 horas diárias, totalizando 24 horas semanais. Mas, que fossem cumpridas diariamente, e não com o médico fazendo apenas um plantão de 24 horas por semana, pois dessa forma ele considerava que o médico não rendia no trabalho e nem tinha como dar a devida assistência aos pacientes. Acrescenta que o regime que regia os novos médicos havia de ser o mesmo que regia os antigos, ou seja, não iria



privilegiar aqueles que já estavam no serviço público de saúde há mais tempo, permitindo-lhes que, ao invés de cumprirem 4 horas diárias no serviço, pudessem cumprir 24 horas por semana. Sua intenção era a de que a profissão de médico do estado da Guanabara não se transformasse num mero 'bico'. Ele dá boas-vindas também aos engenheiros e as mesmas congratulações pelo modo brilhante pelo qual, isentos de qualquer favor pessoal ou político, ingressavam no estado. Destaca a terrível dificuldade em que se encontrava o estado devido ao orçamento que tinha sido mandado pela ALEG (Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara). Diz que o projeto do substitutivo da Comissão de Orçamento, elaborada no último minuto do prazo legal, tinha provocado um projeto de orçamento que ele tinha sido obrigado a vetar em muitos pontos. Mas, adverte, se os vetos não fossem mantidos, Lacerda lamenta, mas teria que paralisar todas as obras do estado da Guanabara. Carlos Lacerda fala, no fim da fita, da possibilidade de interrupção de todas as obras que estavam em curso no estado da Guanabara, a partir do dia 01 de janeiro do ano seguinte, por falta de autorização legal para prosseguir-las. Acrescenta que fecharia uma série de hospitais, interromperia a construção de uma série de escolas, e se prepararia para sair do governo como tinha entrado, certo de que até o último minuto teria cumprido com o dever que ali o trouxera, cabendo aos que não o cumprissem assumirem a responsabilidade pelo descumprimento dele. Cita como exemplo o fato de que o substitutivo previa que fossem destinados 6 milhões de cruzeiros para cada escola feita, sendo que estas seriam instaladas em prédios que seriam desapropriados, e não em novos prédios que seriam construídos. Lacerda desaprova isso, pois o custo mínimo de construção de uma escola era de 20 milhões, e também desapropriar um antigo prédio iria contra o que ele pretendia fazer, que era construir escolas em determinados locais, de acordo com a densidade de população carente de escola.

*Faixa 5*

Continuação da Faixa 4

O governador Carlos Lacerda fala dos vetos feitos ao substitutivo da Comissão de Orçamento para os gastos de seu governo, para o ano de 1964. Ele pede que fosse devolvido o orçamento, ou que fosse devolvido ao orçamento sua primitiva integridade, como uma peça inteiriça, uma peça lógica. Ele repete e renova os votos de felicidade, de colaboração ao estado e à população, aos médicos e engenheiros, aos quais ele dá boas-vindas.

*Faixa 6*

Governador Carlos Lacerda na TV Rio



Carlos Lacerda pede que houvesse um esforço de seus telespectadores em separar a condição e qualidade temporária de governador do estado da Guanabara e a qualidade permanente de jornalista, pela qual ele aceitou a honra do convite do programa *Noite de Gala*, para ser o seu novo editor. Ele fala no editorial de abertura sobre 3 assuntos, por ele assim classificados: um triste, o segundo altamente exaustivo e alegre, e o terceiro dependente das opiniões. O primeiro é que Lacerda informa que acabara de perder por 40 votos a 14 os vetos em defesa do povo da Guanabara, que ele fez ao substitutivo da Comissão de Orçamento. Ele diz que por essa razão teria de arrumar um jeito de continuar as obras do estado que estavam em curso. Acrescenta que teria de fazer das tripas coração para prosseguir construindo escolas e hospitais. Carlos Lacerda acusa deputados aliados ao comunismo e que, por conta disso, desejosos de ver o desespero do povo, tinham votado contra e derrotado o seu orçamento. Mas, na verdade, salienta Lacerda, eles tinham votado contra a criança, contra o povo. O segundo assunto refere-se à mudança dos favelados do morro do Pasmado, em Botafogo, para Bangu, e em outros pontos onde o estado estava construindo e vendendo casas populares. Ressalta que a respeito de controvérsias sobre a transferência, que nenhuma família estava sendo removida contra a sua vontade ou pela violência. Segundo ele, a polícia que estava subindo o morro estava subindo para carregar as crianças e ajudar na mudança. Carlos Lacerda exalta o trabalho de orientação do Serviço Social do Estado da Guanabara às famílias que estavam mudando e com relação à integração social deles. Diz Lacerda que a transferência da favela do Pasmado não era para apagar uma mancha ou para o turista não ver. E não se tratava da primeira remoção de favela feita em seu governo. Mas, ao contrário das outras que ocorreram sem maiores problemas, no Pasmado o seu inimigo número 1, que também era inimigo do povo – o comunismo – estava à espreita, preparados para enfrentá-los, mandando a sua melhor equipe para a favela, entre deputados e professores. Diz Lacerda que a remoção da favela do Pasmado, a primeira da Zona Sul que se mudava voluntariamente para melhorar a condição de seus moradores, era um escândalo em escala mundial, pois voluntariamente o favelado tinha sua ressurreição com a sua dignificação e respeito. Avisa que os comunistas tinham se instalado no Pasmado para convencer o povo da favela a não aceitar a transferência. Carlos Lacerda se diz injustiçado, pois as contas de seu governo estavam sendo postas em cheque, deixando-o na iminência de ser o primeiro governante afastado por não ter suas contas aprovadas, haja vista que nenhum dos últimos presidentes da República, inclusive o vigente então, tiveram suas contas aprovadas pelo



Congresso. Diz que o crime que ele cometeu foi reverter a renda do baile do Municipal à Pró-Matre, ao asilo São Luiz e à ABBR (Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação). Ele disse que assim procedeu justamente porque vereadores e deputados enchiam o Municipal com seus amigos e cabos, com a sua família e com os amigos de sua família, diminuindo a renda do baile. E ele tinha entregue o baile a entidades de caridade para vender, inclusive, o camarote do governador. O terceiro assunto diz respeito ao incidente na Faculdade Nacional de Filosofia. Um grupo de rapazes formou-se em jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Eles escolheram entre os homenageados o governador do estado da Guanabara e tiveram a feliz lembrança de homenagear “a figura admirável de cidadão” Sobral Pinto, professor daquela faculdade, criador da Liga da Legalidade. Ocorre que o Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia declarou que o governador do estado – ele, Carlos Lacerda – não poderia entrar no edifício para a formatura, nem Sobral Pinto. Lacerda diz que chegando à faculdade encontrou as portas fechadas, inclusive a dos fundos. Acrescenta que recebera recados indiretos da reitoria da Universidade recomendando prudência e até que lá não fosse e que a cerimônia lá não poderia se realizar. A respeito disso, Carlos Lacerda afirma que nunca viu formatura em botequim e sempre teve a impressão de que a formatura deveria realizar-se na escola em que a pessoa se formava. Encontrou uma tropa da polícia do Exército também. Sobre o uso do Exército em missão policial, Carlos Lacerda considera que o Exército tem missão mais alta. Sugere que este episódio não era, senão, o episódio do esforço dos comunistas integrados no governo para intrigar o Exército e lançá-lo contra ele e para intrigá-lo contra o Exército. Isso tudo para destruir o sistema democrático que, apesar de tudo, ainda se vivia no Brasil. Para Lacerda, o que estava ameaçado, nos três episódios, era o direito das maiorias contra a intolerância das minorias; era a liberdade toda posta em perigo pelo fanatismo de alguns e pela omissão e complacência de outros. Mas, ele, apesar de tudo, convidava o povo à esperança, a agarrar esta estrela solitária a cintilar no céu do Brasil. Diz que ou iríamos nos unir para defender o nosso direito de ter esperança na liberdade no Brasil, ou ela estaria destruída.

#### *Faixa 7*

Posse do Reitor da Universidade do Estado da Guanabara, como Chanceler da Universidade, Aroldo Lisboa

Lacerda fala do papel da Universidade na formação de profissionais e lideranças na comunidade nacional. Diz que a universidade tinha uma missão que transcendia à diplomação de seus



alunos: consistia na formação de seus alunos. Assegura Lacerda que a sociedade carecia de profissionais de nível superior, e era por isso que a Universidade formava tais profissionais. Fala também da importância da Universidade na formação de lideranças, isto é, na formação de comandos na liberdade nacional. Sobre a pesquisa no âmbito da Universidade, esta era uma de suas mais nobres funções. “Ao passo em que se desenvolve as instalações materiais da Universidade que este homem eminente, que é Felipe Santos Reis, dá uma demonstração de suas próprias contradições, pois fala em despedir-se da vida profissional e da vida pública no instante em que profere, em suas curtas palavras, em suas breves, em suas rápidas palavras, uma oração que equivale a um compromisso e que é mais uma lição das muitas que continuará a nos dar nesta Universidade e fora dela”. O governador lança um desafio à Universidade, desejando que ela tivesse em seu espírito tanto ânimo quanto tinha nos seus prédios novos; para que ela não se convertesse nem se deixasse converter jamais numa espécie de generoso e altruístico empreendimento imobiliário. Ele fala dos investimentos que poderiam ser feitos pelo governo federal, Estadual e iniciativa privada na Universidade do Estado. Fala da importância do seu reconhecimento no mundo. De acordo com Carlos Lacerda, a Universidade não era uma “coleção de escolas profissionais de ensino superior”, mas uma síntese, um centro dentro do qual a cultura não pertencia a nenhuma corrente e havia uma corrente através da qual se exprimia uma realidade histórica nacional, que entrava por um lado da Universidade, representada em sua juventude, e saía do outro lado, nos começos da madurez, transformada para melhor, ou para pior, transfigurada em liderança ou degenerada em subversão, demagogia, ignorância pedante e mera agitação demolidora. Lacerda considera que ai de uma Universidade cujos estudantes não fizessem agitação; mas, ai de uma Universidade cujos estudantes só fizessem agitação”.

#### *Faixa 8*

Entrega do Autoprojeto de Reforma do Judiciário  
Carlos Lacerda ressalta sua gratidão pessoal e o apreço sem limites com que o governo do estado sublinhava, naquele momento, o seu reconhecimento aos membros da Comissão. Agradece a Prado Kelly, a Francisco Campos, presidente da Subcomissão de Preceitos Constitucionais relativos ao judiciário, que cumpriu sua tarefa encaminhando as sugestões respectivas; a Dario de Almeida Magalhães, pelo estudo das providências para a melhoria das leis processuais da União, e que tão bem representara a voz dos advogados na Comissão; ao desembargador Faria Coelho, que teve ao seu cargo a presidência da Subcomissão incumbida da



reforma; ao desembargador Salvador Pinto Filho; ao juiz Amílcar Laurindo Ribas; ao José Barreto Filho; a Severo da Costa e Emerson de Lima; ao jovem procurador do estado, Gustavo Capanema, um esteio da Secretaria de Educação, considerado por Lacerda “um exemplo de dedicação, de lucidez, de espírito público, de integridade e competência no estado da Guanabara”; a Otto Gil; a Fernando Faria Sobrinho; a Segadas Viana; e a Ricardo Pereira Lira, considerado por Lacerda “um jovem valor da nova geração de juristas brasileiros”. A todos eles deseja formular um agradecimento menos solene, menos formal do que cordial e emocionado. Conta que a emoção se explicava pela simples razão de depois de promulgada a Constituição do Estado não ter havido no estado momento mais tocante no que tange à sua integração jurídica. Menciona que era o momento em que era presente ao governo um estatuto do Poder Judiciário. Carlos Lacerda fala da importância da descentralização e da socialização da justiça. Da integração da sociedade sob a égide da justiça. Do respeito à lei, do uso cotidiano da lei, da banalização da lei, pela sua vulgar e cotidiana aplicação, tornando a cada qual a invocação dos seus direitos e cumprimento de seus deveres um ato comum, que nada tinha de insólito. Entende ele que seria necessário, que seria do interesse do estado, utilizar o legítimo interesse dos serventuários da justiça com os quais ele se solidarizava para promover a aceleração na transformação em lei da reforma que ora propunha a Comissão. Sobre o projeto diz que lutará por ele como ele estava, que o governo o adotaria e o encaminharia como estava, e que tinha a convicção ou pelo menos a segura confiança de que a Associação dos Magistrados, à medida que interpretava uma opinião dominante entre eles, preferiria uma reforma como aquela a nenhuma reforma. Diz que o projeto deveria ser uno, deveria ser promovido como um todo. Ele justifica o fato de o chefe do Poder Executivo nomear, ainda no Brasil, juizes, promover nomeações e sancionar promoções do Judiciário com o propósito de não deixar que a justiça, “na sua vitaliciedade, na sua inteligibilidade, na sua rigorosa autonomia, na sua intangível e intocável autoridade”, se divorciasse das fontes de que emanava todo poder, que eram da vontade popular, ou seja, decorria desta prática a necessidade de não desvincular a justiça das mesmas fontes de que provinha a autoridade do Executivo, que era a deliberação manifestada nas urnas pela vontade do eleitorado. Para Lacerda, era esse o “cordão umbilical” que ligava a justiça à democracia para que ela não se convertesse nem numa casta, nem num corpo estranho à sociedade democraticamente organizada. Diz Lacerda que o Poder Executivo, desejoso de promover uma reforma profunda no estado, uma reforma sincera e autêntica, tinha tomado a liberdade de pedir ao



Poder Judiciário que designasse representantes, de pedir ao corpo de advogados e de auxiliares que também designassem os seus, para formar o “corpo admirável” de homens que durante todo aquele tempo souberam preparar o anteprojeto. Esclarece que nunca tinha pretendido o Executivo extrapolar a sua instância, ou extravasar as suas atribuições, invadindo aquelas em boa hora prefiguradas na Constituição do Estado, que dava ao Poder Judiciário, e só a ele, a iniciativa das leis que lhe diziam respeito. Comenta que o que pretendia o Executivo tinha sido acelerar o processo, ajudando o Judiciário a tornar viável as suas ideias acerca da conveniência, da urgência e do tipo de reforma de que se carecia.

#### *Faixa 9*

Inauguração da 9ª Coletoria, no Méier.  
Antes do começar o discurso, Carlos Lacerda justifica ao povo a falta de água que ocorrera no domingo anterior. Diz que a Light tinha posto em funcionamento a Usina Elétrica de Ponte Coberta, que liberava para a Guanabara mais 100 mil quilowatt de luz, de maneira que ela precisava cobrir de água alguns metros de adutora que se encontravam no caminho, de modo que tinha sido preciso esvaziar um pouco o reservatório do Guandu, interrompendo por algumas horas o fornecimento. Mas, ele assegura que a água já tinha retornado. Saliencia que era dever do Departamento de Águas informar isso ao contribuinte, para que ele não pensasse que voltara a faltar água no Rio de Janeiro como no passado. Carlos Lacerda fala da instalação da Coletoria do Méier e da descentralização da administração, trazendo o governo para o bairro. Ele refere-se ao mínimo de conforto, mas com decência e decoro, da Coletoria instalada. Discorre sobre a importância de se ter leis para governar, sobretudo quando se tratava de um governo democrático. Diz que não havia tido maioria na Assembleia para aprovar o código tributário, que iria aliviar vários impostos, ao mesmo tempo em que iria reajustar alguns outros; não tinha tido na Assembleia, ainda, a autorização legal para emitir 30 bilhões de títulos usando crédito do povo carioca, para empregar 30 bilhões em obras públicas, em escolas, hospitais, pavimentação, água, esgoto. Ele fala sobre a importância de se ter um vice-governador que não conspirasse contra o governo, sob o risco de a Guanabara ter uma casa dividida. Por isso, ele pede a todos que dessem voto a Lopo Coelho, presidente da ALEG (Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara). No Senado ele fala da importância da Guanabara ter representação em uma grande voz nacional que pudesse ser ouvida. Por esse motivo ele pede votos para Juraci Magalhães eleger-se senador pela Guanabara.

#### *Faixa 10*



			<p>Inauguração da 25ª Agência do BEG, no Catete</p> <p>Trata-se da inauguração da 25ª agência do BEG. Carlos Lacerda comenta que não se cansa do espanto em ver, pela primeira vez no Brasil, a inauguração de agência bancária transformar-se em comício. Para ele era bom que fosse assim, pois o povo ficaria sabendo como um banco popular poderia influir no desenvolvimento de sua região. Carlos Lacerda fala de Antônio Carlos de Almeida Braga e se diz orgulhoso de sua contribuição. Relata que na sua vida profissional o espírito público tinha tomado conta de tudo o que pudesse ser egoísmo em sua atividade. Ressalta que tinha confiança de que ele pudesse ser na presidência o principal articulador, juntamente com a secretária de Serviços Sociais, do Plano Nacional de Habitação Popular, com o qual ele pretendia e assumia publicamente o compromisso de construir alguns milhões de casas populares pelo Brasil inteiro, para fazer de cada trabalhador um proprietário. Salienta Lacerda que estavam tentando convencer o povo de que a vitória do comunismo seria inevitável, que seria inútil resistir e que a resistência era um movimento reacionário, um movimento contra-reforma. Acrescenta ele que não se queria se servo, laçao ou escravo de ninguém; dos mitos totalitários não se queria as formas nem os líderes, os métodos ou as teses totalitárias. Acrescenta que não se queria que as mulheres do Brasil, conhecidas pela sua graça, pela sua elegância natural, pela beleza com que procuravam revestir a sua vida, se transformassem como as tristes mulheres russas, uniformizadas. Diz que não se desejava a uniformização da mulher brasileira e que até para a beleza da mulher brasileira se desejava a diversidade própria da democracia. Carlos Lacerda coloca-se contra a imposição do livro único, pois, adverte, pior do que não aprender a ler era aprender a ler por um livro só. Fala da esperança do povo da Guanabara em ver suas condições de vida melhorarem. Comenta os progressos do Banco do Estado da Guanabara, o aumento da receita do banco e do número de agências. Carlos Lacerda cita as obras do Aterro do Flamengo e da praia do Flamengo que o bairro do Catete ganharia em pouco tempo. Refere-se aos campos para práticas de esportes, aos 20 hectares de jardins e de parques que a cidade ganharia.</p>
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.138</b>		<b>F1: 23/04/1965</b>	Fita com defeito
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Transmissão do Cargo de Governador ao Vice- governador Raphael de Almeida Magalhães – Palácio Guanabara			
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.139</b>	F1a e b: 33:34min	<b>F1a:01/08/1963</b>	<i>Faixa 1a</i> Discursos de José Carlos Fragoso Pires, Vera de



<p>1. Assunto</p> <p>1.1.1 Faixa 1a Inauguração do mercado Jardim Sulacap</p> <p>1.1.2 Faixa 1b Discurso de Carlos Lacerda na Cerimônia de Entrega de uma Praça, no Catumbi</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1.1 Faixa 1a Programa de recuperação de mercados antigos, construção de mercados novos, COCEA, Associação de Amigos do Bairro Jardim Sulacap, recapeamento das ruas, transferência administrativa, posto policial, ginásio estadual, instalação de um telefone público, precário funcionamento, iniciativa do estado, iniciativa particular, intervenção federal na Companhia Telefônica, interventor, Companhia Estadual de Telefones</p> <p>2.1.2. Faixa 1b Ressurreição do Catumbi e do Rio Comprido, remodelação da praça Condessa de Frontin, dinheiro convertido em obras, dívida de honra, demagogia, comprar a Light, Constituição da República, reforma de base</p>		<p><b>F1b: [1963]</b></p>	<p>Paula Barros e Carlos Lacerda na Cerimônia de Inauguração do Primeiro Mercado Entregue ao Povo do Estado da Guanabara pela COCEA, em Jardim Sulacap.</p> <p>Outras autoridades presentes: o secretário de Economia da Guanabara, Guilherme Borghoff, o deputado Danilo Nunes, os administradores regionais Antônio Barcelos, de Bangu, e Luis Vital, da Penha.</p> <p>Com a palavra o presidente da COCEA (Companhia Central de Abastecimento), José Carlos Fragoso Pires. Ele menciona que o primeiro mercado fazia parte de um programa de recuperação de mercados antigos e construção de mercados novos, no sentido de melhor abastecer e melhor distribuir os gêneros alimentícios à população do estado. Após o discurso do presidente da COCEA, assume o microfone o representante da Associação de Amigos do Bairro Jardim Sulacap, a secretária Vera de Paula Barros. Ela se dirige ao governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda, às demais autoridades presentes e diz que o que se via era a concretização de uma das grandes aspirações da população do bairro, o Mercado das Organizações Ferreira e Frigorífico Guanabara. Ela relata ao governador as necessidades mais urgentes da população do bairro: recapeamento das ruas 10, 15 e 20, por onde trafegavam os ônibus dentro do bairro, cujos trabalhos de operação tapa-buraco, iniciados pela Administração Regional de Madureira, tinham sido interrompidos pela transferência administrativa daquela localidade para a Administração Regional de Bangu; solicita a transferência para o estado da responsabilidade de pagamento da loja onde se encontrava instalado o posto policial situado na praça Mário Saraiva, 115-A, naquela localidade. Ela salienta que o pagamento do aluguel vinha sendo efetuado pela Associação, com a ajuda do comércio local; construção de um ginásio estadual para o bairro, por conta do aumento da procura e pelo fato de o bairro se localizar muito distante de outros centros; instalação de um telefone público no posto policial, situado na praça Mário Saraiva, 115-A, em virtude de no bairro só existirem quatro telefones. Assume então o microfone Carlos Lacerda. Ele fala do estado precário de funcionamento dos mercados quando chegou ao governo. Ele diz que com a constituição da COCEA tinha sido possível, e graças ao dinamismo e compreensão do secretário de economia, José Carlos Pires e companheiros, adotar a forma que então se consagrava: a iniciativa do estado completada e projetada pela iniciativa particular. Acrescenta que se sentia à vontade em voltar à Sulacap por ter cumprido o compromisso com o povo do bairro com a entrega do mercado. Sobre as novas reivindicações, ele diz que o modo gentil como foram feitas pela oradora</p>
---	--	---------------------------	--



o levavam a dar uma resposta imediata. Quanto ao posto policial, a diretoria da COCEA acabara de autorizar a divulgação de que o órgão assumiria o encargo de pagar o aluguel do posto policial, com a condição de que não se aumentasse o aluguel na hora de passar para a Companhia do Estado. Sobre o problema de ruas, Lacerda diz que o engenheiro Barcelos, administrador regional de Bangu, estava retomando o assunto, isto é, recomeçando o trabalho de recapeamento e repavimentação. Carlos Lacerda aproveita a oportunidade para dizer, até pelo fato de estar presente um representante da Sul América, que embora tivesse respeito pela obra que a Sul América havia realizado, sendo uma das obras de loteamento mais completas e bem feitas, ela não tinha cumprido com a lei dos loteamentos, fazendo com que os moradores tivessem que conviver com as ruas em estado precário de pavimentação. Lacerda acrescenta que o que a Sul América tinha feito não era pavimentação, e sim tapeação, para poder inaugurar o bairro. No que se refere ao ginásio, ele pede tempo para consultar Flexa Ribeiro, secretário de Educação. Assegura que era intenção do governo construir no bairro um ginásio. Mas, ele não poderia assegurar quando; se ainda seria no ano corrente ou no ano seguinte. Salaria que a região deveria ter um ginásio, pois tinha densidade de adolescentes para tal, e que justamente por ser intenção de seu governo fazer ali um ginásio isto seria feito o mais rápido possível. Ele, então, comunica que chegara a sua vez de fazer uma reclamação. Pede que o povo visse como era solitária e triste a função de governar o estado da Guanabara, senão o país. Adianta que há quase dois anos vinha clamando para que se devolvesse ao estado da Guanabara o direito de decidir sobre telefones, que não mais lhe pertencia desde que houve intervenção federal na Companhia Telefônica. E o povo de Sulacap, segundo ele, considerado como parte de uma comunidade esclarecida, “das mais esclarecidas e das mais atuantes de qualquer bairro do Rio de Janeiro”, ainda ignorava essa circunstância e pegava o governador e lhe pedia um telefone, como se ele tivesse alguma autoridade sobre o problema de telefones. Ele deixa bem claro ao povo de Sulacap que havia dois anos ‘um general’ dirigia como interventor todos os assuntos relativos à Companhia Telefônica Brasileira. Acrescenta que o que tinha sido feito era uma Companhia Estadual de Telefones para a área que não era do contrato da Light.

Observação: Aos 19:52min é encerrada a gravação feita na cerimônia de inauguração do mercado, em Jardim Sulacap, e entra outro áudio no qual também discursa Carlos Lacerda.

*Faixa 1b*

Discurso de Carlos Lacerda na Cerimônia de



			<p>Entrega de uma Praça, no Catumbi</p> <p>Carlos Lacerda agradece a todos os trabalhadores, de todas as categorias, que tornaram possível a obra do Catumbi. Diz que não parava, naquele ato, a ressurreição do Catumbi e do Rio Comprido, pois já estava aberta a concorrência para a remodelação da praça Condessa de Frontin, no Rio Comprido. E em 02 de agosto próximo, seria feita a concorrência pública para as obras das ruas Eliseu Visconti, Chichorro, Navarro, Estrela, Pampas e as rampas de acesso ao túnel, pelo novo viaduto. Lacerda diz que aquilo que parecia um milagre na verdade tratava-se de uma conquista cotidiana da democracia: o retorno da condição de maravilhosa para a cidade do Rio de Janeiro. Acha que o povo estava tão desabitado de ver seu dinheiro convertido em obras, que tinha ido para as ruas fazer um carnaval no mês de julho, porque vira dinheiro transformado em obra pública. Ele diz que quem não deve não teme e que seu único credor era o povo do Rio de Janeiro. Comenta que, no Catumbi, ele havia pago uma dívida de honra, não só para quem tinha votado nele, como também para aqueles que não lhe haviam creditado o voto, pois, salienta, a obra era de todos, não era de nenhum partido, de nenhum candidato, de nenhum eleitor em particular. Ele não quer saber nunca se tal ou qual família que viria a pisar a calçada feita havia votado nele; ele se preocupava em saber sempre era que tal ou qual família nunca fosse pisada pela tirania. Acredita que seu governo tinha banido a demagogia da ordem do dia do trabalho. Acrescenta que amanheciam planejando obras, anoiteciam fiscalizando obras, e que por essa razão não tinham tempo de pregar revolução. Ele lamenta; “Ah se me tivessem ajudado; ah se me tivessem compreendido; ah se acima dos ódios pessoais e das querelas e das quizílias e das intrigas e das calúnias idiotas tivessem ao menos compreendido que, quando se recusavam a fazer o que havíamos pedido, não era a mim que prejudicavam, era a vocês, o povo do Catumbi e do Brasil. Quando querem comprar a Light, talvez vendendo-se mais do que comprando, impedem-nos de pôr telefone... Ah, se não quisessem comprar a Light, nós já teríamos posto telefone no Catumbi!” No fim da fita Lacerda diz que seu governo era serenamente firme no cumprimento dos seus deveres e o seu dever só estava definido na Constituição da República e na Constituição do Estado da Guanabara. Esclarece que o que serviria para o Catumbi e para o Rio Comprido seria uma reforma de base: “reforma de base da pavimentação; reforma de base do esgoto; reforma de base da água; reforma de base do rio Papa-Couve; a reforma de base da vergonha e da honestidade do governo”.</p>
BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.140	F1: 45 min F2: 12 min F3: 50 min	F1: 30/10/1964 F2: 30/10/1964 F3: 31/10/1964	Faixa 1 Reunião com o Diretório da UDN em Teresina, PI Carlos Lacerda defende a realização de
1. Assunto			



<p>1.1 Faixa 1 Reunião com o Diretório da UDN em Teresina, PI</p> <p>1.2 Faixa 2 Entrevista Coletiva no Palácio da Luz em Fortaleza, CE</p> <p>1.3 Faixa 3 Reunião da UDN em Natal, RN</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 O Governador Carlos Lacerda Concede Entrevista Coletiva no Ceará</p> <p>2.2 Faixa 2 Governador Carlos Lacerda em Convenção da UDN, no Rio Grande do Norte</p> <p>2.3 Faixa 3 Elogio a Lacerda, reunião no diretório da UDN, candidato da UDN, indústria da seca, indústria da fome, falsos reformistas, aperfeiçoamento da democracia, exemplo da Suécia, exemplo da China comunista, diminuição da população que vivia no campo, educação: reforma de base do Brasil, lenga-lenga de subdesenvolvimento, mortalidade infantil</p>		<p>convenções do seu partido para a escolha do candidato a presidente. Diz que a UDN tinha muitos defeitos, mas era melhor do que os outros partidos. Lacerda explica que uma revolução não poderia ter medo do povo, deveria deixar que houvesse eleições. Lacerda comenta que Castelo Branco não havia tido tempo para organizar o seu governo, por isso o povo deveria ter tolerância e compreensão com ele, desde que ele também compreendesse que o seu governo seria de transição para preparar o Brasil para a eleição. Assegura que a eleição teria que ser a confirmação dos ideais da "Revolução", de transformar uma nação grande em uma grande nação. Lacerda afirma que o Brasil não precisaria pedir esmolas a ninguém e não deveria ter complexo de inferioridade. Aponta o Piauí como a maior vítima da mania de grandeza da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste). Ele diz que tinha sido encontrado no Banco do Brasil, antes da "Revolução", mais de 200 bilhões de cruzeiros do Fundo do Trigo, sendo que 75% eram para ser utilizados pela SUDENE, mas jamais tinham sido usados. Garante que a SUDENE só tinha interesse em projetos de longo prazo, para 10, 20 anos. Lacerda defende que a reforma agrária fosse feita para aumentar a produção de alimentos no Brasil. Diz que junto com a escola e com a casa, o povo deveria ter o que comer. Assim os brasileiros poderiam desenvolver o país, sem precisar que o Estado fizesse tudo por eles. Ele afirma que não estava apenas fazendo uma campanha eleitoral, nem apenas uma campanha cívica, mas uma campanha de união fraterna do povo. Conta que quando assumiu o governo, diziam que a Guanabara era ingovernável, que o Rio de Janeiro não tinha solução. Mas o seu governo tinha conseguido superar os desafios como, por exemplo, colocar todas as crianças nas escolas.</p> <p><i>Faixa 2</i> Entrevista Coletiva no Palácio da Luz em Fortaleza, CE O repórter pergunta se Lacerda acreditava na derrubada do governador Mauro Borges. Lacerda responde que não sabia, e que quando fosse a Goiânia iria informar-se melhor sobre o assunto. O repórter pergunta se o governador acreditava em propósitos continuístas do governo Castelo Branco. Lacerda responde que não. Primeiro porque uma das finalidades da "Revolução" tinha sido garantir a realização de eleições limpas e livres. Ele garante que não havia a menor possibilidade de Castelo Branco trair o compromisso que havia assumido com o Exército e com a nação. Pergunta se o governador acreditaria em um comparecimento maciço na convenção de São Paulo. Lacerda acredita que sim, apesar do partido ter dificuldade de pagar</p>
--	--	---



passagens de avião para seus delegados. Afirma que se a convenção fosse esvaziada, as eleições poderiam não acontecer. Pergunta sobre como o governador viu o caso Auro de Moura Andrade Lacerda diz que viu com tristeza e profundo pesar o presidente do Senado envolvido em coisas ilegais. Mas diz que a lei era para todos, por isso se ele fosse inocente seria facilmente absolvido. Entretanto, se fosse culpado deveria ser punido

### *Faixa 3*

Reunião da UDN em Natal, RN

O senador Cortez Pereira elogia Lacerda e fala que ele conhecia muito bem o Nordeste e o povo nordestino. Diz que o Brasil acreditava em Lacerda, que estava presente nos momentos mais importantes do país. Comenta que os nordestinos confiavam em Lacerda para resolver os problemas da região. O governador Carlos Lacerda diz que tinha vindo a Natal inicialmente apenas para uma reunião no diretório da UDN (União Democrática Nacional), mas que as circunstâncias levaram a que fosse feita uma reunião muito mais ampla, o que o deixara mais satisfeito. Defende que o candidato da UDN deveria ser escolhido rapidamente, já que os adversários da UDN eram contra a que esta escolha acontecesse rapidamente. Ele argumenta que, dos 25 Diretórios Regionais da UDN, 19 eram favoráveis à sua candidatura. Lacerda diz que a indústria da seca tinha se transformado em indústria da fome, e que procuravam transformar o Nordeste em uma área de esmola e miséria, para que viesse o dinheiro que ficava na mão dos falsos reformistas e dos oportunistas políticos. Lacerda afirma que tinha sido vítima de calúnias, mas que o povo do Nordeste não havia acreditado nas mentiras. Ele explica que buscava o aperfeiçoamento da democracia no Brasil e critica a proposta de reforma agrária, de distribuição de terra para toda a população. O governador afirma que cada vez mais as pessoas iriam morar na cidade, trabalhar na indústria, não precisavam ter terra. Cita o exemplo da China comunista que, após a reforma agrária, tinha liberado 100 milhões de chineses para trabalharem nas indústrias. Cita também o exemplo da Suécia que, após a reforma agrária, viu diminuída a população que vivia no campo de 750 mil para 500 mil pessoas. Lacerda garante que a educação deveria ser a reforma de base do Brasil. Pede para não falarem desta lenga-lenga de subdesenvolvimento. Aceita a análise de que o Brasil era um país marcado por desigualdades e lamenta o alto índice de mortalidade infantil no país. Mas, assinala que na Guanabara o seu governo tinha se preocupado com as crianças que não tinham vagas nas escolas estaduais. Relembra a situação precária em que havia encontrado o estado. Acusa a imprensa de, no início, fazer campanha contra o seu governo.



<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.141</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1. Faixa 1 Audiência da Secretaria de Educação Teresinha Saraiva na Câmara dos Vereadores</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Gratificação, aumento da carga horária, reajuste salarial, representação de gabinete, difícil acesso, regência ininterrupta de turma, recursos do estado, regimento interno, merenda escolar</p>	<p>F1: 30 min</p>	<p>[1977]</p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Audiência da Secretaria de Educação Teresinha Saraiva na Câmara dos Vereadores</p> <p>O vereador Américo Camargo pergunta à secretária se todo o magistério carioca poderia receber uma gratificação sem aumento da carga horária e se a secretária poderia promover reajuste salarial para os professores. Teresinha Saraiva agradece a oportunidade de poder responder às perguntas. Ela explica que não poderia aumentar o magistério municipal, porque a Constituição Estadual proibia que o salário municipal fosse mais alto que o estadual. Ela conta que tinha pensado em dar gratificação a todos os professores, mas que, se isso ocorresse, ficaria caracterizado o aumento de salário. Por isso, diz, foram estabelecidas gratificações parceladas. A primeira gratificação, criada em 1975, foi a de representação de gabinete destinada a diretores, diretores adjuntos e secretários de escola. No ano seguinte, assinala, foram criadas mais duas gratificações, a de difícil acesso, que acrescentava 10% aos vencimentos dos professores e a de regência ininterrupta de turma, para valorizá-la. A secretária menciona que iria propor mais duas gratificações para o orçamento de 1978, uma seria pagar o professor de acordo com a sua formação e não com a série em que lecionava. A outra a gratificação seria dada ao professor que estivesse em função de supervisão e orientação educacional até que ele fosse enquadrado como especialista. A secretária pede mais recursos do estado para o município, já que o Rio de Janeiro era o único município do Rio de Janeiro a ter ficado responsável por todo o ensino de 1º grau. Afirma que se o município tivesse mais recursos o prefeito se comprometeria a beneficiar o magistério. O vereador Diofrildo Trotta fala sobre o regimento interno da Câmara que teria sido desrespeitado pela secretária de Educação. Ele ressalta que era o responsável pelo regimento e que exigia que este fosse cumprido. Afirma que o que existia de bom na Secretaria de Educação era a merenda escolar. Critica o aumento da carga horária dos professores de 14 para 18 horas. O vereador fala sobre as dificuldades do professor em geral para se formar. Outros vereadores pedem para o vereador fazer logo a sua pergunta. Ele reclama que um orador falou durante uma hora e quinze minutos e outro durante uma hora e dez minutos e ele estava falando a apenas oito minutos.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.142</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Palavras do Governador Lacerda em Curitiba, na Reunião Preparatória com o Diretório da UDN - PR</p>	<p>F1: 60min F2: 50 min</p>	<p><b>F1: 10/1964</b> <b>F2: 22/10/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Palavras do Governador Lacerda em Curitiba, na Reunião Preparatória com o Diretório da UDN - PR</p> <p>Carlos Lacerda agradece o apoio recebido, no Paraná, à sua candidatura. Rebate a acusação de que não governava com a UDN (União Democrática. Diz que não transformara seu governo em um feudo, mas lê uma lista de</p>



## 1.2 Faixa 2

Entrevista Coletiva na Sede da UDN, em Curitiba

## 2. Temas

## 1.1 Faixa 1

Apoio recebido no Paraná, prestigiar o partido, escolha do candidato à presidência dois anos antes das eleições, definição da linha política da UDN, apoio ao governo da “Revolução”, apoio construtivo não incondicional, governo anterior levava o país à desordem, Forças Armadas foram levadas a agir, ajuda a Castelo Branco, população aprovava governo da Guanabara, oposição poderia lançar um candidato antes da UDN, eleição indireta ou da prorrogação do mandato, risco de nasserismo no Brasil

## 2.2 Faixa 2

Convite do presidente, chefe da delegação brasileira, convenção anual da ONU, candidato à presidência, briga com *O Globo*, divergências parque Lage, patrimônio histórico e artístico, agricultura brasileira, crítica ao estatuto da terra, justiça social, deputado Amaral Neto, candidato à vice-presidente, Nei Braga, avaliação do governo Castelo Branco, “Revolução”, governo de transição,

membros da UDN que participavam do seu governo. Acredita que era importante, que um candidato à presidência percorresse os estados, para ver se existia apoio, no seu partido, à sua candidatura. Lacerda considera que Jânio Quadros ganhara a eleição, mas o partido perdera, porque ele havia se sentido desobrigado em relação aos que colaboraram para a sua vitória. Assinala que a sua visita tinha o sentido de prestigiar o partido, e de pedir aos paranaenses que reforçassem a agremiação. Lacerda afirma que era possível conquistar eleitores insatisfeitos com outros partidos. Nega que houvesse uma pressão para que a convenção fosse realizada rapidamente. Ele sustenta que contava com o apoio de 21 dos 22 diretórios para realizar a convenção. Defende a escolha do candidato à presidência dois anos antes das eleições. Explica que seria preciso que a UDN definisse novamente a sua linha política, porque a situação havia mudado. Fala que o partido fazia oposição ao governo, mas depois da “Revolução” de abril a situação mudara. Por isso, a convenção da UDN seria, inclusive, uma forma de dar apoio ao governo. Lacerda não vê motivos para o governo se preocupar com a convenção da UDN e diz que o próprio presidente Castelo Branco tinha afirmado não se preocupar com a convenção. Reitera o apoio da UDN ao governo, mas um apoio construtivo, não um apoio incondicional, que não deveria ser dado nem a um presidente udenista. Lacerda afiança que o governo anterior levava o país à desordem. Por isso, as Forças Armadas foram levadas a agir, precipitando o processo evolutivo, que iria desembocar nas eleições de outubro de 1965. Fala que o presidente Castelo Branco não tinha experiência política e, por esse motivo, não sabia a quem escolher para serem seus ministros, o que teria admitido a Lacerda em uma conversa. Volta a dizer que o apoio da UDN ao governo não deveria ser irrestrito. Acha que o governo estava perdendo muito tempo com novas leis, ao invés de agir mais. Assinala que não pretendia ser ministro e nem escolher os ministros do presidente Castelo Branco mas, como candidato à sua sucessão, queria ajudá-lo a fazer um bom governo. Lacerda garante que não havia rejeição dos militares à convenção da UDN. Comenta que pediria o adiamento da convenção, ou até retiraria a sua candidatura, se visse um candidato com mais potencial do que ele. Menciona que o seu governo na Guanabara tinha mostrado como era a UDN no poder, que a população aprovava a experiência e afirma que esse apoio ao seu partido poderia ser constatado em todo o Brasil, inclusive no Nordeste. Lacerda alerta para o risco da oposição se organizar e lançar um candidato antes da UDN. Por isso, defende que a convenção fosse realizada logo. Afirma a importância da convenção, mesmo ele sendo candidato único, porque considera que se a



UDN não demonstrasse interesse, seria provável que não houvessem eleições em 1966. Lacerda afirma não desconfiar da palavra do presidente Castelo Branco, mas considera que o presidente poderia entender que havia um vácuo político no Brasil e que seria preciso preenchê-lo de alguma forma, através de uma eleição indireta ou da prorrogação do mandato, como ainda havia o risco de haver um nasserismo no Brasil.

#### *Faixa 2*

Entrevista Coletiva na Sede da UDN, em Curitiba  
Perguntam se Carlos Lacerda iria aceitar o convite do presidente Castelo Branco para ser chefe da delegação brasileira na convenção anual da ONU (Organização das Nações Unidas). Ele retruca que naquele momento era apenas candidato à Presidência da República. Acrescenta que só poderia tomar uma decisão após a decisão da UDN (União Democrática Nacional) sobre a sua candidatura, mas assinala que não descartava a possibilidade de aceitar o convite. Perguntam sobre o apoio à sua candidatura na UDN. Lacerda responde que tinha o apoio de 17 dos 21 diretórios da UDN. Ele afirma que o governador de Minas não apoiava a sua candidatura porque queria acabar com o partido e fundar outro, talvez com uma fusão com outro partido. Já ele, defendia que o partido continuasse existindo e por isso defendia a sua candidatura. Perguntam se o governador tinha brigado com *O Globo*, ou *O Globo* tinha brigado com ele. Lacerda destaca que não tinha havido uma coisa nem outra, que acontecera apenas uma divergência a respeito do parque Lage, com um diretor do jornal que tinha comprado o parque Lage e queria tirar o parque da lei de proteção federal, como patrimônio histórico e artístico para valorizá-lo. Defende a agricultura brasileira e critica o estatuto da terra. Explica que a desvalorização da plantação de café seguia a recomendação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), na qual são conselheiros influentes homens das nações que concorriam com o café brasileiro. Segundo Lacerda, não era importante que todo mundo tivesse um pedaço de terra, mas que todos tivessem acesso ao que era produzido na terra. Lacerda acredita que assim seria feita a justiça social no Brasil. Perguntam como Lacerda encarava as críticas do deputado Amaral Neto. Ele responde que não encarava, que o deputado Amaral Neto era candidato à sua sucessão, por isso fazia críticas. Afirma que o deputado tinha o direito de fazer críticas, assim como ele tinha o direito de votar em outro candidato para a sua sucessão. O repórter pergunta sobre suas viagens ao sul do país e se ele já tinha escolhido o candidato à vice-presidente da sua chapa. Lacerda responde que não, que o vice seria da UDN ou de outro partido que se aliasse à sua candidatura.



			<p>Adianta que ainda não tinha o que falar sobre as suas viagens. Afirma que tinha querido criar uma novidade, ir aos convencionais em vez dos convencionais irem ao candidato. Acredita que a sua estratégia estava dando certo. Perguntam sobre o teor de sua reunião com o governador do Paraná, Nei Braga. Lacerda diz que não tinha conversado sobre política com o governador, e respeitava a decisão do seu partido de não se aliar à UDN. Assinala que não via o partido do governador apoiando outro candidato. Pergunta do repórter sobre a sua avaliação a respeito do governo Castelo Branco. Lacerda responde que a tendência do governo seria melhorar. Considera que o presidente tinha restaurado o respeito do povo pela autoridade dos governantes e que mesmo os que divergiram da “Revolução” sentiam que estava à frente do Brasil um homem sério, digno. Acha que este era um excelente começo, porém, adverte que o governo de Castelo Branco era de transição, que iria preparar o país para a eleição.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.143</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Cerimônia no Palácio Guanabara em que o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara, Desembargador Martinho Garcês Neto, Assume Temporariamente o Governo do Estado da Guanabara, na Ausência do Governador Carlos Lacerda</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Desembargador Martinho Garcês Neto, responsabilidade, substituir o governador, modificação no secretariado, elogios ao secretariado, páreo do Quarto Centenário, imitar Lacerda</p>	F1: 20 min	<b>F1:02/04/1965</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Cerimônia no Palácio Guanabara em que o Presidente do Tribunal de Justiça do Estado da Guanabara, Desembargador Martinho Garcês Neto, Assume Temporariamente o Governo do Estado da Guanabara, na Ausência do Governador Carlos Lacerda.</p> <p>Carlos Lacerda comenta que se sentia honrado em passar o seu cargo temporariamente ao desembargador. Relata que seu vice-governador iria viajar com ele, assim como o presidente da Assembleia, deputado Danilo Nunes, então tinha sido necessário chamar o desembargador. Lacerda deseja que Martinho, em sua curta estada no Poder Executivo, conseguisse o mesmo êxito que tinha alcançado no Poder Judiciário. Diz que saía tranquilo e orgulhoso. O desembargador Martinho Garcês Neto diz-se honrado e emocionado com a responsabilidade e que mesmo ocupando por pouco tempo o governo, sabia que seria uma grande responsabilidade substituir o governador Carlos Lacerda. Martinho afirma que poderia dizer tranquilamente que assumia naquele momento o cargo que estava entregue a um dos maiores brasileiros de todos os tempos. Garante que iria cumprir apenas o seu dever de obedecer à Constituição. O repórter pergunta ao desembargador se ele pretendia fazer alguma modificação no secretariado. Ele responde que não e elogia o secretariado. Pergunta ao governador (o desembargador passa a ser assim chamado) se a agenda dele estava cheia. O governador responde que a agenda de um governador é sempre cheia. Pergunta se o governador iria ao Jóquei e ele responde que sim, por causa do páreo do Quarto Centenário da cidade. Pergunta se ele recebeu alguma recomendação especial do governador Carlos Lacerda. Diz que não, que ficou honrado com as palavras que recebeu do governador, que</p>



			<p>havia demonstrado confiança nele e diz que iria cumprir o seu dever. O repórter pede uma mensagem do desembargador/ governador ao povo carioca, e ele diz que tinha se sentido honrado por receber o cargo do governador Carlos Lacerda. Afirma que a sua responsabilidade aumentava por estar substituindo um grande governante. Ele ressalta que iria tentar imitar Lacerda no que fosse possível.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.144</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Debate com os Representantes dos Sindicatos</p> <p>2. Temas</p> <p>21. Faixa 1</p> <p>Taxista, elogios ao governador, reivindicações da categoria, trabalhadores da Rio Light, perda de diversos benefícios, Rio Light, CTC, punições, cooperativa, Flexa Ribeiro, general (Salvador) Mandim, STF, trabalhadores sem salário, sobretaxa de energia, faltas e licenças médicas, serviço privado, CHEVAP, serviço precário, altos encargos trabalhistas, substituir os bondes por ônibus, motorneiros, motoristas de ônibus</p>	F1: 50 min	F1: [1962]	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Debate com os Representantes dos Sindicatos</p> <p>Um taxista faz elogios ao governador Carlos Lacerda afirmando que ele sempre tinha atendido às reivindicações da categoria. Comenta que os motoristas de táxi foram os que mais sentiram as mudanças ocorridas na cidade após a posse de Lacerda como governador. Ressalta que o governador pavimentara as ruas e melhorara o trânsito com a construção de túneis e viadutos. Um orador não identificado tece elogios ao governador Carlos Lacerda, entretanto, diz que ele, como outros trabalhadores da Rio Light, não tinham ficado felizes com a transferência para a Companhia do Estado. Lamenta a perda de diversos benefícios que eram concedidos pela Rio Light e que não tinham sido mantidos pela CTC (Companhia de Transportes Coletivos). Critica as punições estabelecidas pela CTC para os funcionários que faltassem um dia. Ele relata ser presidente de uma cooperativa que congregava sete mil associados de quatro categorias profissionais: CTC, gás, energia elétrica e CTB (Companhia Telefônica Brasileira). Lamenta que ainda não tivessem conseguido receber em dia o que era descontado dos associados. Explica que a CTC ficava com o recolhimento dos seus funcionários por cerca de 60 a 90 dias. Calcula que a dívida era de 80 milhões de cruzeiros. Convida o professor Flexa Ribeiro, a quem, segundo ele, admirava, a conhecer a cooperativa, e assinala que esta seria a oportunidade de pedir atenção para a cooperativa. Volta a dizer que apoiava Lacerda e Flexa Ribeiro, mas queria que a situação voltasse a ser como na época da Light. O governador Carlos Lacerda responde que iria conversar com o general (Salvador) Mandim, responsável pela CTC, em uma reunião na semana seguinte, para que tomasse as devidas providências. Mas, adverte que não poderia deixar a impressão de que na época da Light tudo era bom e que quando passou para a CTC ficou ruim. Lacerda explica que a obrigação de manter os benefícios dos antigos trabalhadores da Light era da empresa e não do estado e que a decisão sobre quem pagaria estes benefícios estava no STF (Supremo Tribunal Federal). Afirma, no entanto, que o estado tinha feito o possível para não deixar os trabalhadores desamparados, sem salário. Saliencia que o estado continuava pagando salário a 2.000 antigos trabalhadores de bondes da Light, que estavam</p>



			sem emprego. Lacerda diz que a Light poderia pagar os benefícios porque cobrava uma sobretaxa de energia que tinha sido extinta, quando os transportes passaram a ser administrados pelo estado. Critica o elevado número de faltas e licenças médicas concedidas aos antigos funcionários da Light. Ressalta que não tinha preconceito contra o serviço privado, mas sustenta que a Light era uma companhia esclerosada que não tinha mais condições de ser uma concessionária. Alerta que havia um risco da CHEVAP (Companhia Hidrelétrica do Vale do Paraíba) ser comprada pela Light. O general Mandim agradece a franqueza do sindicalista e apresenta sua defesa. Diz que o estado tinha recebido um serviço precário e com altos encargos trabalhistas. Afirma que o governo fez tudo que era possível, mas que era inevitável sacrificar algumas coisas, para poder substituir os bondes por ônibus. Garante que a situação do pagamento de salários tinha sido normalizada. Conta que tentou adaptar os motoneiros para a função de motoristas de ônibus, mas mesmo assim tinham sobrado dois mil funcionários para os quais ele ainda estava procurando emprego em outras secretarias.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.145</b>			145 não tem
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.146</b>	F1:12 min		<i>Faixa 1</i> Gravação de música
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.147</b>		<b>F1: 04/06/1965</b>	147 não tem
1. Assunto  1.1 Faixa 1 Entrevista do Governador na TV Tupi			
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.148</b>		<b>F1: 02/07/1965</b> <b>F2: 14/07/1965</b>	148 não tem
<b>1. Assunto</b>  1.1 Faixa 1 Entrevista Coletiva no Palácio Guanabara  1.2 Faixa 2 Entrevista Coletiva com o Governador Carlos Lacerda sobre as Viagens que Fez ao Norte e ao Nordeste e sobre a Revisão da sua Candidatura a Presidente – Palácio Guanabara			
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.149</b>	F1: 25 min	<b>F1: 22/04/1965</b>	<i>Faixa 1</i> Posse do Secretário de Economia, Caio Furtado de Mendonça Doutor Sílvio Pacheco, ex-secretário de Economia elogia a escolha do novo secretário de Economia e agradece a honra de ter participado do governo de Carlos Lacerda. Faz elogios ao governador e ao seu secretariado. Comenta que a escolha de Caio
1. Assunto  1.1 Faixa 1 Posse do Secretário de Economia, Caio Furtado de Mendonça			



<p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Escolha do novo secretário, elogios ao governador e ao secretário, funcionário público, recém-criada Secretaria de Economia, Secretaria de Agricultura, BEG, agricultores e criadores, crédito bancário</p>			<p>Furtado de Mendonça iria beneficiar o estado da Guanabara. O secretário Caio Furtado de Mendonça conta estar emocionado por ter sido escolhido para o cargo. Orgulha-se de ser funcionário público havia 30 anos e de fazer parte então do governo de Carlos Lacerda. Promete dar o melhor dos seus esforços para corresponder à confiança do governador. Carlos Lacerda explica que a maioria do seu secretariado era formada por servidores do estado, como Caio Furtado de Mendonça. Tece elogios aos seus secretários. Diz que a recém-criada Secretaria de Economia tinha surgido da Secretaria de Agricultura. Elogia o novo secretário. Afirma que uma das últimas tarefas do seu governo seria dar à Secretaria de Economia o mesmo dinamismo das outras secretarias do seu governo. Considera que a Secretaria de Agricultura tinha sido prejudicada por razões políticas. Sustenta que o BEG (Banco do Estado da Guanabara) tinha mais dinheiro para emprestar aos lavradores e criadores do estado do que eles tinham capacidade de absorver e utilizar. Anuncia que mesmo em plena retração do crédito bancário a Guanabara tinha crédito de sobra.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.150</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Gravação com defeito no início Programa “Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara</p> <p>1.2.1 Faixa 2a</p> <p>Programa “Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara</p> <p>1.2.2 Faixa 2b</p> <p>Continuação Debate com Sindicatos, Palácio Guanabara</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>impressões de viagem Nordeste, eleições livres, tradução de livro, democracia absorver a tecnocracia, apaixonados pela técnica, apoio a Castelo Branco, Armando Falcão, criadores de boatos, massa popular, faculdade, promoção social, vocação, opções para os jovens, Previdência Social, crítica ao Ministério do Trabalho, Belém/Brasília, povoamento das regiões, PTB, Marechal Lott, sucessão</p>	<p>F1: 55 min F2a: 20 min F2b:35 min</p>	<p><b>F1:10/08/1965</b> <b>F2a:10/08/1965</b> <b>F2b:16/07/1965</b></p> <p><b>Obs: Gravação com Defeito no Início</b></p>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Gravação com Defeito no Início Programa “Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara</p> <p>O repórter pergunta quais as impressões do governador sobre a viagem que fez ao Nordeste, e Lacerda diz que suas impressões tinham sido muito boas e que a população nordestina estava esperançosa de que houvesse eleições livres, que dessem ao Brasil um governo honrado e capaz, que trabalhasse para o bem comum. O repórter pergunta sobre o livro que o governador estava traduzindo. Lacerda fala muito bem sobre o livro, “Tecnocracia e democracia”. Ele assinala que o tema central do livro era o fato de que a disputa no mundo de então não seria mais entre socialismo e capitalismo. Versava sobre a possibilidade de a democracia absorver a tecnocracia sem ser absorvida por ela. Acredita que no Brasil estavam todos apaixonados pela técnica, o que seria bom, mas era preciso preservar a democracia. Perguntam a ele sobre o apoio que Lacerda estava dando ao presidente Castelo Branco para que ele cumprisse o seu mandato quando, concomitantemente, defendia a realização de eleições em 1966. Ele responde que não via contradição em defender que Castelo Branco cumprisse o seu mandato, que foi prorrogado pelo Congresso em um momento de crise e, ao mesmo tempo, defender que o presidente cumprisse a sua promessa de garantir a realização de eleições em 1966. O repórter comenta que o deputado Armando Falcão estava presente no gabinete do governador da Guanabara, onde estava sendo realizada a entrevista. O repórter pergunta a Lacerda sobre os boatos que existiam a seu</p>



presidencial, “Revolução”, Amaral Neto, Flexa Ribeiro, continuidade das obras, urbanizar a Rocinha, construir o túnel Dois Irmãos, modelo de administração, inauguração de obras, túnel Rebouças novo hospital Souza Aguiar

#### 2.2.1 Faixa 2a

Inauguração de escolas, viadutos, novo hospital Getúlio Vargas, água do Guandu chegando a todo o estado, visita a todos os estados, pequenas cidades mais bem informadas

#### 2.2.2 Faixa 2b

Sindicato livre, regime democrático, volta dos métodos de administração corrupta, escolha de Flexa Ribeiro, voto dos trabalhadores, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários, apoio indispensável, “Revolução”, paternalismo, reivindicações dos trabalhadores, subversivos, patriotas, engrandecimento da nação legítimos movimentos dos trabalhadores

respeito. Lacerda diz que assustava as pessoas por ser honesto e trabalhador. Menciona que abria mão do apoio dos criadores de boatos e que contava com o apoio da grande massa popular que aspirava a escolher um governo capaz de servir a seus interesses. Lacerda comenta que não se podia agradar a todo mundo. O repórter pergunta o que Lacerda achava da afirmação de que muitos jovens entravam nas faculdades sem ter uma vocação. Lacerda diz que conversando com uma jovem, ouviu que muitos jovens entravam na faculdade por quererem uma promoção social, não por uma vocação. Lacerda diz que deveria haver mais opções para os jovens além das faculdades clássicas de Medicina, Direito, Engenharia. Pergunta sobre a opinião de Lacerda sobre a Previdência Social no Brasil Lacerda critica a Previdência, diz que funcionava muito mal no Brasil e defende uma mudança na sua organização. Por isso, reclama uma ampla reforma no Ministério do Trabalho. Perguntam sobre a Belém/Brasília, construída no governo JK. Lacerda considera que a estrada era uma grande obra, um dos acertos do governo JK, que tido muitos erros. Considera um dever de qualquer governante terminar a obra. Acredita que a estrada seria muito importante para o povoamento das regiões por onde ela passa. Diz que a criação de uma ramificação para o Acre e outra para o Ceará seria importante para a integração do país. Perguntam sobre a escolha do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), do Marechal Lott, para a sucessão presidencial. Lacerda considera uma escolha lógica, e diz que o Marechal era um homem honrado, que o PTB era o segundo Partido da Guanabara, por isso não poderia abrir mão de ter um candidato próprio. Sustenta que tanto o PSD (Partido Social Democrático) e o PTB foram poupados pela “Revolução”, então ambos tinham o direito de lançar candidatos. Acha que era uma provocação à “Revolução” a candidatura de Lott, mas que deveria ser respondida nas urnas. Perguntam sobre a opinião de Lacerda a respeito de Amaral Neto e de Flexa Ribeiro. Lacerda responde que preferia não falar sobre Amaral Neto, um antigo amigo desgarrado, em respeito a uma antiga amizade. Sobre Flexa Ribeiro, diz que ele, além de ser o candidato capaz de garantir a continuidade das suas obras, seria também capaz de garantir a execução de novas obras. Diz que Flexa Ribeiro poderia urbanizar a Rocinha, construir o túnel Dois Irmãos, completar a obra nos hospitais. Acha que se a Guanabara conseguisse manter três governos sucessivos com o mesmo modelo de administração, a população da Guanabara não iria querer voltar ao que havia antes. Afiança que o seu governo tinha acabado com as brigas internas que havia nos órgãos do governo estadual Perguntam se o governador iria cumprir a promessa de inaugurar uma obra por dia.



Lacerda promete inaugurar até 3 obras por dia, entre elas estavam incluídos o túnel Rebouças e o novo hospital Souza Aguiar, além de um parque no subúrbio.

*Faixa 2a*

Gravação com defeito.

Programa “ Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara

O repórter pergunta ao governador o que ele iria fazer após o dia de 3 de outubro. Lacerda diz que continuaria a fazer o que sempre tinha feito: trabalhar. Diz que iria inaugurar escolas, viaduto, o novo hospital Getúlio Vargas. Assinala que antes de sair do governo, no dia 5 de dezembro, a água do Guandu iria chegar a todo o estado. O repórter pergunta ao governador quantos estados ele já tinha visitado e quantos ainda faltavam visitar desde que ele tornara-se candidato a presidente. Lacerda responde que já visitara todos os estados, mas percorrera poucos. Cita o exemplo do Rio Grande do Sul e do Ceará como estados em que pretendia visitar mais cidades. Explica que algumas pequenas cidades eram, então, mais bem informadas sobre o que acontecia nas grandes cidades do que seus próprios habitantes.

*Faixa 2b*

Continuação - Debate com Sindicatos, Palácio Guanabara

Carlos Lacerda assinala que o sindicato livre era uma válvula de segurança do regime democrático. Menciona que esta era a sua posição permanente, não dependia da sua candidatura. Considera grave a hipótese de não eleger o seu sucessor para o governo da Guanabara, porque acredita que havia o risco da volta dos métodos de administração corrupta e corruptora que tinham levado o Rio de Janeiro à triste situação em que ele havia encontrado a cidade. Admite que não tinham sido resolvidos todos os problemas, mas diz que o povo era testemunha do seu esforço para resolvê-los. Comenta que a escolha de Flexa Ribeiro, como candidato ao governo da Guanabara, fora aprovada por todos os membros do seu partido. Pede o voto dos trabalhadores para o seu candidato. Álvaro Davi, presidente da Federação Nacional dos Ferroviários, afiança que os ferroviários participariam de todos os encontros que fossem marcados com as autoridades do estado, no sentido de buscar o apoio indispensável destas autoridades. Afirma que não se podia pensar que a “Revolução” fora feita contra os trabalhadores. Acrescenta que os sindicatos não deveriam ser paternalistas e que as reivindicações dos trabalhadores eram legítimas. Acredita que os trabalhadores não eram subversivos ou ligados a partidos políticos. Acha que os trabalhadores não podiam pagar pelos erros do passado que não tinham sido cometidos por eles. Acentua que os



			trabalhadores eram patriotas e queriam o engrandecimento da nação. Pede que o governo voltasse as suas atenções para os legítimos movimentos dos trabalhadores.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.151</b>	F1:62 min F2a: 20 min F2b: 40min	<b>F1:10/08/1965</b> <b>F2:10/08/1965</b> <b>F3:10/08/1965</b>	<i>Faixa 1</i> Programa “ Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara Perguntas do Auditório a Carlos Lacerda Perguntam a Carlos Lacerda sobre um livro em francês que ele estava traduzindo e porque a pressa em lançá-lo no Brasil. Lacerda agradece a pergunta e responde que o nome do livro era “Tecnocracia e democracia”. O autor parte do princípio de que a antiga competição entre socialismo e capitalismo não tinha mais razão de ser, porque eram duas formas de buscar o mesmo resultado, embora por caminhos diferentes. A verdadeira competição seria entre democracia e tecnocracia. Diz que no Brasil a técnica ocupava, merecidamente, um bom lugar, mas afirma que ela deveria ocupar o seu lugar e não o dos homens de estado, porque a estes competia governar o país. Perguntam porque Lacerda era a favor da homologação da candidatura do general Lott. Lacerda responde que preferia a derrota do general Lott nas eleições. Ele sustenta que como a “Revolução” tinha permitido que o PTB continuasse existindo, não fazia sentido evitar uma candidatura deste partido. Comenta que a “Revolução” não deveria ter medo de perder as eleições, bastaria que ela fosse autêntica com a população. Perguntam porque Lacerda criticava tanto o presidente da República e ao mesmo tempo defendia a sua permanência no cargo. Lacerda retruca que defendia a permanência no cargo de todas as pessoas dignas, íntegras e honradas como o presidente. Mas, considerava que tinha direito de discordar do presidente e cita como exemplo não ter sido consultado sobre a sua sucessão no estado da Guanabara, o que avalia como pueril. Lacerda acha que o povo queria votar, e os senhores consultados pelo presidente não queriam que o povo votasse. Perguntam se Lacerda concordava com a liberdade dos sindicatos. Ele assinala que defendia a liberdade dos sindicatos, mesmo que houvesse riscos. Afirma que os operários brasileiros tinham tido a oportunidade de se tornarem comunistas, mas se recusaram. Porém, acrescenta que naqueles dias o trabalhador tinha que escolher entre o comunismo e o peleguismo, que dominava o Ministério do Trabalho. Diz que os líderes democráticos não tinham vez, e que o Ministério do Trabalho deveria sair dos sindicatos. Perguntam porque a Lei Suplicy tinha tido tão pouca aceitação no meio estudantil e quais eram as suas vantagens e desvantagens. Lacerda acredita que a lei tinha tido tão pouca aceitação porque tinha alguns defeitos fundamentais e as suas qualidades não tinham sido postas em relevo devidamente. Acrescenta que a lei estimulava os
1. Assunto			
1.1 Faixa 1 Perguntas do Auditório a Carlos Lacerda			
1.2.1 Faixa 2a Continuação da Faixa Anterior Gravação com Defeito			
1.2.2 Faixa 2b Carlos Lacerda Fala na TV Rio Gravação com Defeito			
2. Temas			
2.1 Faixa 1 Livro em francês, competição entre socialismo e capitalismo, democracia e tecnocracia, homologação da candidatura do general Lott, “Revolução”, medo de perder as eleições, crítica ao presidente da República, liberdade dos sindicatos, comunismo e peleguismo, Ministério do Trabalho, Lei Suplicy, vantagens e desvantagens, estimulava os estudantes, UNE, condenação dos estudantes, quadros políticos, Danilo Nunes, candidatura de união, Flexa Ribeiro, Cravo Peixoto, atraso do pagamento dos servidores, crítica à situação econômica, peça “O berço do herói”, Dias Gomes, Serviço de Censura, respeito à Constituição, propaganda do ódio de raça, de classe, de religião			
2.2.1 Faixa 2a Classe média abandonada, salário de 500 mil cruzeiros inflação, eleições em 1966, “Revolução”, garantia de eleições. candidato à presidência, vaidoso, incoerente e teimoso			
2.2.2 Faixa 2b Tribunal de Contas anacrônico, extorsão a empreiteiros,			



SUSEME, fiscalização das contas, incompetência do Tribunal, oposição ao seu governo, construção do Maracanã, elogio a Castelo Branco, eleições em 11 estados campanha para presidente votar contra a “Revolução”, anos de retrocesso

estudantes a participarem da vida política através de sua adesão aos quadros dos partidos políticos. Segundo Lacerda, a lei visava a acabar com o peleguismo estudantil através de órgãos como a UNE (União nacional dos Estudantes), subvencionados pelos órgãos públicos. Mas, ele diz que não só isto foi mal apresentado, como foi de certo modo mal concebido, porque foi apresentado como uma condenação dos estudantes ao silêncio. Lacerda diz que mesmo que não fosse esta a intenção, o simples fato de parecer que era, já seria um erro. Diz que a ditadura tinha esvaziado os quadros políticos, por isso era urgente convocar os estudantes ao debate, porque eles seriam os futuros políticos e precisavam começar a participar da política. Perguntam porque o general Danilo Nunes não tinha sido candidato a governador. Lacerda responde que o deputado Danilo Nunes havia aberto mão de sua candidatura em nome de uma candidatura de união, que seria a de Cravo Peixoto. Mas a candidatura de Cravo Peixoto também não agradara a todo partido, que só conseguiu chegar a um consenso com a escolha de Flexa Ribeiro como candidato e posteriormente de Danilo Nunes como vice. Perguntam ao governador sobre o motivo do atraso do pagamento de alguns servidores do estado em até 28 dias e se isso o prejudicaria em uma campanha para a Presidência da República. Lacerda responde que o atraso era de quinze dias e algumas vezes um pouco mais de 20 dias, mas sempre menos de um mês. Diz que para colocar o pagamento em dia precisaria de 15 bilhões de cruzeiros e que estava tentando conseguir este dinheiro, mas que não era fácil. O governador afirma que em comparação com a situação de servidores de outros estados, os servidores da Guanabara estavam bem. Critica a situação econômica do país, fato que fez a arrecadação de impostos cair. Perguntam porque o governador não liberava a peça “O berço do herói”, de Dias Gomes. Lacerda responde que o Brasil era regido por uma Constituição, e que o Serviço de Censura existia para que fosse respeitada a Constituição. Ele afirma que tinha lido a peça e a considerou ruim em todos os aspectos, além de fazer propaganda de coisas que a Constituição proibia. Ele sustenta que a Constituição proibia a propaganda do ódio de raça, de classe, de religião. Para Lacerda a peça incorria em todas estas proibições e que se a censura não a proibisse, esta peça deveria ser fechada.

*Faixa 2a*

Continuação da Faixa Anterior - Gravação com Defeito

Programa “Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara

Perguntam ao governador se ele concordava que a classe média estava abandonada, que uma pessoa da classe média não conseguiria viver com um



salário de 500 mil cruzeiros. Lacerda menciona que concordava, mas que esta questão não era da alçada do governo estadual, mas sim do governo federal. Para Lacerda, o problema da classe média era o esmagamento pela inflação. Por isso, a inflação deveria ser combatida. Querem saber o que Lacerda faria se não houvesse eleições em 1966. O governador salienta que não acreditava na hipótese de não haver eleições em 1966, porque a “Revolução” tinha sido feita para garantir a realização de eleições. Mas, se por acaso não houvesse eleições explica que iria cuidar de sua vida. O governador confirma que já era candidato à presidência antes da “Revolução” e que se sentia preparado para ser presidente. Ele desmente os boatos de que não teria condições de ser presidente por ser vaidoso, incoerente e teimoso. Acha que se deveria julgar um homem pelo o que ele faz e fez, não pelo que diziam os seus inimigos.

*Faixa 2b*

Programa “ Falando a Verdade” com Flávio Cavalcante - Palácio Guanabara - Gravação com Defeito

O governador menciona que tinha vindo à televisão prestar contas à população sobre dois assuntos. Um era sobre o Tribunal de Contas. Ele explica o funcionamento do Tribunal e diz que o órgão atrapalhava mais do que ajudava, por ser anacrônico. Diz que o TC não analisava contas, mas detalhes burocráticos. Lacerda conta que tinha recebido informações de uma fonte segura de que um funcionário do Tribunal de Contas estava extorquindo empreiteiros para distribuir a tempo ou não, processos de contratos de obras. Lacerda reclama que o seu governo estava nas mãos de um funcionário desonesto. O governador esclarece que o funcionário foi detido na SUSEME (Superintendência de Serviços Médicos), mas que a SUSEME não estava envolvida neste caso, que a sala onde o funcionário estava pertencia ao Tribunal de Contas, mas funciona na SUSEME. Lacerda assinala que o Tribunal de Contas tinha colocado a tranca na porta depois de arrombada. Ele garante que tinha interesse na fiscalização das contas do seu governo, mas exigia que fossem feitas por bons fiscais. Lacerda defende que o Tribunal precisava ser reformulado porque não estava funcionando de maneira adequada. Comenta que a incompetência do Tribunal prejudicava o governo da Guanabara. Lacerda acredita que alguns deputados estavam querendo aparecer fazendo oposição ao seu governo. Cita o exemplo do deputado Francisco Silbert, que enfrentou o secretário de Finanças do estado. Critica o deputado, dizendo que ele não havia tido tanta coragem ao pedir a Lacerda para não punir a firma Prolar, que havia participado da construção do Maracanã, e que tinha sido acusada de receber por serviços que não haviam sido executados. Diz



			<p>que outro quis aparecer dizendo que a SUSEME era um antro. Elogia o presidente Castelo Branco por manter as eleições que estavam previstas para acontecer em 11 estados brasileiros. Acrescenta que lamentava ter que sair do governo, mas que ficava feliz por poder descansar quando saísse. Lacerda espera que a população elegeisse bons governadores, mas a sua campanha para presidente independia de quem fosse eleito nos 10 estados. Porém, adverte que na Guanabara a eleição seria considerada um teste. Explica que o seu empenho para eleger o seu candidato não constituía um capricho pessoal, nem um interesse eleitoral seu, porque precisava apenas do apoio do povo para ser eleito. Promete que quando fosse sair do governo contaria como tinha encontrado o estado da Guanabara e como o deixaria. Volta a afirmar que a eleição da Guanabara não estava relacionada à sua eleição para presidente. Lacerda alerta que se fosse eleito um adversário, a população da Guanabara teria que dar adeus às escolas, a água, ao saneamento, aos viadutos, aos telefones, à justiça administrativa, ao trabalho honrado, etc. Diz que os eleitores não deveriam votar com ódio, contra a “Revolução”, porque seriam quatro anos de retrocesso se votassem errado.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.152</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Entrevista na TV Rio sobre a Candidatura do Marechal Lott</p> <p>1.2 Faixa 2 Entrevista no Palácio Guanabara sobre a Política Nacional de Energia</p> <p>1.3 Faixa 3 Final da Entrevista sobre a Política Nacional de Energia</p> <p>1.4 Faixa 4 Entrevista sobre Adiantamento de 11 bilhões Feito pelo BB (Banco do Brasil) ao Estado</p> <p>2 Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 candidato Flexa Ribeiro, continuidade da revolução administrativa, PTB, PSD, Henrique Lott, candidatura legítima e legal, contra-revolução, farsa, volta ao passado, caminho para o futuro, general Golbery, “Revolução”, vitória do</p>	<p>F1: 50 min F2: 15 min F3: 30 min F4: 15 min</p>	<p><b>F1: 06/08/1965</b> <b>F2: 17/08/1965</b> <b>F3: 17/08/1965</b> <b>F4: [1965]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Entrevista na TV Rio sobre a Candidatura do Marechal Lott Lacerda fala que de um lado está o seu candidato, o professor Flexa Ribeiro, que daria continuidade à revolução administrativa iniciada em seu governo. Do outro lado estava o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), que iria lançar como candidato o marechal da reserva, Henrique Lott. Diz que o outro candidato não tinha relevância. Defende a escolha do PTB pelo Marechal Lott como candidato, porque considera a sua candidatura legítima e legal. Diz que teria todos os motivos para ser contra a candidatura de Lott, mas como não fecharam o PTB e o PSD (Partido Social Democrático) após a “Revolução”, não havia porque evitar que estes partidos tivessem candidatos. Lacerda diz que existia no Brasil uma contra-revolução em marcha, que deveria ter sido impedida antes, não naquele momento. Diz que a contra-revolução tinha começado quando o presidente montou seu ministério com pessoas que não eram ligadas à “Revolução”. Diz que não queria que a eleição fosse uma farsa, queria que o povo pudesse escolher entre a volta ao passado ou o caminho para o futuro. Diz que o candidato do PTB contava 74 anos, dentro de quatro anos teria 78 e que para ele já estava caduco havia muito tempo. Para Lacerda, Lott tinha os defeitos e as qualidades do seu partido. Considerava uma violência e uma estupidez tentar impedir a candidatura do Marechal, porque em algum momento o povo teria que escolher. Diz que não seria o general Golbery e seus aprendizes de</p>



governador da Guanabara, fortalecimento da candidatura, Negrão de Lima, Walter Moreira Salles, medo do povo, apelo à opinião pública, ao presidente, às Forças Armadas

#### 2.2 Faixa 2

Problema da energia, proposta do governo federal, CHEVAP, parecer anônimo, estatuto, ministro das Minas e Energia, escuridão da Guanabara. Light, vender a energia, dinheiro público.

#### 2.3 Faixa 3

CHEVAP, delimitação de área de exploração, resistência, Eletrobrás, contradição, regime de concessão, monopólio, eleições diretas, Flexa Ribeiro, Alim Pedro, trocar a candidatura

#### 2.4 Faixa 4

Compromissos com o estado da Guanabara, ministro da Fazenda, Banco do Brasil, 11 bilhões, inflação, deflação, empréstimo da Caixa Econômica Federal, Banco da Guanabara, títulos reajustáveis da União

espião português que iriam escolher pelo povo. Lacerda diz que a “Revolução” não fora um divisor de águas, por isso a eleição poderia tornar-se um divisor de águas, entre o que prestava e o que não prestava. Menciona que até então ninguém o ouvira sobre as eleições na Guanabara. Afiança que não tinha medo da candidatura de Lott, que queria batê-lo nas urnas. Explica que queriam evitar as eleições para presidente da República, e por isso queriam evitar a derrota de Lott, porque a sua derrota representaria a vitória do governador da Guanabara e o fortalecimento da sua candidatura à presidência. Diz que o general Lott não era comunista nem corrupto, mas estava senil e seria incapaz de governar, por isso seria derrotado nas urnas. Lacerda afirma que os brasileiros desejavam votar e votar livremente. Lacerda acha que o povo não desejava tutores ou interventores. O governador pede a civis e militares que não se deixassem levar pela manobra de impedir a candidatura de Lott. Salienta que não fizeram a revolução completa quando deram o golpe de estado. Mas que não se deveria discutir o passado. Defende que todos os partidos que não tinham sido fechados tinham o direito de lançar candidatos. Comenta que Lott não era um Negrão de Lima, não era um Walter Moreira Salles. Mas, impedir a sua candidatura seria demonstrar que o governo tinha medo do povo. Lacerda argumenta que se era para fugir do povo não se deveria ter convocado eleições. Diz que a candidatura de Lott era uma provocação, mas o desemprego causado pela política econômica do governo federal também poderia ser considerado uma provocação. Sustenta que a “Revolução” servia para vetar a candidatura de Lott, mas não servia para vetar a candidatura de Negrão de Lima, um trapo humano, que não poderia governar a Guanabara. Explica que queriam uma eleição falsa, contanto que ele fosse derrotado, mas a candidatura de Lott impedia esta farsa. Fala que aquele governo era como um outro qualquer, não era uma revolução. Conta que a ligação do governo com a “Revolução” era a mesma dele com a maçonaria ou com os Rosa Cruz. Faz um apelo à opinião pública, ao presidente, às Forças Armadas, que deixassem a Guanabara decidir entre duas candidaturas: Flexa Ribeiro com Danilo Nunes de um lado, o general Lott com não sei quem do outro. Lacerda lembra do candidato a vice da candidatura de Lott, Rubens Berardo, e afirma que se a revolução quisesse ele não seria candidato por causa das suas dívidas com o Banco do Brasil. Diz que tinham permitido que ele fosse candidato para que junto com Negrão de Lima derrotassem a sua candidatura.

#### Faixa 2

Entrevista no Palácio Guanabara sobre a Política Nacional de Energia  
Carlos Lacerda discorre sobre o problema da



energia na Guanabara e critica a proposta do governo federal de mudança da CHEVAP (Companhia Hidrelétrica do Vale do Paraíba). Lacerda diz que recebeu um estranho ofício do ministro das Minas e Energia, em que ele reiterava que a decisão de mudança da CHEVAP decorria da política nacional de energia e incorporava ao seu ofício um parecer anônimo, que ele considerava polêmico, injurioso e imbecil. Lacerda contesta o parecer do ofício enviado pelo ministro e defende que a CHEVAP fornecesse energia a uma área em desenvolvimento, que a Light não tinha interesse em fornecer. Diz que a Light não tinha interesse em fornecer energia para Santa Cruz, Campo Grande, Jacarepaguá. Lacerda menciona que estava devolvendo ao ministro o parecer, que considerava imbecil, mas como uma utilidade: provar que o ministro pretendia entregar a energia da CHEVAP à Light. Lacerda diz que iria distribuir cópia dos ofícios e que iria comparecer à assembleia da CHEVAP. Ele nega que a CHEVAP não tivesse estatuto como tinha afirmado o ministro das Minas e Energia. Ele alega que se não havia estatuto não poderia haver assembleia. Lacerda assinala que nada poderia fazer a respeito da escuridão da Guanabara. Afirma que o problema era da Light, contra a qual o governo do estado estava lutando. Garante que lutaria até o fim contra a entrega da energia da CHEVAP à Light. O governador afirma querer apenas que uma empresa pública, em que eram acionistas a União e os estados, tivesse o direito de vender a energia que ela havia gerado com o dinheiro público.

### *Faixa 3*

Final da Entrevista no Palácio Guanabara sobre a Política Nacional de Energia

Entrevista Coletiva do Governador Carlos Lacerda sobre Eletricidade na Guanabara

O repórter pergunta ao governador se ele iria propor na assembleia da CHEVAP a delimitação de área de exploração de energia elétrica. Lacerda responde que não poderia adiantar o que iria propor na assembleia, mas diz que iria resistir por todos os meios legais à tentativa de mudanças na CHEVAP. Lacerda afirma que a Eletrobrás estava entrando em contradição, porque havia afirmado que as mudanças na estrutura da CHEVAP não importavam em modificação do regime de concessão. Entretanto, naquele momento, a Eletrobrás defendia que a eletricidade só poderia ser vendida em caráter de monopólio. Lacerda adianta que a Light estava no terreno, então a Eletrobrás queria entregar o monopólio à Light. O governador conclui que a Eletrobrás existia para ampliar a área de monopólio da Light. O repórter pergunta qual seria a zona de distribuição da CHEVAP. Lacerda retruca que o governo não pretendia que a CHEVAP distribuísse energia,



			<p>apenas produzisse. A distribuição ficaria a cargo da Light. Diz que a Light já estava colocando postes no prolongamento da Avenida Brasil, onde ainda não tinha energia gerada pela CHEVAP, para garantir a sua ocupação na área. O repórter quer saber sobre a possibilidade de haver uma nova forma de governo no Brasil, em 1966. Lacerda responde que esta questão era matéria de desocupados da política. Ressalta que não era doutrinário e que acreditava que haveria eleições diretas naquele ano e no ano seguinte. O repórter pergunta sobre a possibilidade da UDN trocar a candidatura de Flexa Ribeiro pela do engenheiro Alim Pedro. Lacerda retruca que a candidatura de Flexa Ribeiro estava cada vez mais consolidada.</p> <p><i>Faixa 4</i> Entrevista sobre Adiantamento de 11 bilhões Feito pelo BB (Banco do Brasil) ao Estado Carlos Lacerda comenta que o governo federal estava enfrentando grandes dificuldades e por isso não poderia cumprir todos os compromissos com o estado da Guanabara. Porém, o ministro da Fazenda tinha conseguido que o Banco do Brasil adiantasse 11 bilhões da cota devida ao estado até o fim daquele ano, para utilização em obras federais na Guanabara. Lacerda espera que em setembro e outubro a situação do governo federal melhorasse e ele pudesse realizar o que tinha sido acordado no Congresso, ou seja, devolver aos estados uma parte do que lhes havia sido tomado pela inflação e pela deflação. O governador comenta que a situação do estado da Guanabara, apesar das dificuldades, era a melhor de todo o país. Agradece a atenção que o presidente da República tinha dado ao estado. Assinala que esperava receber o empréstimo da Caixa Econômica Federal, prometido no ano anterior. Lacerda elogia o Banco da Guanabara por sua contribuição para o desenvolvimento do estado e por ajudar o governo federal ao vender títulos reajustáveis da União. Pede que os possíveis compradores destes títulos dessem preferência ao BEG (Banco do Estado da Guanabara). O governador diz que a situação era melhor do que ele temia, embora não tão boa quanto ele desejaria. Considera que era a menor das dificuldades que tinha enfrentado nos quatro anos e oito meses de governo.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.153</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Entrevista do Governador Lacerda na Assembleia Legislativa, em São Paulo</p> <p>2. Temas</p>	<p>F1: 17 min</p>	<p><b>F1: 21/08/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Entrevista do Governador Lacerda na Assembleia Legislativa, em São Paulo Perguntam sobre os preparativos do governo estadual para a comemoração do Quarto Centenário da cidade do Rio de Janeiro. Lacerda responde que estava preparando a cidade para receber os visitantes, fazendo obras de água, esgoto. Menciona que esta era a obrigação do governo. O resto deveria ser feito por empresários, donos de hotéis. Lacerda promete fazer o maior</p>



<p>2.1 Faixa 1 Comemoração do Quarto Centenário, obras de água e esgoto, maior carnaval, política salarial do funcionalismo, salário móvel, arrecadação do estado, conclusão das obras da estrada que liga o Rio de Janeiro a São Paulo pelo litoral, túnel para Niterói, Juarez Távara</p>			<p>carnaval de todos os tempos. Perguntam sobre a política salarial do funcionalismo da Guanabara. Lacerda responde que os servidores recebiam um salário móvel, à medida que aumentava a arrecadação do estado, o salário dos servidores aumentaria. Se a arrecadação não aumentasse, o salário também não aumentaria. Perguntam sobre a conclusão das obras da estrada que liga o Rio de Janeiro a São Paulo pelo litoral. Lacerda diz que iria ser uma das estradas mais bonitas do mundo. Afirma que a estrada estava quase pronta, faltando apenas dois túneis serem construídos. Perguntam sobre o túnel para Niterói. Ele retruca que esta era uma obra do governo federal, e que o estado não tinha dinheiro para construir nem túnel, nem ponte, mas que pretendia reunir-se com o ministro Juarez Távara e com o governador do estado do Rio de Janeiro para tratar do assunto.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.154</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Gravação com defeito Inauguração da Escola Halfeld, em Campo Grande</p> <p>2.2 Faixa 2 Inauguração da Escola Oswaldo Goeldi, em Guadalupe</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Construção de 54 escolas, elogios a Dom Meinrado e Halfeld, Miécimo da Silva elogia o governador, Flexa Ribeiro e a Administração Regional de Campo Grande, convicções democráticas, educação, cumprimento da Constituição, artigo estava há 16 anos parado, auxílio da indústria e do comércio e da Fundação Otávio Mangabeira, progressos na área de educação</p> <p>2.2 Faixa 2 Posto policial, iluminação pública, inauguração de cinco escolas, importância que a administração dava à educação, educação obrigatória, sobra de 18 mil vagas, capital cultural do país, elogio a Oswaldo Goeldi</p>	<p>F1: 40 min F2: 18 min</p>	<p><b>F1: 30/04/1963</b> <b>F2: 30/04/1963</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Gravação com defeito Inauguração da Escola Halfeld e Dom Meinrado, em Campo Grande Discursos de Mário Renato Guaranis, Miécimo da Silva, Inácio Halfeld, Carlos Lacerda O administrador regional engenheiro Mário Renato Guaranis fala que o governador tinha estado em Campo Grande havia 15 dias, mas naquele dia, data do aniversário do governador, era que seriam inauguradas as duas escolas, já em funcionamento. Assinala que com estas duas, a Fundação Otávio Mangabeira entregava 54 escolas ao estado da Guanabara. Em relação aos nomes escolhidos para as escolas, diz-se feliz com a escolha dos homenageados. A primeira escola com o nome de Dom Meinrado, seu reitor quando estudava no Colégio São Bento, e a outra com o nome de Halfeld, que foi o engenheiro contratado por D. Pedro II para estudos no Rio São Francisco e foi também o fundador de Juiz de Fora. O deputado Miécimo da Silva dá os parabéns ao governador por seu aniversário, em nome dos moradores de Campo Grande. Elogia o governador, seu secretário de Educação, Flexa Ribeiro, e a Fundação Otávio Mangabeira pela inauguração de escolas. Elogia também a Administração Regional de Campo Grande. Recita um poema em homenagem ao governador Carlos Lacerda. O vereador de Juiz de Fora, Inácio Halfeld conta que o povo de Minas Gerais estava atento ao comportamento do governador, afirma que Lacerda era, naquele momento, o líder incontestado da defesa das convicções democráticas do povo brasileiro. Agradece a homenagem feita ao fundador da cidade de Juiz de Fora, seu bisavô, que era engenheiro, enquanto ele só possuía o primeiro ano primário. Diz que o seu estado não tinha tido a felicidade que naquele tempo tinham as crianças da Guanabara, ou seja, um governador que se preocupasse com a educação. O governador Carlos Lacerda assinala a alegria que</p>



			<p>compartilhava com o secretário de Educação e com o presidente da FOM pela inauguração de escolas em Campo Grande. Comenta que o estado da Guanabara estava cumprindo a Constituição, que tinha um artigo em que determinava que toda empresa com mais de 100 funcionários seria responsável por prover a educação primária dos filhos dos seus empregados. Conta que este artigo estava há 16 anos parado sem ser cumprido. Por isso, ao colocar em prática este artigo da Constituição, o governo da Guanabara tinha podido contar com o auxílio da indústria e do comércio e a Fundação Otávio Mangabeira havia começado a construir escolas. Lacerda discorre sobre os progressos na área de educação realizados no seu governo.</p> <p><i>Faixa 2</i> Inauguração da Escola Oswaldo Goeldi, em Guadalupe Discursos de Henrique da Silva e Flexa Ribeiro O sargento Henrique da Silva fala em nome dos moradores de Guadalupe. Agradece a inauguração da escola e pede um posto policial para o bairro, iluminação pública para todas as ruas e calçamento da rua Luis Coutinho Cavalcanti. O secretário de Educação, Flexa Ribeiro, diz que aquele era um dia especial, porque o governo do estado estava inaugurando cinco escolas. Para Flexa Ribeiro isto demonstrava a importância que a administração da Guanabara dava à educação. Comenta que a Guanabara era o único estado do Brasil que garantia a educação obrigatória para todos. Flexa Ribeiro afirma que a educação obrigatória para todos a partir dos 7 anos era uma regra em todos os países desenvolvidos. Ele afirma que a educação era fundamental para o Brasil avançar e não ficar para trás na corrida mundial do progresso. Acredita que a situação tinha mudado muito desde que Lacerda assumira o governo, há dois anos e meio. Antes não havia vaga para todas as crianças na Guanabara, enquanto já então sobravam 18 mil vagas. Para Flexa Ribeiro o investimento em educação contribuía para tornar o Rio de Janeiro capital cultural do país. Flexa Ribeiro fala sobre Oswaldo Goeldi, que que não seria esquecido, por ter sido o maior gravador que o Brasil já havia tido. Diz que as suas obras continuariam a despertar emoções naquela e nas futuras gerações.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.155</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Carlos Lacerda Faz Discurso em São José dos Campos – SP</p> <p>1.2 Faixa 2 Carlos Lacerda Faz Discurso em</p>	<p>F1: 60 min F2: 60 min</p>	<p><b>F1: [1963]</b> <b>F2: [1962]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Carlos Lacerda faz Discurso em São José dos Campos - SP Lacerda se diz perseguido e odiado, mas garante que não odiava ninguém. Mas afirma que quem o odiava, não amava o que ele amava e não fazia o que ele fazia, porque se fizesse, não o odiaria e daria razão a ele. Lacerda discorre sobre a diferença entre o urubu e o corvo e diz que o urubu prestava um serviço, porque impedia que a carniça</p>



Pindamonhangaba

## 2. Temas

### 2.1 Faixa 1

Perseguido e odiado, diferença entre urubu e corvo, virtudes do urubu, falta de democracia na União Soviética, reforma agrária soviética, comunistas retrógrados, conversa com Fidel Castro, reforma da Constituição, indenização dos donos de terras, Goulart e a influência soviética

### 2.2 Faixa 2

Elogio ao governo de Carlos Lacerda, defesa da democracia, erros no passado, chamado de destruidor, próximo do povo, acabar com o déficit de matrículas, 15 mil vagas, administrar bem os recursos, nome de parentes nas escolas, casas populares, moradores das favelas

apodrecesse. Comenta que algumas pessoas não conheciam as virtudes do urubu. Lacerda acrescenta que era corvo, não urubu, e com orgulho. Critica a falta de democracia na União Soviética e a reforma agrária soviética. Destaca que os comunistas criticavam o que o capitalismo tinha de bom, a liberdade. Acusa os comunistas de serem retrógrados. Menciona que tinha conversado com Fidel Castro e que ele inicialmente havia rejeitado o apoio dos comunistas e disse que sabia que os comunistas tinham apoiado Batista até a véspera da Revolução. Disse também que tinha o apoio do povo cubano e que não queria que os comunistas se infiltrassem no seu governo e roubassem o apoio do povo. Lacerda conta que Fidel Castro dizia que queria apenas fazer a reforma agrária, mas depois admitira que era comunista. Lacerda alerta que o mesmo poderia acontecer no Brasil, quando diziam que era preciso reformar a Constituição para fazer a reforma agrária. Lacerda afirma que este era apenas um pretexto para implantar o comunismo no país. Afirma que seria possível fazer a reforma agrária sem modificar a Constituição. Lacerda contesta o argumento do governo de que seria necessário mudar a forma de indenização dos donos de terras cujas propriedades seriam desapropriadas para a reforma agrária. Ele afirma que o governo gastaria mais dinheiro com a sua solução de emitir títulos do que pagando as indenizações em dinheiro. Argumenta que o governo precisaria pagar juros sobre os títulos, além de compensar a desvalorização da moeda, o que resultaria em um valor maior do que a indenização em dinheiro. Lacerda considera que o presidente deveria terminar o seu mandato, que os seus adversários não queriam fazer uma revolução. Mas diz que o presidente deveria decidir-se entre se afastar dos comunistas ou ser afastado do governo pelo Congresso, legalmente. Lacerda diz que Goulart deveria se afastar da influência soviética.

### *Faixa 2*

Carlos Lacerda Faz Discurso em Pindamonhangaba

Um orador não identificado elogia o governo de Carlos Lacerda e afirma estar a seu lado no combate ao comunismo e na defesa da democracia. O governador Carlos Lacerda responde que havia cometido muitos erros no passado, alguns por seu temperamento, outros por injustiça de conduta em julgamentos, mas que poderia ser redimido, porque não faltou quando tantos começaram a se calar e diz que falaria enquanto estivesse vivo para evitar que a nação se desesperasse quando mais precisava ter esperança. Menciona que tinha sido, durante anos, chamado de destruidor e que poucos haviam sido tão perseguidos quanto ele. Mas, assinala que quanto mais o perseguiram, mais ele se fortalecia. Diz que



			seus adversários eram obrigados a falar o contrário do que ele falava, a fazer o contrário do que ele fazia. Como ele estava cada vez mais próximo do povo, seus adversários estavam cada vez mais longe do povo. Acrescenta que já poderia dizer, depois de 20 anos de oposição, que havia mostrado, em dois anos e meio de governo, que sabia colocar em prática os seus planos. Acredita que a melhor propaganda do seu governo era o testemunho dos brasileiros que lá viviam e dos turistas que visitavam a Guanabara. Lacerda fala que, em dois anos e meio de governo, tinha conseguido acabar com o déficit de matrículas nas escolas do estado e que ainda sobravam 15 mil vagas. Destaca que o seu governo não fazia milagres, apenas administrava bem os recursos que tinha. Lacerda comemora as realizações do seu governo na área da educação. Critica os governantes anteriores por darem o nome de parentes a escolas do estado. Conta que ficou espantado ao saber que nenhuma escola da Guanabara tinha o nome de Pedro Álvares Cabral e que logo corrigiu esta distorção. Acentua que a maior glória que poderia ambicionar seria ser escolhido para dar nome a uma escola, mas que isso deveria ser decidido pelo povo. Fala também sobre as casas populares que tinham sido construídas para abrigar os moradores que saíram voluntariamente de algumas favelas para comprarem casas a baixo custo. Menciona que tinha orgulho de nenhum morador de favela ter sido despejado pela polícia em seu governo. Ele afirma que os moradores das favelas que não tinham podido ser removidas receberam melhorias em suas áreas.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.156</b>	F1: 30min F2: 13min		<i>Faixa 1</i> Execução de músicas  <i>Faixa 2</i> Execução de músicas
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.157</b>			Não existe
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.158</b>			Não existe
1. Assunto  1.1 Faixa 1 Programa Falando Francamente – TV Tupi  1.2 Faixa 2 Inauguração de Agência do BEG em Bento Ribeiro  1.3 Faixa 3 Inauguração da Praça Xavier de Brito - Tijuca			
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.159</b>	F1: 31 min	<b>F1: 29/05/1965</b>	<i>Faixa 1</i> Conferência do Governador Carlos Lacerda na Faculdade de Direito de Pelotas Carlos Lacerda considera que a inteligência
1. Assunto			



<p>1.1 Faixa 1 Conferência do Governador Carlos Lacerda, na Faculdade de Direito de Pelotas</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Missão da universidade era ensinar a pensar, falta de originalidade, Universidade do Brasil, ilustração dos espíritos, progresso investimento em pesquisa, dependência da tecnologia estrangeira, cursos de humanas X ciências exatas, ensino contaminado pela ideologia, academicismo, JK/presidente mais reacionário, produtividade, crítica à redução da jornada de trabalho e à aposentadoria prematura, ajuda estrangeira, atraso cultural, economia política</p>			<p>brasileira estava mergulhada em uma crise, que as elites brasileiras tinham perdido o hábito de pensar. Acha que uma das missões da universidade era ensinar a pensar e que a falta de universidades no Brasil levava o país a ser superficial e com falta de originalidade. A inexistência de pesquisa, a desvinculação das universidades com o ritmo e as necessidades da sociedade brasileira, seriam problemas enfrentados pelas universidades no Brasil. Lacerda acredita que a Universidade do Brasil talvez fosse a pior de todas, primeiro por estar dividida em quatro ou cinco prédios, o que dificultava a troca de experiências entre professores e alunos. Assegura que a universidade só havia contribuído, no Brasil, para a ilustração dos espíritos, não para o progresso do país, porque não havia investimento em pesquisa, então o Brasil ficava dependente da tecnologia desenvolvida no exterior. Lamenta que se formassem mais alunos nos cursos de humanas do que nos de ciências exatas. Lacerda critica tanto o ensino brasileiro contaminado pela ideologia, quanto pelo academicismo. Ele afirma que desenvolvimento significava aumento da renda nacional, mas que se deveria buscar a divisão desta riqueza entre a população, diferentemente do que acontecera no governo de JK. Lacerda diz que JK foi o presidente mais reacionário do Brasil, por não se preocupar com o povo. Comenta que a maior meta do Brasil deveria ser o aumento da produtividade, ao contrário do que estava acontecendo. Lacerda critica as propostas de redução da jornada de trabalho e estabelecimento de aposentadoria prematura. Assegura que a ajuda estrangeira era importante, mas deveria ser suplementar, pois o maior esforço deveria ser feito pelos brasileiros. Acha que o academicismo era uma forma sutil de atraso cultural. Diz que naqueles anos tinha ocorrido a substituição da retórica dos bacharéis pela retórica dos mandarins da economia, dando a impressão de que só os que se formavam em economia poderiam falar de economia política. Lacerda sustenta que nas universidades os professores não davam aulas e os alunos não iam às aulas.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.160</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1.1 Faixa 1a Final da Entrevista a Rádio e TV Continental</p> <p>1.1.2 Faixa 1b Discurso de Carlos Lacerda</p> <p>1.2 Faixa 2 Entrevista de Carlos Lacerda</p> <p>2. Temas</p>	<p>F1: 35 min F2: 35 min</p>	<p><b>F1: 02/21/1962</b></p>	<p><i>Faixa 1a</i> Final da Entrevista a Rádio e TV Continental Perguntam a Carlos Lacerda quais as providências que ele tomaria para conter a onda de assaltos na cidade. Lacerda responde que aumentaria o efetivo da polícia e melhoraria o seu material, quando fosse aprovada a criação da Secretaria de Segurança, em votação na assembleia, e os créditos destinados a ela que também estavam em votação. Afirma que a polícia fora transferida para o estado da Guanabara em situação de decomposição. Explica que o corpo de bombeiros também não tinha condições adequadas de atender à população. Mas, promete que a situação iria melhorar até junho daquele ano. Lacerda comenta</p>



### 2.1.1 Faixa 1a

Onda de assaltos, criação da Secretaria de Segurança, situação de decomposição, corpo de bombeiros, buracos e polícia, falta d'água e falta de escolas, vitória de Elói Dutra, campanha à presidência

### 2.1.2 Faixa 1b

Crítica ao ISEB, ao plebiscito e à política externa, credibilidade, Caixa Econômica Federal, empréstimos com motivações políticas.

### 2.2 Faixa 2

Primeira usina de lixo, projeto do metrô, inflação, custo da obra, relações econômicas Brasil/França/Itália/Alemanha Federal, regularização da situação econômica, ajuda ao Brasil, falta de seriedade, empréstimo da Alemanha, falta de capital, guerra, política de molecagem

que falavam muito sobre buracos e polícia, porque não havia reclamações sobre falta d'água e falta de escolas. Afirma que a dos grandes ladrões estimulava a ação dos pequenos ladrões. Querem saber se a candidatura de Lacerda à presidência havia se enfraquecido com a vitória de Elói Dutra. Lacerda afirma que ainda não havia chegado à conclusão se deveria ser candidato. Diz que iria buscar um candidato melhor do que ele, mas se achasse que o país iria cair nas mãos dos que o tinham levado àquela situação, daria a vida para evitar que isso acontecesse, iria do Acre ao Rio Grande do Sul para fazer campanha. Afirma que a vitória de Elói Dutra não interferia na sua candidatura. Acrescenta que seguia duas regras na política: fazer o oposto do que o seu adversário esperava e nunca fazer ou não fazer alguma coisa porque o seu adversário queria ou não queria que ele fizesse.

#### *Faixa 1b*

Discurso de Carlos Lacerda

Lacerda critica o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) ligado ao Ministério da Educação, por ter publicado um artigo com o nome: "Porque votar contra o parlamentarismo no plebiscito". Assinala que o governo não deveria gastar dinheiro com campanha sobre o plebiscito. Critica a política externa do Brasil, dizendo que o país estava perdendo a credibilidade no exterior. Acusa a Caixa Econômica Federal de só fazer empréstimos com motivações políticas.

#### *Faixa 2*

Entrevista de Carlos Lacerda

O repórter pergunta sobre a nova pintura do Palácio, de cor branca. Lacerda responde que não tinha tido nenhum motivo especial para a escolha da cor branca. Considera que uma vantagem da cor branca era dar a aparência de que o palácio era maior. Lamenta que a fachada fosse feia, que parecesse um bolo de noiva. Perguntam sobre a viagem de Lacerda à Europa e sobre a posição do Brasil a respeito dos últimos acontecimentos internacionais. Lacerda responde que na França havia fechado as negociações para a construção da primeira usina do lixo na Guanabara. Diz que a construção iria começar em 1963. Na França também se discutira o projeto do metrô. Argumenta que, com a inflação, seria difícil calcular o custo da obra, mas estimava que fosse custar em torno de 60 milhões de dólares. Ressalta que seria preciso restabelecer as relações econômicas do Brasil com a França, com a Itália e com a Alemanha Federal. Lamenta que o Brasil ainda não respondera às solicitações do governo francês para a regularização da situação econômica entre os dois países. Cita a Argentina que conseguira resolver a situação em uma semana. Diz que na Alemanha tinha encontrado



			<p>uma boa vontade do governo alemão em ajudar o Brasil, mas também uma decepção com a falta de seriedade do governo brasileiro. Assegura que a Guanabara pretendia utilizar o empréstimo da Alemanha para reformar os hospitais. Lacerda comenta que havia um impasse, porque os alemães queriam que os seus navios transportassem a mercadoria comprada com o empréstimo, e o governo brasileiro queria que os seus navios fizessem o transporte. Lacerda salienta que na Itália a boa vontade também era enorme, porém, existia a preocupação com a inflação brasileira e com a falta de capital, essenciais para o desenvolvimento do país. Diz que os estrangeiros procuravam respostas para explicar a crise no Brasil. Lacerda assinala que era muito fácil botar a culpa dos problemas do Brasil nos Estados Unidos. Destaca que os EUA tinham percebido que a Rússia estava blefando, que o governo russo não tinha condições de sustentar uma guerra. Por isso, havia recuado após ser pressionado pelos EUA. Comenta que o mundo inteiro sabia disso, menos o Brasil, que fazia um papelão. Lacerda diz que o Brasil estava fazendo uma política de molecagem.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.161</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Palestra do Governador sobre Suzane Labin</p> <p>1,2 Faixa 2 Cerimônia Comemorativa do Aniversário do Instituto de Educação</p> <p>1.3 Faixa 3 Entrevista de Fim de Ano</p> <p>1.4 Faixa 4 Continuação da Entrevista</p> <p>1.5 Faixa 5 Carlos Lacerda Lê o Manifesto do Golpe de 1964 Mesmo Conteúdo da Fita 2, Faixa 2</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Infiltração comunista na imprensa nas universidades escolas, nas igrejas, seminários mosteiros budistas, países asiáticos, Lênin, consolidação do comunismo, salvar o país da ameaça</p>	<p>F1: 14 min F2: 15 min F3: 6 min F4: 15 min F5: 12 min</p>	<p><b>F1: 02/07/1963</b> <b>F2: [1963]</b> <b>F3: 30/12/1963</b> <b>F4: 30/12/1963</b> <b>F5: [1964]</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Palestra do Governador sobre Suzane Labin A publicação demonstra a infiltração comunista de Moscou na imprensa, nas universidades, nas escolas, nas igrejas, etc. O livro foi escrito por uma francesa, Suzane Labin, e lançado na Europa havia dois anos. A escritora afirma que a infiltração soviética nas redações de jornais ocorria no mundo inteiro, independente da posição ideológica do jornal. Segundo a autora do livro, as áreas dos jornais que mais recebiam influência comunista eram a internacional, a de livros e a de cinema. A crítica dessas partes do jornal levavam os leitores a ler ou ver as obras que favoreciam a linha soviética e desprezar as que desfavoreciam esta linha. A autora relata a infiltração em seminários na França e em mosteiros budistas na Mongólia e em outros países asiáticos. Cita Lênin, que defendia a importância da infiltração para a consolidação do comunismo. Lacerda relata como os comunistas se comportavam em assembleias para dominá-las, mesmo estando em minoria. Conta que estava traduzindo o livro e que o publicaria no Brasil, em poucos dias. Lacerda continua a falar sobre o livro. Assinala que estava lendo o livro para que os brasileiros fossem avisados e pudessem salvar o país da ameaça comunista.</p> <p><i>Faixa 2</i> Cerimônia Comemorativa do Aniversário do Instituto de Educação Carlos Lacerda promete que até o fim daquele ano inauguraria 80 escolas primárias no estado para que as professoras pudessem ensinar. Comenta</p>



<p>comunista</p> <p>2.2 Faixa 2 Inauguração de 80 escolas primárias, vagas nos ginásios estaduais, concurso para professor, Instituto de Educação, renovação do mobiliário, Escola Normal Azevedo Amaral, empréstimo do governo americano, problemas burocráticos, Aliança para o Progresso. terceiro turno, escolas para os pobres</p> <p>2.3 Faixa 3 Mudança para melhor, Vila Aliança, campanha sistemática no Pasmado, comunistas, remoção de favelas, presente de Ano Novo</p> <p>2.4 Faixa 4 Visita a Bangu, favelados removidos, preguiça dos jornalistas, Faculdade de Filosofia, protestos de comunistas, perspectivas para 1964, equipe de trabalho</p> <p>2.5 Faixa 5 Manifesto de Arthur da Costa e Silva, Humberto de Alencar Castelo Branco e Décio Palmeiro Escobar, aproximação de Goulart com comunistas, ameaça às Forças Armadas, democracia versus comunistas</p>		<p>que, em 1964, o estado estaria oferecendo 22.000 vagas para os ginásios estaduais. Em relação ao ensino normal, o governador promete fazer um novo concurso para professor do Instituto de Educação. Lacerda diz que tinha aumentado o número de vagas para o instituto e garante que em 1964 terminaria as obras no instituto e também renovaria o mobiliário da instituição. O governador diz que construiria um novo edifício para a Escola Normal Azevedo Amaral, na Gávea. Assinala que contava com um empréstimo do governo americano para a construção de 1.500 salas de aula na Guanabara e faz um apelo para que o governo federal resolvesse os problemas burocráticos que impediam o estado da Guanabara de receber o empréstimo da Aliança para o Progresso. Lacerda afirma que com este empréstimo iria poder acabar com o terceiro turno nas escolas estaduais e, em alguns casos, até com o segundo turno. Lacerda lembra que era obrigatório que todas as crianças da Guanabara fossem à escola. Elogia a juventude do estado da Guanabara, que trazia um sopro de esperança à sociedade. Defende a revolução pela escola, afirmando que esta era a reforma de base que deveria ser feita. Sustenta que um governo honrado fazia escolas para os pobres.</p> <p><i>Faixa 3</i> Fita com Defeito no Início/ Entrevista com Carlos Lacerda O repórter comenta que alguns favelados estavam saindo espontaneamente da Favela do Pasmado, enquanto outros não queriam sair. Pergunta, então, o que o governador pretendia fazer com esses moradores que não queriam sair. Lacerda menciona que os comunistas estavam fazendo uma campanha sistemática no Pasmado, para os moradores não saírem. Fala que um dos comunistas era um professor do estado que tinha sido demitido por dar aula contra a Constituição, contra as instituições democráticas. Lacerda assegura que ele espalhava boatos como o de que a Vila Aliança não existia, que o governo iria separar os homens das mulheres. Acrescenta que os insatisfeitos iriam acabar saindo, quando a maioria já tivesse saído. Garante que o governo não iria tirar nenhum morador à força, e que a mudança seria para melhor. Lacerda conta que não dava importância à reclamação do que ele chamava de pequena minoria, que reclamava que a Vila Aliança era longe. Assinala que a remoção era um presente de Ano Novo para os moradores do Pasmado e para toda a cidade.</p> <p><i>Faixa 4</i> Continuação da Entrevista Sandra Cavalcanti fala sobre a sua visita a Bangu, onde estavam os favelados removidos, que pareciam felizes em suas novas casas. Carlos</p>
---	--	--



			<p>Lacerda pede que os jornalistas investigassem antes de publicar as notícias, porque eles estavam escrevendo o que os comunistas queriam. Critica a preguiça dos jornalistas. Lacerda garante que iria à Faculdade de Filosofia, mesmo que houvesse protestos de comunistas. O repórter pergunta sobre as perspectivas para 1964. Lacerda lamenta a possibilidade de perder os vetos do orçamento na Assembleia Legislativa, o que, de acordo com ele, seria uma tragédia. Entretanto, diz que isto não iria derrubá-lo, porque ele tinha o pulo do gato. Apresenta a sua equipe de trabalho no Palácio Guanabara.</p> <p><i>Faixa 5</i> Carlos Lacerda Lê o Manifesto do Golpe de 1964 Mesmo Conteúdo da Fita 2, Faixa 2 O governador Carlos Lacerda faz a leitura do manifesto escrito pelos generais Arthur da Costa e Silva, Humberto de Alencar Castelo Branco e Décio Palmeiro Escobar. O manifesto propaga que a aproximação do presidente João Goulart com notórios comunistas punha em risco a democracia no Brasil e acusa o presidente de pressionar o Congresso e de levar o Brasil ao caos econômico e social. Difunde que a liberdade estava ameaçada e que quando se subvertia a democracia, as Forças Armadas eram destruídas. Veicula que as Forças Armadas deveriam proteger a pátria, garantir os poderes constitucionais, a lei e a ordem e por isso deveria ser dado um basta às manobras desagregadoras e subversivas. Os manifestantes conclamam a todos os camaradas do Exército brasileiro a cerrar fileiras em nome da segurança nacional, para a salvaguarda das Forças Armadas, gravemente ameaçadas. O manifesto se estende à Marinha, à Aeronáutica e às Forças Auxiliares estaduais. Prometem restaurar a legalidade e garantir a democracia. Conclamam todos a se unirem em defesa do Brasil. Carlos Lacerda se diz orgulhoso de ter lido este documento. Acusa a rádio Mairink Veiga de provocar o povo e diz que ela deveria parar de fazer isso. Pede a todos que confiem nas Forças Armadas, que eram a garantia de liberdade. Diz que no Brasil não havia lugar para os comunistas e para os cúmplices dos comunistas.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.162</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1.1 Faixa 1a Entrevista ao Jornal <i>A Ordem</i> de Natal – RN – Palácio Guanabara</p> <p>1.1.2 Faixa 1b Entrevista com Carlos Lacerda</p> <p>1.2.1 Faixa 2a Discurso de Carlos Lacerda</p>	<p>F1:33 min F2: 10 min F3: 20 min</p>	<p><b>F1: 18/05/ 1963</b></p>	<p><i>Faixa 1a</i> Entrevista ao Jornal <i>A Ordem</i> de Natal – RN – Palácio Guanabara O repórter pergunta como Lacerda via a atuação da Igreja no campo social. Lacerda responde que via com muitos bons olhos, mas que a Igreja não deveria se esquecer de que a sua função principal era espiritual: casar, batizar, confessar. Ressalta que a Igreja não deveria substituir os partidos. O repórter questiona Lacerda sobre os sindicatos rurais. Lacerda manifesta a sua opinião de que em tese seria uma boa ideia. Entretanto, afirma que o grande problema dos sindicatos era libertar-se do</p>



## 1.2.2 Faixa 2b

Entrevista do Governador Carlos Lacerda

## 1.3 Faixa 3

Entrevista com o Governador Carlos Lacerda

## 2. Temas

## 2.1.1 Faixa 1a

Atuação da Igreja no campo social, função espiritual, sindicatos rurais, libertar-se do Ministério do Trabalho, desenvolvimento harmônico da economia nordestina, SUDENE, iniciativa privada

## 2.1.2 Faixa 1b

Construção do metrô, entendimentos obras em abril de 1963, situação de Berlim, usina termoeletrica na Polônia, propaganda do plebiscito, dinheiro, orgia de publicidade, ameaça totalitária, nazismo, combate ao comunismo, muro, luta pela liberdade, crítica a Hermes Lima, asilo

## 2.1.1 Faixa 2a

Greve ilegal, funcionários ferroviários, 13º salário, greve de jornalistas, conspiração comunista, prisão, cabeças da greve

## 2.1.2 Faixa 2b

Morte de mendigos, Rio da Guarda, acusações, crítica à situação da polícia e do sistema penitenciário brasileiro

## 2.3 Faixa 3

PTB, trabalho da mulher, família, amor, ódio, vendido a varejo

Ministério do Trabalho. Para isso, as eleições dos sindicatos deveriam ficar sob a autoridade da Justiça do Trabalho e não do Ministério do Trabalho. O repórter pergunta sobre o que deveria ser feito para que houvesse um desenvolvimento harmônico da economia nordestina. Lacerda destaca que seria importante a atuação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), mas critica o órgão por não empregar os recursos de que dispunha na realização de projetos em benefício dos estados nordestinos. O repórter quer saber quando Lacerda voltaria ao Nordeste. Lacerda responde que ainda não sabia, mas que já conhecia bem os estados do Nordeste. Sustenta que mesmo no Nordeste, o que importava mais era a iniciativa privada, mesmo que na região nordestina o Estado tivesse de ir além do que ia na região Sudeste, por exemplo.

*Faixa 1b*

Entrevista com Carlos Lacerda

O repórter pergunta se em sua viagem o governador tinha conseguido garantir a construção do metrô. Lacerda retruca que dependia dos entendimentos entre o governo da França e o governo brasileiro. Conta que se tudo desse certo, as obras começariam em abril de 1963. O repórter pede que Lacerda relate a situação atual de Berlim. Lacerda responde que já tinha tratado deste assunto e que acabara de saber que o primeiro ministro, Hermes Lima, estaria presente na emissora para comentar as declarações que ele tinha dado a outra emissora. Por essa razão, aproveitaria para fazer uma pergunta a Hermes Lima: Por que o governo brasileiro havia comprado sem concorrência uma usina termoeletrica na Polônia? Lacerda reclama que estavam querendo intrigá-lo com um jovem homem de negócios que se incumbira de convidar agências de publicidade para fazer propaganda do plebiscito. Lacerda questiona de onde viera o dinheiro para esta orgia de publicidade. O repórter volta a fazer a pergunta sobre Berlim. Lacerda se desculpa por ter falado antes da situação do Brasil, mas considera que seria importante a população conhecesse a situação de Berlim, para que isto não acontecesse no Brasil. Acredita que nada simbolizava melhor a ameaça que pairava sobre as nações do que a ameaça totalitária. Lacerda defende que quem tinha lutado contra o nazismo precisaria combater o comunismo. Lacerda diz que o muro havia separado a cidade entre uma parte que tinha liberdade e outra que não tinha. O repórter pergunta sobre a intenção de fazer no Rio de Janeiro um muro da vergonha. Lacerda responde que pretendia fazer um monumento, mesmo que não fosse grande, para demonstrar a importância da luta pela liberdade. Critica o primeiro ministro, Hermes Lima que, como ministro do Exterior não podia ter expulsado do



país um jovem advogado cubano que representava, no Brasil, o diretório contra Fidel Castro. Para Lacerda esta expulsão contrariava a tradição brasileira de conceder asilo. Critica a proteção dada no país aos comunistas.

*Faixa 2a*

Discurso de Carlos Lacerda

Carlos Lacerda sustenta que haveria uma nova greve ilegal dos funcionários ferroviários, com o pretexto de conseguir o 13º salário. Menciona que era pretexto, porque o 13º salário ainda não fora regulamentado pelo presidente. Lacerda diz que não houve greve de bancários, apenas algumas agências do Banco do Brasil não haviam funcionado. Ele conta que estava sendo planejada também uma greve de jornalistas, o que significaria prejuízo para toda a população. Acredita que a greve estava a serviço da conspiração comunista e negociada contra o Brasil. Mas, afirma que tinha tudo na mão para efetuar a prisão dos cabeças da greve. Entretanto, não efetuaria as prisões, porque sabia que tudo isso visava a provocar um choque entre as forças da ordem e da lei da Guanabara e o Primeiro Exército, com sede neste estado. Lacerda responsabiliza o presidente da República por todos os prejuízos que poderiam ser causados pela greve.

*Faixa 2b*

Discurso do Governador Carlos Lacerda

Lacerda se defende da acusação de que fora responsável pela morte de mendigos no Rio da Guarda. Explica que a sua polícia estava apurando a ligação com os assassinos. Acusa os deputados Rubens Macedo e Armando Fonseca de escreverem bilhetes para os assassinos. Ressalta que não iria aceitar as acusações caladas. Critica a situação da polícia e do sistema penitenciário brasileiro. Agradece a oportunidade que tivera de fazer este pronunciamento. Pede desculpas por não ter tido tempo de abordar todos os assuntos de interesse da população.

*Faixa 3*

Entrevista com o Governador Carlos Lacerda

O repórter pergunta qual seria a atitude de Lacerda se o seu neto se filiasse ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Lacerda responde que esperava que quando o seu neto tivesse idade para se filiar a um partido, o PTB fosse um partido em que ele pudesse entrar. O repórter quer saber se Lacerda achava que a mulher deveria trabalhar fora de casa. Ele responde que o ideal seria que as mulheres não tivessem de trabalhar, mas reconhece que no mundo moderno a mulher precisava ter um emprego. Inclusive algumas profissões seriam melhor exercidas por mulheres, segundo o governador. Lacerda destaca, entretanto, que ninguém cuidava melhor da família



			do que as mulheres. O repórter pergunta se o governador se considerava um homem justo e bem amado. Lacerda responde que o homem público não tinha o direito de ser mole com o dinheiro alheio, por isso tinha fama de ser duro. Ele diz que não tinha compaixão por políticos que não trabalhavam. Acredita que as mulheres tinham um senso de justiça melhor que o dos homens. Faz elogios às mulheres. Perguntam como o governador definiria o amor, já que segundo dizem, ele vivia de ódio. Lacerda retruca que não sabia bem o que era ter ódio, mas que não distribuía amor a quem não o merecesse. Comenta que o amor era um sentimento muito sério para ser vendido a varejo.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.163</b>	F1: 4 min F2: 3 min F3: 15 min F4: 10 min F5: 32 min	<b>F1: [1964]</b> <b>F2: 07/05/1964</b> <b>F3: 01/04/1964</b> <b>F4: 04/04/1964</b> <b>F5: 04/04/1964</b>	<i>Faixa 1</i> Continuação da Entrevista do Canal 6 – TV Tupi Lacerda critica a Bossa Nova, embora ressalte que havia alguns cantores e compositores muito bons. O repórter agradece ao governador por ter concedido a entrevista no Palácio Guanabara.  <i>Faixa 2</i> Pronunciamento do Governador Lacerda sobre a Tentativa de Invasão do Palácio Guanabara pelos Fuzileiros Navais. Palácio Guanabara “Vem brasileiro fuzileiro, confraterniza conosco, estende-nos a sua mão, que nós lhe estenderemos a nossa, honrada como a sua, digna como a sua. Não se aproxime, não te queremos matar, mas estamos prontos para repelir os que aqui te mandaram. E se tu atirares, morrerás também, e creio que morrerás primeiro. Não queremos matar, mas não estamos dispostos a morrer na hora da vitória. O general Krueel está chegando ao Rio de Janeiro com as tropas do 2º Exército. O governador comunista Arraes, de Pernambuco, já está preso, entregue ao 4º Exército, sob o comando de Justino Alves Bastos, o grande general do Nordeste. Neste momento, se matares alguém aqui, não terás para onde fugir, fuzileiro do Brasil. Cuidado, porque os que te mandam matar, já estão com a viagem marcada para gozar o seu dinheiro roubado e depositado nos bancos de Nova York e da Suíça. Não mata para saciar a cobiça dos ladrões, não defende o ladrão, fuzileiro do Brasil. Não te faz assassino para enriquecer os ladrões que te enganaram. Vem fuzileiro, vem, vem aqui, seus irmãos, os soldados da Polícia Militar aqui estão há 48 horas, para cumprir um duro dever, o necessário dever. Estão aqui para defender a nossa liberdade, que é deles, que é minha, que é de todos, que é sua também, fuzileiro do Brasil. Não se deixes transformar em um assassino, meu irmão, meu amigo, meu possível companheiro. Não manche as suas mãos com o sangue dos inocentes. Se queres matar-me, me espera em uma esquina e me mata, mas não mata os outros. Os que têm por crime apenas serem leais a um governo digno, e defenderem o estado, a paz do
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Continuação da Entrevista do Canal 6 – TV Tupi			
Continuação da Faixa 3, da Fita 162			
1.2 Faixa 2			
Pronunciamento do Governador Lacerda sobre a Tentativa de Invasão do Palácio Guanabara pelos Fuzileiros Navais - Palácio Guanabara			
1.3 Faixa 3			
Governador Fala à Rádio JB sobre a Vitória das Forças Revolucionárias - Palácio Guanabara			
1.4 Faixa 4			
Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV			
1.5 Faixa 5			
Continuação da Faixa Anterior			
Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV			
2. Temas			
2.1 Faixa 1			
Crítica à Bossa Nova			
2.2 Faixa 2			
Lacerda conclama os fuzileiros à aderirem à “Revolução”, general Krueel, tropas do 2º Exército, dinheiro roubado, soldados da Polícia Militar, almirante Pena,			



crítica o general Aragão, liberdade

#### 2.2 Faixa 3

Invasão da rádio JB, grupo de fuzileiros, almirante Aragão, resistência no palácio Guanabara, Nascimento Brito, Constituição, Ranieri Mazzili, Congresso, prestígio das Forças Armadas, invasão do Jornal do Brasil, salvar o Brasil, liberdade de imprensa, campanha eleitoral, candidatos da legalidade, reformas de estrutura, comunismo derrotado

#### 2.4 Faixa 4

Viagem ao exterior, crítica à parte da imprensa dos EUA, expulso do país, sucesso do governo, planos de implantar uma ditadura, candidato à sucessão, Hélio Beltrão, crítica a cobertura da imprensa estrangeira

#### 2.5 Faixa 5

Elogios a Castelo Branco, lentidão dos ministérios, prioridades da "Revolução", comunistas e negociatas, progresso econômico e social, eleições livres, máquina de Juscelino, definir a natureza da "Revolução", Fundação Getúlio Vargas, economia brasileira, revolução comunista, ajuda dos cubanos, russos e chineses, liberdade, escravidão, sindicatos, tutela do Ministério do Trabalho, elogios aos empresários brasileiros, valorização da agricultura, Brasil credor, instalação de uma base russa

povo, a honradez do povo, a lei do povo, a ordem do povo. Meus amigos, neste momento eu entrego o microfone ao almirante Pena, que aqui se encontra e que vai falar a São Paulo, a Minas, ao Brasil e aos fuzileiros, que acaso estejam ainda se aproximando do Palácio Guanabara. Saíam daqui, ninguém quer matar ninguém, mas ninguém se deixará matar impunemente. Viva a liberdade, viva o Brasil, viva a honra do Brasil. Almirante Aragão, assassino monstruoso, impetuoso miserável. Almirante Aragão, não se aproxime porque eu o mato com o meu revólver, canalha. Bandido, traidor, a sua hora chegou. Volte enquanto é tempo, garanta a impunidade, bandido, matador e mandante de inocentes soldados para matar outros soldados, para esconder a sua desonra, canalha."

#### Faixa 3

Governador Fala à Rádio JB sobre a Vitória das Forças Revolucionárias - Palácio Guanabara  
 Pede desculpa a todos que trabalhavam na rádio, pelo fato de o governo do estado não ter podido atender prontamente ao problema da rádio, invadido por um grupo de fuzileiros comandados pelo almirante Aragão. Lacerda argumenta que toda força disponível, que era pouca, estava concentrada na resistência no palácio Guanabara. Agradece a compreensão do senhor Nascimento Brito, que quis evitar um confronto em sua rádio. Lacerda diz que não sabe quem iria governar o Brasil, mas, segundo a Constituição, adianta Lacerda, com a saída do presidente, ocuparia a presidência, na ordem de sucessão, o presidente da Câmara, Ranieri Mazzili. Porém, continua, em um prazo máximo de 30 dias, o Congresso elegeria um presidente para cumprir o mandato até as eleições de 1965. Menciona que não tinha um candidato para aquela eleição, mas defende que fosse alguém com prestígio junto às Forças Armadas. Lacerda também considera importante que fosse um homem sem a ambição de permanecer no poder, com prestígio no Brasil e no exterior. Comenta que seria importante que o Brasil chegasse às eleições de 1965 sem desordem, mas também sem inércia. Espera que o Congresso cumprisse com rapidez e patriotismo o seu dever. Diz que era a hora dos políticos de linhas claras, ideias claras, límpidas e precisas. Quanto à invasão do Jornal do Brasil, acredita que era uma consequência natural da posição que o jornal havia tomado em seus editoriais, naquele momento. Acha que os editoriais tinham contribuído para formar uma opinião, inclusive nas Forças Armadas, sobre a necessidade de expelir este corpo estranho que estava atormentando a vida do povo brasileiro. Lacerda diz que não queria cobrar do Jornal do Brasil, mas que o jornal havia entendido, então, porque tinha sido censurado durante poucos dias. Entende que estavam lutando para salvar o Brasil, a liberdade de imprensa. Comenta que os



legalistas, democratas, assim que viram ameaçados o seu dinheiro e as posições que estavam dando aos comunistas, invadiram com fuzileiros o JB. Por isso o jornal deveria entender a posição dele. Lacerda lamenta que enquanto governadores das mais diferentes tendências se uniam, se esforçavam por uma solução, alguns candidatos estavam fazendo campanha eleitoral, apresentando-se como candidatos da legalidade. Lacerda deplora a forma mesquinha, melancólica como a quadrilha tinha debandado. Afirma com ironia que eram aqueles os grandes homens, os grandes reformadores, os grandes heróis das reformas de estrutura do Brasil. Lacerda faz um alerta de que não se brincava com o comunismo. Comenta que o Brasil podia, então, gabar-se de uma façanha memorável, porque tina derrotado a Rússia sem guerra. Sustenta que nós não éramos nem queríamos ser colônia de ninguém.

#### *Faixa 4*

Gravação ruim

Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV

Carlos Lacerda explica a sua viagem para o exterior. Critica parte da imprensa dos EUA por ter dito que ele tinha sido expulso do país pelo ministro da Guerra Costa e Silva. Acha que devia uma satisfação à população da Guanabara. Afirma que estava saindo de três anos de tensão, ele e sua mulher. Conta que em algumas inaugurações não sabia se conseguiria voltar para casa. Menciona que no poder os amigos se afastavam, mas os inimigos se aproximavam. Lacerda diz que a sido perseguido por três anos, por ter cumprido o que tinha prometido. Lacerda acredita que o sucesso do seu governo tinha atrapalhado os planos de implantar uma ditadura no Brasil. Salienta que estava exausto, estava no limite da sua capacidade de resistir. Afiança que seria candidato à Presidência da República em 1965. Fala que havia um candidato à sua sucessão, Hélio Beltrão. Critica a cobertura da imprensa estrangeira a respeito do Brasil.

#### *Faixa 5*

Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV

Ressalta que queria deixar o governo em boas mãos. Agradece a todos que o tinham ajudado a governar o estado do Guanabara. Elogia o presidente Castelo Branco, mas critica a lentidão dos ministérios do seu governo. Adianta que as prioridades da “Revolução” deveriam ser: retirar os comunistas e negociatas do poder; promover o progresso econômico e social do país, além de promover eleições livres. Explica que para montar eleições livres seria preciso quebrar a máquina de Juscelino, montada havia 30 anos. Considera que na Assembleia da Guanabara ainda existiam



			<p>negocistas e comunistas que precisavam ser expulsos. Ressalta que tinha confiança no presidente Castelo Branco, que estava criticando o ambiente geral. Acredita que seria necessário definir a natureza da “Revolução” e que era isto que se propunha a fazer. Lacerda lê um estudo feito pela Fundação Getúlio Vargas a respeito da economia brasileira nos últimos três anos. O trabalho mostra estatísticas que indicam a queda de rendimento da economia brasileira entre 1961 e 1963. Ele afirma que o resultado ruim da economia neste período não fora apenas incompetência do governo, fora intencional, com o objetivo de fazer uma revolução comunista no Brasil. Lacerda relata as estratégias utilizadas pelos comunistas para tomar o poder, e afirma que os comunistas tentaram fazer isso no Brasil. Pensa que o Brasil estava sendo traído por brasileiros, ajudados por cubanos, russos e chineses. Mas, salienta que nem todos os brasileiros traidores eram comunistas, alguns queriam apenas poder, outros dinheiro, alguns ainda dinheiro e poder. Lacerda afirma que o combate ao comunismo no Brasil precisava continuar, não poderia ser interrompido. Ele considera que as Forças Armadas tinham cumprido o seu papel de proteger o país. Afirma que os revolucionários ainda não sabiam o que fazer com a sua vitória. Lacerda entende ser fundamental que o país decidisse se era a favor da liberdade ou da escravidão, do controle rígido ou da libertação das forças de produção nacional. Entretanto, garante que a “Revolução” não fora feita para necessariamente devolver as refinarias a seus donos e para consagrar o lucro de ninguém. Defende que os sindicatos saíssem da tutela do Ministério do Trabalho e que realizassem eleições livres. Elogia os empresários brasileiros, que colaboravam para o enriquecimento nacional. Acha que a “Revolução” precisava valorizar a agricultura, que havia sido desprezada pelo último governo. Para Lacerda, não havia razões para que os brasileiros se sentissem mal por causa do atraso do governo brasileiro no pagamento das dívidas com outros países. Segundo ele, o Brasil era credor dos EUA, França, Inglaterra, Alemanha, Itália. O seu argumento era de que os Estados Unidos não conseguiriam, sem guerra, impedir a instalação de uma base russa no maior país do continente americano, contra eles.</p>
<p><b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.164</b></p> <p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1 Continuação da Faixa Anterior Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV</p> <p>1.2 Faixa 2</p>	<p>F1: 27 min F2: 6 minutos</p>	<p><b>F1: 04/04/1964</b> <b>F2: 04/04/1964</b></p>	<p><i>Faixa 1</i> Continuação da Faixa Anterior Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV Carlos Lacerda afirma que o Brasil tinha conseguido derrotar a Rússia sem fazer uma guerra e assim impedir a expansão do comunismo no mundo. Por isso, era preciso valorizar o Brasil e transformar o país em uma grande nação. Afirma que o Brasil não estava pedindo favor, mas justiça.</p>



Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV

## 2. Temas

### 2.1 Faixa 1

Derrota da Rússia, expansão do comunismo, melhoria da vida da população, prisões, dinâmica revolucionária, dinâmica do desenvolvimento nacional, justiça social, Dom Hélder Câmara, crítica aos ex-presidentes João Goulart e Juscelino, visão mesquinha do Brasil, sentido da “Revolução”, liberdade, enriquecimento nacional, colaboração internacional, reputação dos “Pedro Calmon”, massas que apoiavam João Goulart

### 2.2 Faixa 2

Governo honesto, subvenções oficiais à imprensa, desmonte da máquina de Juscelino, dever da “Revolução”, devolução do poder, interesse pelo Brasil

Lacerda sustenta que todas as guerras tinham um alto preço, e que o Brasil ganhara a guerra para si e para todos. Assim, estava na hora de melhorar a vida da população, dar independência ao povo. Menciona que as prisões deveriam limitar-se às estritamente necessárias. Afirma que não se deveriam prender artistas, escritores, nem jornalistas. Acredita que a dinâmica revolucionária deveria coincidir com a dinâmica do desenvolvimento nacional e que só existia justiça social nos países que haviam prosperado economicamente. Acha que era preciso acabar com os discursos de Dom Hélder Câmara, que falava da miséria como se a cultivasse no jardim. Considera que se quisessem falar da miséria seria preciso falar também sobre o comunismo. Lacerda critica os ex-presidentes João Goulart e Juscelino por terem uma visão mesquinha do Brasil. Assinala que esta visão do país não poderia continuar. Espera que não fosse necessário fazer uma nova revolução. Afiança que não se poderia fugir do desafio de dar um sentido à “Revolução”. Considera que seria preciso que o Brasil se portasse perante o mundo com orgulho por ter feito a “Revolução”. Diz que o Brasil tinha algo a oferecer ao mundo, uma experiência de vitória. Considera que não se podia ter vergonha de ser contra o comunismo, porque ser contra o comunismo era ser a favor da liberdade. Mas, para Lacerda, era preciso ser a favor também do enriquecimento nacional e para isso seria preciso abrir as portas do Brasil à colaboração internacional. Faz desafios, que ocupem o seu lugar nos dois meses em que estaria ausente, que construíssem escolas como ele, ousassem e arriscassem como ele. Ironiza a reputação dos “Pedro Calmon”, dos bons moços, conformados de nascença. Destaca que era contra isso que o povo reagia. Questiona onde estavam as massas que apoiavam João Goulart.

### *Faixa 2*

Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV

Carlos Lacerda salienta que governo honesto também corria riscos. Relata que com o corte das subvenções oficiais à imprensa, existia o perigo deste ou daquele grupo suprir a subvenção do governo por uma subvenção inconfessável, em que, segundo ele, era mestre o ex-presidente Juscelino. Por esse motivo, Lacerda volta a falar sobre a importância de destruir a máquina de Juscelino, para que houvesse igualdade de condições nas eleições de 1965. Diz que seria preciso aproveitar a hora, porque tudo passava rápido. Porém, o que valia era a ideia de que se tinha feito uma “Revolução” e que ela teria um dever a cumprir. Mas, adverte que se não cumprisse, ele deveria devolver o poder, não a João Goulart, mas ao seu legítimo sucessor,



			Juscelino Kubitschek. Entretanto, diz não acreditar que isso fosse acontecer, que era o momento de agir. Conta que ia em busca de um repouso e de uma convivência maior com sua filha e sua mulher. Espera conseguir ter tranquilidade no exterior, embora não fosse perder o interesse pelo Brasil enquanto estivesse fora.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.165</b>	F1: 17 min F2: 55 min	<b>F1: 04/04/1964</b> <b>F2: 04/04/1964</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV</p> <p>Lacerda fala sobre o momento em que Amauri Kruel teve que decidir entre a amizade a João Goulart e o dever, e assegura que ele optara pelo dever. Diz que a nação brasileira estava saturada e que, se não fosse a “Revolução”, apenas uma guerra civil libertaria o Brasil da tirania e da desgraça. Relata que quem tinha participado da “Revolução” não tinha ódio a ninguém, mas não admitiam que se confundisse quem era bom com quem era mau, quem era honesto com quem era desonesto e que se entregasse de novo o poder aos desonestos, em nome de complicações políticas. Lacerda acusa Goulart e Brizola de fingirem defender a legalidade, mas fazerem de tudo para alterar a Constituição. Por isso, diz que não se deveria desperdiçar nem um minuto. Lacerda pensa que a “Revolução” precisaria ter um nome para a presidência, um nome que não tivesse ambição política, que viesse para cumprir exclusivamente o seu dever e esperava que o Congresso tivesse consciência da sua enorme importância para o Brasil e que as Forças Armadas nunca mais precisassem intervir no país. Volta a falar sobre a necessidade de escolher rapidamente um novo presidente. Afiança que este era o momento de um povo sério ter um presidente sério.</p> <p><i>Faixa 2</i></p> <p>Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV</p> <p>Lacerda transmite um apelo do presidente do Senado e do presidente da Câmara para que todos os deputados e senadores fossem à Brasília, para eleger o presidente da República, para o resto do mandato de João Goulart. Conta que o ex-presidente havia mentido à imprensa internacional ao dizer em Brasília que ainda era o presidente do Brasil. Lacerda relata que João Goulart saíra de Brasília com destino ignorado. Afirma que não adiantava Brizola tentar reconstruir a rede da legalidade, porque tinha acabado, não havia mais volta. Lacerda diz que não se considerava chefe da “Revolução”, que as Forças Armadas tinham sido responsáveis pelo movimento. Ele e outros governadores apenas haviam aplaudido entusiasticamente. Agradece o apoio que teve na Guanabara para a resistência durante a “Revolução”, facilitando a tarefa do Exército. Acrescenta que a Guanabara tinha celebrado a data</p>
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV			
1.2 Faixa 2			
Despedida do Governador ao Povo por Cadeia de Rádio e TV			
2. Temas			
2.1 Faixa 1			
Amauri Kruel, “Revolução”, guerra civil, tirania, complicações políticas, acusação a Goulart e Brizola, Constituição, Congresso, Forças Armadas			
2.2 Faixa 2			
Apelo do presidente do Senado, eleição do presidente, destino ignorado, rede da legalidade, chefe da “Revolução”, Forças Armadas, renúncia de Jânio Quadros. Parlamentarismo, ministros de Jango, presidencialismo, sindicatos brasileiros, imposto sindical latifundiário, Bolsa de Valores, Carvalho Pinto, emissão de letras do Tesouro, reformas, investimento, reforma agrária, SUPRA, comunistas, pobres camponeses, indústria da invasão, escândalos na Petrobras, crítica a Darcy Ribeiro, Partido Comunista, pelegos no Exército, na Marinha e na Aeronáutica			



da libertação. Afirma que havia muito tempo não via o povo tão alegre. Diz que, após a renúncia de Jânio Quadros, Leonel Brizola tinha vencido as Forças Armadas com discursos no rádio. Mas, lembra que os três ministros militares de Jânio Quadros haviam alertado para o risco de João Goulart assumir a presidência. Afirma que o parlamentarismo foi uma solução para diminuir o risco de um governo de Goulart. Sustenta que Goulart tinha chegado a Brasília para tomar posse tendo concordado com o acordo que instituiu o parlamentarismo. Critica os ministros de Jango que, segundo ele, foram empossados para destruir seus ministérios e o regime parlamentarista. Lacerda critica o dinheiro gasto pelo governo João Goulart na campanha do plebiscito. Assegura que ninguém estava satisfeito com o parlamentarismo e por isso o presidencialismo vencera o plebiscito. Diz que os sindicatos brasileiros não eram independentes, estavam ligados ao governo, que tinha instituído o imposto sindical para manter os sindicatos sob seu controle. Lacerda afiança que Goulart era o maior latifundiário do Brasil e o acusa de ter enriquecido ilegalmente, enquanto ocupava a presidência. Lacerda acusa Goulart de dar um grande golpe na Bolsa de Valores. Isto porque o seu ministro da Fazenda, Carvalho Pinto, havia anunciado a emissão de letras do tesouro, papel muito valorizado, e esta notícia tinha feito o preço das ações despencarem, porque todo mundo tinha vendido ações para comprar letras do tesouro. Porém, adianta, no dia seguinte Carvalho Pinto foi demitido e Nei Galvão tomou posse e afirmou que não iria mais emitir letras do tesouro. Lacerda diz que as ações voltaram a se valorizar e com isso, os que já sabiam desta mudança, fizeram fortunas. Lacerda diz que quem mais enriqueceu com este golpe havia sido Goulart, que deveria ter escondido o dinheiro na Suíça ou em Nova York. Lacerda critica Goulart por usar as reformas como pretexto para governar. Conta que ele sempre alegava que era preciso aprovar as reformas e não governava. Lacerda aponta a falta de investimento do governo federal na agricultura. Diz que todos queriam a reforma agrária, mas cada um tinha o seu modelo. Lacerda afirma que Goulart não queria fazer a reforma agrária, mas criar a SUPRA (Superintendência da Política Agrária). Acusa os comunistas de aliciarem pobres camponeses para invadirem as propriedades e criarem uma indústria da invasão. Volta a Goulart, afirmando que ele usava a reforma agrária como pretexto para reformar a Constituição. Lacerda assegura que durante o governo de Goulart tinha havido uma série de escândalos na Petrobras, comandada por comunistas. Critica Darcy Ribeiro, escolhido como chefe da Casa Civil por Goulart, dizendo que ele foi escolhido somente por ser subordinado ao Partido Comunista. Lacerda aponta como grande erro dos comunistas no Brasil



			o fato de terem desafiado as Forças Armadas antes do tempo. Diz que João Goulart incentivara a formação de pelegos no Exército, na Marinha e na Aeronáutica. Ele menciona que o número de sargentos que apoiava Goulart era insignificante.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.166</b>	F1: 30 min F2: 25 min	<b>F1: 28/01/1964</b> <b>F2: 28/01/1964</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Discurso de Carlos Lacerda</p> <p>Carlos Lacerda saúda o presidente da Assembleia, Raul Brunini, e faz diversos elogios a ele. Conta que considerava Brunini um símbolo udenista, uma presença constante e indispensável. Explica que Brunini era o seu melhor, mais constante e independente crítico e que havia entre eles uma lealdade incondicional. Comenta que não era um caçador de posições políticas, que não fazia comércio de suas convicções. Acha que o presidente da UDN, Bilac Pinto, poderia sacrificar a sua candidatura se considerasse que isto seria necessário para manter a unidade partidária. Assegura que nunca pressionaria o Diretório Nacional do partido para aprovar a sua candidatura. Lacerda menciona que se fosse candidato, iria procurar outros partidos para fazer alianças, mas iria principalmente procurar o povo. Diz que a direção da UDN nada lhe devia, mas tinha que prestar conta a 17 diretórios regionais do partido que já se tinham manifestado a favor da sua candidatura. Considera que para a sua sucessão no governo da Guanabara, deveria ser escolhido um candidato com condições de governar e com condições de vencer a eleição. Prefere não se manifestar sobre quem poderia ser este candidato, para não correr o risco de cometer alguma injustiça. Lacerda menciona que não pretendia negociar o apoio de políticos de outros partidos que não traziam votos. Fala que queria um udenista comprovado para governador do estado. Considera que tão importante quanto manter o partido unido, era manter a proximidade da UDN com a população. Lacerda alerta que se a UDN elegeisse um governador que não soubesse governar, não conseguiria voltar ao poder depois. Afirma que o primeiro passo para vencer a eleição era conseguir o voto das favelas. Defende que uma das propostas do candidato do partido deveria ser garantir ensino de segundo grau público e gratuito para todos.</p> <p><i>Faixa 2</i></p> <p>Lacerda acusa Juscelino de não prestar contas ao Congresso Nacional de cerca de 500 bilhões de cruzeiros de créditos extraordinários que utilizara, sem autorização legal, quando era presidente. Defende-se da acusação de não ter prestado contas do seu governo. Lacerda acredita que o povo já tinha tomado uma decisão. Ele afirma que tinha apoio da população para se candidatar à presidência em 1965. Critica a inflação e a baixa taxa de crescimento do Brasil nos últimos anos. Diz que as Forças Armadas estavam sendo</p>
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Homenagem ao Deputado Raul Brunini			
1.2 Faixa 2			
Homenagem ao Deputado Raul Brunini			
2. Temas			
2.1 Faixa 1			
Elogios a Raul Brunini, caçador de posições políticas, presidente da UDN, Bilac Pinto, sacrificar candidatura, unidade partidária, alianças, manifesto a favor da candidatura, negociar apoio, voto das favelas, ensino de segundo grau público e gratuito			
2.2 Faixa 2			
Reconquista democrática, falência moral das faculdades, advogado de defesa do Brasil, Petrobras, Forças Armadas, baixa taxa de crescimento, inflação, candidato à presidência, apoio da população, prestação de contas, Congresso Nacional, Juscelino			



			convocadas pelo presidente da República para realizar tarefas que não constavam de suas obrigações. Lacerda diz que precisava concluir seu discurso. Promete que a Petrobras, em seu governo, iria dar petróleo e não ladrões. Assegura que sua função era mais de advogado de defesa do Brasil do que de promotor dos seus inimigos. Menciona que pela primeira vez os brasileiros tinham visto a falência moral das faculdades, e pela primeira vez também tinham visto o idealismo transformado em teimosia, a esperança convertida em obstinação. Lacerda assinala que o povo traído não havia traído, que o povo decepcionado, não decepcionara. Afirma que em todo o Brasil o exemplo contagiante do trabalho e da honestidade reabria o caminho da reconquista democrática e da reforma democrática do Brasil.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.167</b>	F1: 25min F2: 25min	<b>F1: 19/07/1964</b> <b>F2: 19/07/1964</b>	<i>Faixa 1</i> Entrevista no Programa Pinga Fogo – 19/7/64
1. Assunto			Almir Guimarães pergunta sobre a carta que Lacerda tinha enviado ao presidente da UDN, Bilac Pinto, na qual dizia que se fosse necessário começaria tudo de novo. O entrevistador pergunta de onde o governador pretendia recomeçar. Lacerda responde que pretendia recomeçar por onde pretendia acabar, pelas eleições no prazo marcado. Considera que o Congresso não tinha poder de prorrogar mandatos. Armando Figueiredo pergunta se a “Revolução” tinha demonstrado espírito criador, uma força inovadora que desse ao país condições de sair do subdesenvolvimento, acabar com o caos político e a com a corrupção. Lacerda acha que sim, mas que ainda era cedo para avaliar. Por enquanto, ele acha que a “Revolução” se exprimia mais pelo que havia deixado de existir por causa dela. Então, estavam sendo criadas as condições para que ela se afirmasse. Maurício Gama lê uma matéria do JB que afirmava haver uma pressão militar para a prorrogação dos mandatos. Na mesma matéria, o jornal assegura que o Ministro da Guerra iria desmentir a existência de pressão militar. O jornalista pergunta se Lacerda acreditava que o ministro realmente iria desmentir esta notícia. Lacerda responde que não, e que o ministro tinha direito de defender a prorrogação Comenta que nos primeiros dias desta discussão da prorrogação, muitos ficaram convencidos de seus argumentos, acreditando que a “Revolução” precisaria de tempo para melhorar o país. Lacerda argumenta que os inimigos da “Revolução” estavam desorganizados e em 1966 eles teriam mais tempo para se organizar. Diz que uma “Revolução” que não confiava no povo nunca seria popular, e que a “Revolução” deveria confiar no povo que já demonstrara estar a seu lado. José Carlos Moraes pergunta o que aconteceria se fosse eleito um corrupto ou um esquerdista radical. Lacerda responde que ele deveria guardar esta pergunta para quando fosse entrevistar o general Costa e
1.1 Faixa 1 Entrevista no Programa Pinga Fogo			
1.2 Faixa 2 Continuação da Entrevista Entrevista no Programa Pinga Fogo			
2. Temas			
2.1 Faixa 1 Eleições no prazo marcado, prorrogação de mandatos. Subdesenvolvimento, pressão militar, inimigos da “Revolução”, esquerdista radical, unidade da UDN, salvar o Brasil, 440 comunistas e corruptos			
2.2 Faixa 2 Juscelino Kubitschek, “Revolução” brasileira precisara de explicadores, dinheiro do povo, quadrilha que estava em Paris,: Barros Carvalho, Murilo Costa Rego, deputado José Pedroso, Federação dos Sindicatos dos EUA, Brasil: país pobre, fraco, endividado			



Silva. O jornalista faz outra pergunta, se Lacerda acreditava na unidade da UDN em torno das teses que tinha acabado de levantar e no apoio total à sua candidatura, em 1965. Lacerda retruca que acreditava, desde que não passasse no Congresso a prorrogação de mandato. Almir Guimarães menciona que a “Revolução” tinha sido feita para salvar o Brasil, país com 70 milhões de habitantes, dos comunistas e dos corruptos. Mas, após a “Revolução”, os inquêritos feitos apontaram a existência de apenas 440 comunistas e corruptos. O jornalista pergunta se era esse o número mesmo, ou se tinha ficado alguém de fora. Lacerda considera que esta questão não deveria ser abordada apenas do ponto de vista estatístico. Diz que a “Revolução” não fora feita apenas para punir os corruptos, mas para criar um novo sistema que dificultasse a corrupção.

#### *Faixa 2*

Continuação da Entrevista

Entrevista no Programa Pinga Fogo

Maurício Gama cita uma entrevista em que o senador Juscelino Kubitschek afirma que a “Revolução” brasileira tinha sido a única que precisara de explicadores, gastando ainda por cima o dinheiro do povo. Juscelino ainda comenta que, em vários países, o emissário não tinha sido recebido por ministros e chefes de estado e nem pelo Papa. O jornalista pergunta como Lacerda responderia a estas declarações. Lacerda diz que não dava em homem deitado, que Juscelino estava mal informado, que ele tinha sido recebido pelo Papa e também pelos homens que no Vaticano informaram ao Papa sobre a América Latina. Comenta que compreendia que Juscelino não quisesse que se fizessem esclarecimentos sobre a “Revolução”, porque toda a sua turma estava em Paris, contribuindo para retardar o reescalonamento das dívidas do Brasil e a remessa de créditos para o Brasil. Ele afirma que poderia citar os nomes. Garante que sua missão na França havia sido muito bem sucedida. José Carlos Morais pede que Lacerda citasse os nomes dos membros da quadrilha que estava em Paris, trabalhando contra o Brasil. Lacerda retruca que iria citar o nome de alguns como o senador do PTB, Barros Carvalho, ex-ministro da Agricultura de João Goulart. Cita também o deputado do PTB, Murilo Costa Rego. Acusa também o genro do senador Barros Carvalho. Outro mencionado é o deputado José Pedroso, do PSD. Perguntam qual o ambiente que ele tinha encontrado no Departamento de Estado dos Estados Unidos, em relação ao Brasil. Lacerda menciona que os EUA eram um país curioso, porque alguns dos jornais mais conservadores estavam contra a “Revolução”, enquanto que a Federação dos Sindicatos tinha publicado um comunicado a favor da “Revolução”. Diz que o objetivo dos



			reacionários e comunistas era o mesmo, manter o Brasil como um país pobre, fraco, endividado.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.168</b>	F1: 25 min F2: 25 min	<b>F1: 19/07/1964</b> <b>F2: 19/07/1964</b>	<i>Faixa 1</i> Continuação da Entrevista no Programa Pinga Fogo da TV Tupi Almir Guimarães pergunta se existia mesmo um problema de relacionamento entre Lacerda e o General Costa e Silva. Lacerda responde que recentemente estivera na casa de Costa e Silva e conhecera seus netos. Um deles foi ao quarto e voltou com um fantoche que tinha a sua cara. Lacerda diz que quando é candidato dos netos, não briga com o avô. Armando Figueredo pergunta se seria boa para o país a participação de estudantes e operários nos debates sobre os problemas do Brasil. Lacerda responde que em princípio resultaria em um bem. Porém, adverte que nutria pena pelos debates esterilizados, que constituíam monólogos de várias vozes. Conta que fora à UNE (União Nacional dos Estudantes) debater e acredita que não tinha ido mal, mas nunca mais fora convidado. Maurício Gama alude ao fato de que o poeta Augusto Schmidt propunha um exame de consciência à “Revolução”. Maurício pergunta se Lacerda achava que já era a hora de fazer este exame. Lacerda responde que esta entrevista já era mais do que um exame de consciência. Ele acha que a “Revolução” tinha que ser menos discutida e mais posta em ação. José Carlos Morais quer saber se na opinião de Lacerda os crimes cometidos por comunistas e corruptos deveriam ser julgados pela justiça comum ou pela justiça militar, de acordo com o ato institucional. Lacerda diz que ainda não tinha uma opinião formada sobre este assunto. Almir Guimarães pergunta se, no caso do governador de São Paulo desistir de se candidatar à presidência em favor da sua candidatura, o que Lacerda faria em troca. Lacerda responde que não fazia trocas com o que não lhe pertencia. Comenta que isso deveria ser resolvido pelos partidos, não por ele. Afirma que seria excelente ter o apoio do governador de São Paulo e o que o que poderia dar em troca seria dar a São Paulo o que já era do estado na federação. Restituir a São Paulo a importância que ele tinha na federação brasileira. Entretanto, considera que isso não seria um favor e, portanto, não poderia ser objeto de barganha. Lacerda avalia que Ademar de Barros não pediria nada em troca. Maurício Gama pergunta a que tinha vindo a “Revolução” e qual era a mensagem nova da “Revolução” para o povo brasileiro? Lacerda responde que tinha um ponto de vista que poderia não coincidir com o de outros revolucionários. Ele defende que era preciso experimentar novas teses. Cita o caso da liberdade
1. Assunto			
1.1 Faixa 1			
Continuação da Entrevista no Programa Pinga Fogo da TV Tupi			
1.2 Faixa 2			
Continuação da Entrevista do Governador Carlos Lacerda no Programa "Pinga-Fogo", da TV Tupi			
2. Temas			
2.1 Faixa 1			
Problema de relacionamento, Lacerda e o General Costa e Silva, participação de estudantes e operários nos debates, debates esterilizados, UNE, Augusto Schmidt, exame de consciência, crimes cometidos por comunistas e corruptos, justiça comum ou justiça militar, apoio do governador de São Paulo, mensagem nova da “Revolução”, implantação de uma economia social de mercado			
2.2 Faixa 2			
Jânio Quadros, suspensão dos direitos políticos, Congresso aberto, incapazes e corruptos, clube fechado, cioso de seus privilégios, prorrogação de mandato, pulo do gato, lei de remessas de lucros, contribuição da Aliança para o Progresso, contribuição para a SUDENE empréstimos, financiamentos e donativos dos Estados Unidos, nacionalismo brasileiro, capital estrangeiro, emissão e desvalorização de dinheiro, menos escolas, menos fábricas no Brasil			



de iniciativa, que segundo ele, ainda não se experimentara no Brasil. Acrescenta que seria importante experimentar a implantação de uma economia social de mercado no Brasil.

*Faixa 2*

Continuação da Entrevista do Governador Carlos Lacerda no Programa "Pinga-Fogo", da TV Tupi

José Carlos de Moraes pergunta se Lacerda julgava que Jânio Quadros seria recuperável ao espírito da "Revolução", antes de vencida a suspensão dos seus direitos políticos. Lacerda diz que era tarde para decidir e cedo para perguntar. O jornalista pergunta se esta resposta era para agradar ou desagradar os eleitores. Lacerda retruca que não procurava agradar ou desagradar ninguém, mas apenas ser sincero. Diz que Jânio tinha cometido um crime grave contra o seu país, mas que provavelmente não tinha consciência das proporções do erro que cometera. Diz que não tinha ressentimento nem ódio do ex-presidente. Um telespectador pergunta se um Congresso com tantos incapazes e corruptos não poria em risco a "Revolução" e se deveria permanecer aberto e até quando. Lacerda responde que pior do que um Congresso com tantos incapazes e corruptos seria não ter nenhum Congresso. Assinala que o mais perigoso era que a atmosfera de Brasília estava transformando o Congresso em um clube fechado, cioso de seus privilégios, muito mais de que seus deveres. Acrescenta que existiam corruptos e incapazes em todas as assembleias no mundo, mas, mesmo assim, era melhor que elas existissem.

Almir Guimarães pergunta o que Lacerda faria se o Congresso aprovasse a prorrogação de mandato. Ele responde que não poderia revelar agora, que este era o pulo do gato. Armando Figueredo pergunta a opinião de Lacerda sobre a lei de remessas de lucro em discussão no Congresso e qual a contribuição da Aliança para o Progresso para a Guanabara. Lacerda fala que era bem menor que a contribuição para a SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), o que considerava justo. O governador considera que era um crime contra a nação brasileira retardar a reforma da Lei de Remessa de Lucros. Afirma que o Brasil precisava do dinheiro do exterior como todos os países, inclusive a Rússia. Conta que o presidente da Iugoslávia, que se dizia comunista, também aceitava empréstimos, financiamentos e donativos dos Estados Unidos. Critica o nacionalismo brasileiro, que não aceitava o capital estrangeiro. Lacerda afirma que a emissão de mais dinheiro na Casa da Moeda não era uma boa solução, porque desvalorizava o dinheiro brasileiro. Explica que os Estados Unidos e a França recebiam mais investimentos estrangeiros do que o Brasil. E lamenta que a cada hora que o Congresso demorava em aprovar a Lei de Remessas de Lucro representava menos escola



			no Brasil, menos fábrica no Brasil, menos comida na panela dos brasileiros. Afiança que o nacionalismo era dar comida e educação ao povo.
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.169</b>	F1:30 min F2: 30 min	<b>F1: 19/07/1964</b> <b>F2: 19/07/1964</b>	<p><i>Faixa 1</i></p> <p>Continuação da Entrevista do Governador Carlos Lacerda no Programa Pinga Fogo da TV Tupi</p> <p>Maurício Gama pergunta se a diplomacia estava servindo bem ao Brasil, ou deveria ser reformulada. Lacerda responde que era uma pergunta difícil, pois, segundo ele, o Itamaraty não existia mais. Lembra do episódio em que pediram a cassação do seu mandato, por ter revelado um código do Itamaraty, ao ler um telegrama da embaixada brasileira em Buenos Aires. Lacerda critica o código que era utilizado pelo Itamaraty. Considera que o Itamaraty precisaria passar por uma profunda reformulação. Pergunta de um telespectador sobre a atuação do embaixador brasileiro, Juracy Magalhães, nos Estados Unidos. Lacerda diz que o embaixador tinha recebido elogios nos Estados Unidos e diz que ficou muito satisfeito ao ouvir isso. José Carlos Moraes pergunta se Lacerda tomara conhecimento de uma reportagem do Times, a respeito de investimentos de políticos brasileiros em Portugal. Lacerda retruca que sabia da atuação dos grupos do senhor Borghi e de Walter Moreira Sales, que estavam especulando em Portugal. Diz que eles representavam as forças ocultas e que esse tinha sido um dos erros de Jânio Quadros, porque um dos elementos das forças ocultas havia sido seu embaixador em Washington. Almir Guimarães pergunta se Lacerda era favorável ao confisco de bens destes cidadãos e de outros que participaram ou facilitaram a corrupção no Brasil. Ele responde que se o governo se julgava no direito de tirar o principal direito de um cidadão, que era o de votar, ele não deveria nem se preocupar com algo insignificante como a sua conta no banco. Comenta que se fosse JK já teria até se desfeito dos seus bens, já que lhe tinham retirado seus direitos de cidadão. Armando Figueredo pergunta se as classes produtoras brasileiras estavam com uma nova mentalidade após a “Revolução”. Lacerda responde que temia que para alguns a “Revolução” fosse como um sedativo. Preferia que tivessem um pouco mais de insônia. Acredita que nem toda a classe produtora brasileira estava consciente da sua responsabilidade. Espera que as pessoas da classe produtora que tivessem essa consciência assumissem um papel de liderança. Alerta que se a “Revolução” fracassasse, quem perderia mais seria quem mais tinha. Almir Guimarães pergunta porque Juscelino fora cassado e ressalta que a população não sabia o motivo. Lacerda retruca que Juscelino sabia muito bem porque fora cassado, tanto que fugira sem se defender. Argumenta que se fosse com ele, ou seria fuzilado ou se</p>
<p>1. Assunto</p> <p>1.1 Faixa 1</p> <p>Continuação da Entrevista do Governador Carlos Lacerda no Programa Pinga – Fogo da TV Tupi</p> <p>1.2 Faixa 2</p> <p>Continuação da Faixa Anterior</p> <p>Continuação da Entrevista do Governador Carlos Lacerda no Programa Pinga Fogo da TV Tupi</p> <p>2 Temas</p> <p>2.1 Faixa 1</p> <p>Diplomacia servindo bem ao Brasil, cassação de mandato, código do Itamaraty, profunda reformulação, embaixador Juracy Magalhães, reportagem do Times, especulação em Portugal, Borghi e Walter Moreira Sales, confisco de bens, direitos de cidadão, classes produtoras, nova mentalidade, Juscelino cassado, repercussão no exterior</p> <p>2.2 Faixa 2</p> <p>JK, ambições pessoais, comunismo, perseguição dos inimigos. fase de expurgos, fama de direitista, sindicato do ódio, reforma agrária, analfabetismo agudo, abastecimento e política de preços, custo de vida, crédito da rede privada de bancos, carteira de redesconto, pânico no país</p>			



			<p>defenderia até o fim. Concorde que a repercussão da cassação no exterior fora ruim, e que para o bem da própria “Revolução”. ela deveria formalizar a acusação, para dar a ele o direito de se defender.</p> <p><i>Faixa 2</i>          Continuação da Faixa Anterior          Lacerda faz diversas críticas a JK, que por suas ambições pessoais abriu as portas do poder ao comunismo no Brasil e confundiu as suas aspirações pessoais com os ideais de democracia do povo brasileiro. Almir Guimarães pergunta porque a “Revolução” havia poupado políticos que contrariavam os ideais dela, como Sebastião Paes de Almeida, deputado federal, José Ermírio de Moraes, senador, e o deputado Hermógenes Príncipe. Lacerda explica que tinha uma concepção realista e prática sobre isso. Acredita que não se deveria perder muito tempo na perseguição dos inimigos. Diz que José Ermírio de Moraes tinha algum valor. E acrescenta que tinha horror à mesquinha e à mediocridade. Acredita que a fase de expurgos havia se encerrado com a cassação de Juscelino e que não eram só eles que contrariavam os ideais da “Revolução”. Lacerda menciona que o país precisa de trabalho. Milagre não valia. Maurício Gomes pergunta a Lacerda sobre a sua fama de jurista, de ser considerado por um jornal presidente do sindicato do ódio. Ele comenta que era presidente de um sindicato que só funcionava contra ele. Afirma que tinha feito uma reforma agrária em seu governo, sem dar o nome de reforma agrária e que o seu governo tinha feito diversas reformas. Lacerda diz que havia se criado no Brasil um analfabetismo agudo, disfarçado de ideologia. Ressalta que queria ser julgado pelo que fazia e não pelo que diziam os seus inimigos. José Carlos Moraes fala que Lacerda iria enfrentar uma grande batalha, a do abastecimento e a da política de preços do estado da Guanabara. Pergunta qual o plano do governador para enfrentar o problema do custo de vida. Lacerda conta que tinha algumas ideias que inclusive já apresentara ao presidente Castelo Branco. A primeira delas seria devolver aos produtores rurais a confiança para plantar. Defende que o comércio vendesse ao produtor agrícola a crédito, descontando o seu crédito na rede privada de bancos e este tendo seu desconto garantido na carteira de desconto, o que faria com que as oportunidades de crédito fossem multiplicadas. Lacerda defende outras medidas, mas considera fundamental impedir que os aventureiros e amadores desencadeassem o pânico no país.</p>
<b>BR RJAGCRJ.CL.FAM.1.170</b>  1. Assunto	F1: 30 min F2: 30 min	<b>F1: 21/08/1964</b> <b>F2: 21/08/1964</b>	<i>Faixa 1</i> Governador Carlos Lacerda no Programa Falando a Verdade, na Rádio Nacional Flávio Cavalcante pede que o governador fale



<p>1.1 Faixa 1 Governador Carlos Lacerda no Programa Falando a Verdade, na Rádio Nacional</p> <p>1.2 Faixa 2 Continuação da Faixa Anterior Governador Carlos Lacerda no Programa Falando a Verdade, na Rádio Nacional</p> <p>2. Temas</p> <p>2.1 Faixa 1 Flávio Cavalcante, Brasil antes e depois da “Revolução”, 31 de março, movimento militar, movimento popular, apelo da população, posse de João Goulart, caráter legalista, inimigo do governo, resistência do povo carioca, mobilização militar em São Paulo, guerra contra o comunismo, paz para plantar, estudante manifestar-se politicamente</p> <p>2.2 Faixa 2 Instituto Félix Pacheco, problema de pessoal, discurso da deputada Ivete Vargas, governo de João Goulart, democracia, manifestações em Portugal, Portugal matriz do Brasil, prorrogação de mandatos, instalação de telefones, compra das concessionárias de serviços públicos, abastecimento</p>			<p>sobre o Brasil antes e depois da “Revolução”, para depois responder às perguntas dos telespectadores. Lacerda diz que o movimento de 31 de março não fora, primeiramente, um movimento militar, mas um movimento popular liderado pelas mulheres brasileiras. Ele diz que as Forças Armadas só intervieram para atender a um apelo da população, que queria conservar sua liberdade e os seus interesses. Afirma que o Brasil estava irreconhecível nos últimos meses. Sustenta que após a renúncia de Jânio Quadros, as Forças Armadas não puderam evitar a posse de João Goulart, por seu caráter legalista. Salienta que durante os três anos do governo de Goulart o estado da Guanabara fora tratado como inimigo do governo e que a estratégia para enfrentar esta oposição do governo tinha sido trabalhar. Fala que a Guanabara, ao contrário das previsões, tinha conseguido resistir no dia 31 de março, graças à resistência do povo carioca, permitindo que se ganhasse tempo na mobilização militar em São Paulo, e começasse a desagregação das últimas forças fieis ao governo que começava a ser deposto. Diz que o Brasil ganhara a guerra contra o comunismo sem vítimas. Garante que muita gente ainda não se dera conta do risco que o Brasil corria e cobrava muito cedo os resultados da “Revolução”. Por isso Lacerda pede que a população tivesse equilíbrio e serenidade ao avaliar a “Revolução”, porque ela ainda não tivera tempo de se definir. Diz que os trabalhadores sabiam que a “Revolução” tinha melhorado o país, mas ainda estavam desconfiados. Lacerda diz que a Revolução de 30 trouxera muita coisa boa e muita coisa ruim e que o Brasil nunca mais fora o mesmo. Lacerda espera que a “Revolução” de 1 de abril também mudasse o Brasil para melhor. Diz que era a hora de devolver aos produtores agrícolas a paz para plantar, para evitar que houvesse fome no Brasil. Lacerda comenta que o importante agora era saber quem iria plantar e depois que se discutisse quem era o dono da terra. Assegura que as mudanças ocorridas nos três meses anteriores, no Brasil, valiam por anos. Mas, segundo Lacerda, nem todos ainda haviam percebido, mesmo entre os revolucionários. Por isso, acabavam se preocupando com problemas supérfluos, deixando de lado os problemas mais urgentes. Para Lacerda, o estudante tinha que ter o direito de manifestar-se politicamente, ainda que precocemente. Mesmo que, às vezes, dissessem bobagens, porque os velhos também as diziam. Ressalta que não se tratava de um favor, era um direito da juventude.</p> <p><i>Faixa 2</i> Continuação da Faixa Anterior. Governador Carlos Lacerda no Programa Falando a Verdade, na Rádio Nacional Um telespectador quer saber sobre o Instituto Félix</p>
--	--	--	---



		<p>Pacheco. Lacerda responde que o problema do Instituto era de pessoal, por isso o governo estava promovendo concursos e admitindo novos funcionários. Menciona que esperava resolver o problema até o final do ano. Outro telespectador pergunta como Lacerda tinha recebido o discurso da deputada Ivete Vargas, que o acusara veementemente. Responde que não ficara sabendo deste discurso e que não costumava ler os discursos da deputada Ivete Vargas. Perguntam porque as eleições em 1965, se o país ainda não se recuperara do governo de João Goulart. Lacerda argumenta que não via relação entre a eleição e João Goulart, que não iria concorrer em 1965. Ele afirma que a melhor maneira de preparar uma democracia seria lutar por ela, o melhor meio de realizar a democracia seria praticá-la. Considera que as eleições de 1965 não fariam mal a ninguém. Perguntam se Lacerda poderia ser candidato por outro partido</p> <p>Ele diz que não. Perguntam o que Lacerda tinha achado de Portugal. Ele responde que recebera uma série de manifestações em Portugal vindas do governo, da oposição, do povo, que o deixaram emocionado. Lacerda destaca que considerava Portugal a matriz do Brasil. Perguntam sobre a opinião de Lacerda a respeito da prorrogação de mandatos. Lacerda assinala que era contra a prorrogação e que o Congresso não tinha poderes para prorrogar mandatos, nem os próprios, nem os alheios. Acrescenta que os eleitores deveriam ser ouvidos a este respeito. Perguntam sobre o telefone. Lacerda promete que iria instalar os telefones na data prometida, no começo de 1965. Afirma que era contra a compra das concessionárias de serviços públicos no Brasil, inclusive a telefônica. Para Lacerda o dinheiro deveria ser utilizado para expandir e atualizar os seus serviços. Perguntam quando o governo iria tratar do problema do abastecimento. Lacerda diz que o abastecimento não era problema do estado da Guanabara, mas do governo federal e que aceitara colaborar para resolver o problema. Mas, afirma que a Guanabara tinha aumentado a sua produção agrícola.</p>
--	--	---